

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Área de História
Programa de Pós Graduação em História

MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES DA SEGUNDA
GUERRA MUNDIAL EM MUSEUS E MEMORIAIS
ALEMÃES (1950-2014)

RAFAEL HADDAD CURY PINTO

NITERÓI
2017

RAFAEL HADDAD CURY PINTO

**MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES DA SEGUNDA
GUERRA MUNDIAL EM MUSEUS E MEMORIAIS
ALEMÃES (1950-2014)**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Instituto de Ciências
Humanas e Filosofia na Área de História
do Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal
Fluminense orientado pelo Prof^o. Dr^o.
Bernardo Kocher, como requisito para
a obtenção do grau de Mestre em
História.

ORIENTADOR: PROF^o. DR^o. BERNARDO KOCHER

NITERÓI

2017

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

P659 Pinto, Rafael Haddad Cury.
Memória e representações da Segunda Guerra Mundial em museus e memoriais alemães (1950-2014) / Rafael Haddad Cury Pinto. – 2017.
151 f.
Orientador: Bernardo Kocher.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de História, 2017.
Bibliografia: f. 141-148.

1. História da Alemanha. 2. Guerra Mundial, 1939-1945. 3. Holocausto judeu, 1939-1945. 4. Memória. I. Kocher, Bernardo. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III. Título.

**MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL EM
MUSEUS E MEMORIAIS ALEMÃES (1950-2014)**

RAFAEL HADDAD CURY PINTO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e Filosofia na Área de História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense orientado pelo Prof^o. Dr^o. Bernardo Kocher, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História.

Banca Examinadora

Prof^o. Dr^o. Bernardo Kocher (UFF) – Orientador

Prof^a. Dr^a. Mônica Leite Lessa (UERJ)

Prof^o. Dr^o. Bruno Leal Pastor de Carvalho (UFF)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente ao meu orientador Bernardo Kocher pelo auxílio, atenção e paciência durante todo o processo de elaboração desse trabalho. Sem sua ajuda e apoio, nada poderia ter sido realizado. Devo igualmente agradecer aos dois professores que formaram minha banca de qualificação e de defesa: Mônica Leite Lessa e Bruno Leal Pastor de Carvalho. As indicações de mudanças em meu trabalho de ambos os profissionais foram determinantes para que este tivesse um bom termo.

Agradeço à minha mãe Marlene que, apesar de todos os problemas de saúde pelos quais passa, não se dá por vencida. Seu amor e dedicação por mim fizeram com que cada palavra aqui escrita tenha o reconhecimento de que ela é uma guerreira. Ao meu padrinho Marcelo, o reconhecimento pelo carinho e auxílio que sempre tive, em todos os momentos.

Também agradeço à Ellen e Lucia pelo grande aprendizado que tive durante meus anos de CEMEX: muito desse trabalho tem os ensinamentos de vocês. À Marco Aurélio e Thiago Romão agradeço a amizade de sempre; sei que posso sempre contar com vocês para tudo.

Não posso deixar de lembrar e agradecer a meu amigo Cesar, em muitos momentos o pai que nunca tive. A todos do Memorial Municipal Getúlio Vargas, meus agradecimentos por tudo.

Agradeço por fim à minha companheira de vida, Luciana: seu amor, carinho e afeto foram cruciais para que este trabalho pudesse ser realizado. Quando esmoreci, você estava ao meu lado não me deixando desistir; mesmo que somente com um olhar, você me mostrava que tudo daria certo, por mais que as situações do cotidiano não demonstrassem isso. Esta vitória também é sua, meu Amor. Sem você, isto não aconteceria.

RESUMO

PINTO, Rafael Haddad Cury. “**Memória e Representações da Segunda Guerra Mundial em Museus e Memoriais Alemães (1950-2014)**”. Orientador: Bernardo Kocher. Niterói: UFF/PPGH, 2017. Dissertação (História Contemporânea II, Nível: Mestrado)

A dissertação analisa os processos de construção da memória alemã acerca da Segunda Guerra Mundial, através das trajetórias de museus e memoriais criados no país a partir da década de 1950. Levando em conta os cenários políticos, econômicos e sociais em que a Alemanha se inseriu após o final do conflito bélico, esse estudo permeia a trajetória das “duas Alemanhas” durante a Guerra Fria, o processo de reunificação do país, e a trajetória da República Federal da Alemanha até o ano de 2014. Os debates e análises sobre diferentes temáticas que tangenciam as lembranças, silêncios e esquecimentos dos alemães sobre o conflito bélico serão amplamente analisados, e contribuirão sobremaneira para analisarmos a existência de lugares de memória como, por exemplo, museus e memoriais, que abordam a Segunda Guerra Mundial dentro do país. À partir da análise dos *sites* das instituições “*Memorial aos Judeus Mortos na Europa*” e “*Memorial and Museum Sachsenhausen*”, que trabalham especificamente com temáticas referentes ao Holocausto, trataremos de dissecar os principais aspectos da trajetória de ambos os lugares de memória, correlacionando suas existências e atuações aos processos de construção da memória dos alemães sobre a Segunda Guerra Mundial, e a influência que tais locais possuem na construção da mentalidade alemã sobre sua participação no conflito bélico, e no Holocausto.

PALAVRAS-CHAVE: Alemanha, Segunda Guerra Mundial, Holocausto, Memória.

ABSTRACT

PINTO, Rafael Haddad Cury. “**Memória e Representações da Segunda Guerra Mundial em Museus e Memoriais Alemães (1950-2014)**”. Orientador: Bernardo Kocher. Niterói: UFF/PPGH, 2017. Dissertação (História Contemporânea II, Nível: Mestrado)

The dissertation analyzes the processes of construction of the German memory about World War II, through the trajectories of museums and memorials created in the country from the 1950s. Taking into account the political, economic and social scenarios in which Germany inserted after the end of the war, this study permeates the trajectory of the "two Germans" during the Cold War, the process of reunification of the country, and the trajectory of the Federal Republic of Germany until the year 2014. The debates and analyzes on different themes that the german remembrances, silences and forgetfulness of the war will be analyzed in detail, and will contribute greatly to analyze the existence of places of memory such as museums and memorials that deal with the Second World War within the country. Based on the analysis of the sites of the institutions "*Memorial aos Judeus mortos na Europa*" and "*Memorial and Museum Sachsenhausen*", which deal specifically with themes related to the Holocaust, we will try to dissect the main aspects of the trajectory of both places of memory, correlating their existences and performances to the processes of construction of memory of the Germans on World War II, and the influence that these places have in the construction of the german mentality on their participation in the warlike conflict, and in the Holocaust.

KEY WORDS: Germany, World War II, Holocaust, Memory.

SUMÁRIO

Introdução	09
Capítulo 1 - Breve Histórico sobre a Alemanha: do Pós-Guerra ao século XXI	18
1.1 - A Reconstrução no Pós-Guerra à Crise de Berlim (1945-1961)	18
1.2 - Estabilidade política e declínio econômico: da década de 1960 à queda do Muro de Berlim (1962-1989)	30
1.3 - Da Reunificação à Alemanha do século XXI (1989-2014)	36
Capítulo 2 - A Memória alemã sobre a Segunda Guerra Mundial: lembranças, esquecimentos e silêncios (1950-2014)	41
2.1 - Os Julgamentos de Nuremberg e as tentativas de desnazificação da sociedade alemã	43
2.2 - Lembranças, Silêncio e Culpa na memória coletiva alemã do Pós-Guerra	47
2.3 - Um breve histórico: o antissemitismo na Alemanha do Terceiro Reich antes da Segunda Guerra Mundial (1933-1938)	50
2.4 - O Holocausto	60
2.5 - Os alemães vistos como Vítimas	70
2.6 - Museus e Memoriais como Lugares de Memória: apontamentos teóricos	77
Capítulo 3 - Memória e Representações da Segunda Guerra Mundial em Museus e Memoriais Alemães (1950-2014): os Casos do <i>Memorial and Museum Sachsenhausen</i> e do <i>Memorial aos Judeus Mortos na Europa</i>	81
3.1 - As Representações dos traumas referentes à Segunda Guerra Mundial e ao Holocausto nos Museus e Memoriais alemães: aspectos gerais	81
3.2 - A importância dos Museus e Memoriais para a salvaguarda da memória: as concepções imagéticas das exposições alemãs sobre a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto	89
3.3 - <i>Memorial aos Judeus Mortos na Europa</i>	94
3.4 - <i>Memorial and Museum Sachsenhausen</i>	109
Conclusão	130
Bibliografia	142
Fontes	150

INTRODUÇÃO

O século XX para a Alemanha foi um período de acontecimentos que alteraram profundamente muitas das características do país. Suas duas participações em guerras de dimensões mundiais acabaram em derrotas fragorosas, e que influíram diretamente nas mudanças políticas, econômicas e sociais pelas quais o Estado germânico passou durante o século passado. As consequências da Segunda Guerra Mundial, diante da amplitude do fracasso germânico, acabaram por modificar seriamente o país: a população saiu do conflito humilhada, tendo enfrentado provações de difícil mensuração, além de passar a ser apontada aos olhos da opinião pública europeia e mundial como os principais responsáveis não somente pela deflagração da guerra, como também pelo massacre de milhões de pessoas através das perseguições perpetradas pelos nazistas.

O Pós-Guerra na Alemanha iniciou-se como um período de transformações na estruturação do país: a administração do território alemão, dividida entre os Aliados (EUA, URSS, Grã-Bretanha e França), passou a melhorar gradativamente a situação de penúria da população, ao mesmo tempo em que tentava reconstruir, mesmo que de maneira parcial, as instituições políticas e sociais do país, cada um a seu modo. Entretanto, as modificações na conjuntura política internacional acabaram fazendo com que a Alemanha fosse inserida nas disputas de supremacia mundial envolvendo EUA e URSS, que acabaram dando origem ao período que ficou conhecido como Guerra Fria. Ainda mais dramática foi a divisão da Alemanha em dois Estados antagônicos, ideologicamente adversários: a República Federal da Alemanha (RFA), capitalista e democrática, também conhecida como Alemanha Ocidental, e a República Democrática Alemã (RDA), socialista e ditatorial, conhecida também como Alemanha Oriental. A trajetória desses dois países será abordada de maneira ampla em nosso estudo, sendo importante para entendermos as intrincadas consequências que essa divisão causou para os alemães, e também suas influências nos processos de rememoração, esquecimento e silêncio sobre a Segunda Guerra Mundial para grande parte da população alemã. Os acontecimentos que levaram à reunificação da Alemanha também serão analisados, e as novas vertentes a que o país passou a seguir durante o final do século XX e início do século XXI serão de importante contextualização durante todo nosso estudo.

Ainda no período do imediato Pós-Guerra, para alcançar seus intentos, as autoridades aliadas promoveram um processo que ficou conhecido como desnazificação, buscando de maneira geral alijar da Alemanha quaisquer traços do Terceiro Reich, transformando as reminiscências e referências ao regime nacional-socialista em uma “herança maldita”. Durante nossa análise, abordaremos como a desnazificação foi colocada em prática nas zonas administrativas aliadas, e quais foram suas influências nos processos de rememoração dos mais diversificados segmentos sociais alemães sobre a Segunda Guerra Mundial nos anos seguintes. Uma das principais consequências do combate incessante aos valores nazistas na Alemanha do Pós-Guerra foi um acentuado aumento em um sentimento nacional que já nos estertores do conflito se apresentava cada vez mais forte: a culpa pelos crimes que haviam sido praticados pelo Terceiro Reich. A culpa alemã surge no Pós-Guerra como uma das principais marcas de toda a população, e que acabou sendo transmitida através de gerações; como aponta Gitta Sereny, esse fato pode ser destacado até mesmo quando:

“quase todos os filhos de homens que foram nazistas de alta patente haviam se esforçado pra vencer os mecanismos de bloqueio que distorcem ou suprimem até completamente a verdade sobre os anos da guerra. Segundo alguns deles, se seus pais houvessem admitido a extensão de seu envolvimento com o Terceiro Reich e com suas consequências, as coisas poderiam ser diferentes: já que não o fizeram em vida, o enfrentamento da verdade foi deixado para as gerações seguintes. Incapazes de sentir vergonha ou arrependimento, os pais deixaram como legado aos filhos um sentimento de culpa terrível.”¹

Analisaremos as questões gerais referentes à culpa alemã com relação aos crimes cometidos pelos nazistas e a guerra, além de podermos depreender algo que é basilar em toda nossa análise: os mecanismos e processos referentes à rememoração, silêncio e culpa na Alemanha com relação à Segunda Guerra Mundial, abarcando diferentes componentes do multifacetado tecido social alemão. Será demonstrado em nosso estudo que a memória do conflito bélico e suas transmissões foram profundamente influenciadas pela culpa dentro do país germânico, atingindo não somente as reflexões coletivas como também as reminiscências pessoais: através das conceituações de Maurice Halbwachs, Karl Jaspers e Paul Ricoeur, desenvolveremos como as noções de

¹ SERENY, Gitta. *O trauma alemão: experiências e reflexões (1938-2000)*. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 2007, p. 345.

culpa se interligaram intimamente com os processos de rememoração dos indivíduos e da coletividade, propagando ideias e perpassando gerações.

Nossa análise também se propõe a efetuar uma contextualização importante com relação ao antissemitismo na Alemanha durante o período do Terceiro Reich, algo que posteriormente teria grandes consequências para os judeus: o Holocausto, que ocorreu durante a guerra, deixou marcas indeléveis na memória de expressivo número de alemães. Entretanto, como abordaremos no decorrer de nosso trabalho, até mesmo as reminiscências daqueles que haviam sofrido de alguma forma perante o massacre de boa parte da população judaica europeia acabaram por se inserir nos processos de silenciamento e esquecimento em ação no imaginário coletivo do Pós-Guerra nas “duas Alemanhas”.

Um dos fatores que reforçaram essas dinâmicas de não-lembrança está vinculado a uma percepção de boa parte da população alemã de que eles haviam sido vítimas da guerra, tanto quanto os milhões de pessoas que haviam perecido por causa do conflito. Abordaremos como temáticas socialmente traumáticas aos alemães, por exemplo, os bombardeios aéreos realizados pelos Aliados em grande parte do território germânico, que causaram mortes, destruição e sofrimento no país, alimentando argumentos de parte da opinião pública, principalmente no imediato Pós-Guerra, de que os atos hediondos cometidos pelos nazistas nos Campos de Concentração se equiparavam também às atividades que os Aliados haviam realizado, seja através do despejo de milhões de toneladas de bombas no dentro do espaço aéreo alemão ou até mesmo pelos estupros que ocorreram durante a invasão aliada da Alemanha, principalmente no que tange as tropas soviéticas. Como aponta Winfried Sebald, verdadeiros tabus sociais surgiram no Pós-Guerra referentes à esses assuntos, e permeiam parcela expressiva da coletividade alemã até os dias atuais.² Analisaremos como esses tabus influenciaram as memórias coletivas e individuais tanto na RFA quanto na RDA, e ainda estão presentes na sociedade alemã após a reunificação.

Para efetuarmos nosso estudo, algumas conceituações se tornam basilares, principalmente no que se refere aos principais instrumentos de análise a que nos propomos: os museus e memoriais alemães surgidos no Pós-Guerra, e que tratam de temáticas relativas ao conflito, mais especificamente com relação ao Holocausto. Uma

² SEBALD, Winfried Georg. *Guerra Aérea e Literatura*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2011.

das conceituações mais importantes que utilizamos é a de Pierre Nora, relativa às bases teóricas que definem os chamados lugares de memória: apresentaremos os principais argumentos que sustentam essa ideia, aos quais as instituições museais se inserem, além de demonstrar como as autoridades das “duas Alemanhas” se utilizaram dos lugares de memória por elas constituídos para disseminar suas visões ditas “oficiais” do Holocausto, suplantando em diversas ocasiões opiniões ou lembranças individuais ou até mesmo coletivas, que não seguissem os modelos de rememoração propostos pelos seus respectivos governos.

As representações de alguns dos traumas sociais alemães mais saltares à nossa análise, ligados a Segunda Guerra Mundial e ao Genocídio dos judeus, serão também dissecadas em nosso estudo, com relação às suas abordagens a partir da década de 1950 nas “duas Alemanhas” e, posteriormente, no país já reunificado. Demonstraremos como os mecanismos de rememoração, esquecimento e silêncio sobre a guerra foram sendo construídos durante décadas pela e para o tecido social alemão, e quais foram os movimentos de contestação surgidos a partir da década de 1960, questionando os tabus e traumas sociais. Apontaremos os principais esforços governamentais que visavam direcionar o máximo possível as memórias relativas ao Holocausto para seus próprios interesses (principalmente na Alemanha Oriental), sejam eles de “pacificação social”, ou mesmo políticos, e a utilização de museus e memoriais para tais fins. Diante do grande potencial de penetração das informações contidas em mostras e exposições, utilizaremos conceitos de Martine Joly e Georges Didi-Huberman para apontar como mostras e exposições se utilizam das referências imagéticas e patrimoniais para alcançar seus públicos, e como tais artifícios constroem as noções de historicidade, rememoração e pertencimento de comunidades locais e nacionais, não sendo diferente no caso da Alemanha. Discutiremos como as concepções imagéticas dos museus e memoriais alemães, de uma maneira geral, contribuíram sobremaneira para uma reiteração no discurso de culpa dos alemães durante a Guerra Fria, e como tentativas de mudança, principalmente após a reunificação da Alemanha, estão sendo realizadas também através de instituições museais para o rompimento desse paradigma.

Nosso estudo se baseou em duas instituições museais surgidas em períodos diferentes da segunda metade do século XX na Alemanha, e que tratam praticamente do mesmo assunto: o Holocausto. Pretendemos demonstrar com essa escolha que, museus e memoriais como lugares de memória pertencentes ao tecido social que os criou,

refletem diretamente as nuances históricas de uma sociedade. No caso da Alemanha essa afirmação não é diferente. Optamos pela escolha de dois espaços que abordam cada um a sua maneira, o perecimento de milhões de judeus devido às práticas genocidas dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. O *Memorial aos Judeus Mortos na Europa* e o *Memorial and Museum Sachsenhausen* situam-se não muito distantes um do outro, mas foram criados em períodos bem distintos entre si, e são reflexos fidedignos de suas épocas. Decidimos realizar nossa análise de suas respectivas trajetórias, mostras e exposições através dos *sites* oficiais de cada espaço museal: com isso, esperamos não somente utilizar essa ferramenta digital como instrumento de pesquisa, mas também para auxiliar na compreensão de como a memória desses locais foi sendo construída em consonância com os discursos políticos que vigoravam durante suas trajetórias como lugares de memória.

Todavia, tivemos a preocupação de efetuar análises pormenorizadas em cada *site* escolhido, tendo em vista evitarmos a reprodução de ideias e discursos que podem não condizer com a realidade histórica, com os mais variados objetivos; devido ao relativo caráter de novidade da internet como fonte e objeto histórico, devemos estar cientes de suas vantagens e limitações, que demandam um exame crítico extremamente criterioso, pois, como afirma Dennis Rolland, as páginas com informações digitais são elaboradas com “costuras invisíveis”, com qualidade e quantidades diversificadas.³ Diante desse amplo quadro, analisaremos como a memória e suas representações em relação à Segunda Guerra Mundial foram construídas na Alemanha do Pós-Guerra, através desses lugares de memória, e de que formas e com que objetivos são abordadas atualmente no país.

O *Memorial aos Judeus Mortos na Europa (Mahnmal für die ermordeten Juden Europas)* tem suas origens ainda no final da década de 1980, sob a perspectiva de mudanças sociais preconizadas por uma nova geração de alemães, que não haviam tido contato direto com a Segunda Guerra Mundial, e ansiavam por entender mais daquele período, algo complicado pela resistência de vários segmentos da população alemã, ainda inseridos no contexto de esquecimento e silêncio sobre o período: tamanhas foram as barreiras encontradas para a continuidade dos debates com relação à elaboração de

³ ROLLAND, Denis. *Internet e história do tempo presente: estratégia de memória e mitologias políticas*. Revista Tempo, Rio de Janeiro, n.º. 16, 2004, pp.59-92.

um memorial sobre o Holocausto em Berlim, que somente em meados da década de seguinte as tratativas para tal puderam avançar. O debate que inseriu parte da opinião pública da Alemanha já reunificada foi contínuo em fins dos anos 1990 e início do século XXI, pavimentando o caminho para que a inauguração do *Memorial* ocorresse em maio de 2005. Demonstraremos como o contexto que envolveu toda a trajetória do espaço museal, desde seu início até o ano de 2014, se coadunou com um período de mudanças na sociedade alemã, onde os mecanismos de rememoração, esquecimento e silêncio referentes ao conflito foram se modificando paulatinamente, mesmo com a permanência dos tabus sociais ainda sendo muito significativa em vários segmentos populacionais.

Outra instituição museal abordada em nosso estudo é o *Memorial and Museum Sachsenhausen*, que remonta suas origens ao período da Guerra Fria. O local onde se situa este lugar de memória é o mesmo onde durante o Terceiro Reich existiu o Campo de Concentração e Extermínio de *Sachsenhausen* e, no período do Pós-Guerra, sediou durante os processos de desnazificação um Campo Especial de prisioneiros dos soviéticos. Analisaremos como o período da Guerra Fria influenciou diretamente na criação do *Memorial*, e como através de suas mostras e exposições houve um suposto reforço na noção de culpa pela guerra na sociedade da Alemanha Oriental, além da instrumentalização do lugar de memória como um meio expressivo de propaganda do regime socialista. Através do *site* oficial do espaço, procuraremos demonstrar a trajetória do local desde sua fundação, até os dias atuais, mostrando como as mudanças na sociedade alemã durante a segunda metade do século XX influíram diretamente sobre o espaço museal, além de apontar as diversificadas reestruturações pelas quais o *Memorial and Museum Sachsenhausen* passou após a reunificação da Alemanha, para se adequar aos novos anseios sociais de renovação em suas relações com as memórias do período da guerra, e posteriormente.

De uma maneira geral, nosso trabalho traz em sua estruturação argumentações e arcabouços teóricos que dialogam constantemente entre si. O Capítulo 1 abordará a situação alemã no imediato Pós-Guerra, além do fato da ocupação Aliada do território alemão, mesmo com uma dinâmica própria em cada Zona Administrativa (Britânica, Estadunidense, Francesa e Soviética) acabou inserindo-se no contexto da nascente Guerra Fria: a sequência de crises políticas envolvendo principalmente EUA e a URSS

acabaram contribuindo sobremaneira para a divisão do país em dois Estados antagônicos, no fim da década de 1940 e início dos anos 1950.

Abordaremos as relações entre esses dois países nas décadas seguintes, além de suas respectivas participações no cenário político internacional polarizado da Guerra Fria: a reconstrução econômica e social de ambos os Estados será constantemente tratada durante este capítulo. Os dois Estados alemães eram de suma importância dentro do contexto geopolítico europeu e mundial: a cidade de Berlim, encravada na RDA, era ainda dividida em dois lados, sendo um ocidental (capitalista) e o outro, oriental (socialista). A construção do Muro de Berlim na década de 1960 acabou por levar o mundo a uma grave crise política internacional, e a própria estrutura tornou-se um dos ícones da divisão do mundo em decorrência da Guerra Fria. Trataremos também da situação na RFA e RDA durante as décadas de 1970 e 1980, quando uma série de mudanças internas e externas acabou trazendo um fortalecimento ainda maior da democracia na RFA, e um acentuado declínio da ditadura socialista da RDA. No final dos anos 1980, a situação de divisão da Alemanha tornou-se insustentável, fato esse acentuado pela acelerada desintegração do bloco soviético: no final da década e início dos anos 1990, o Muro de Berlim foi derrubado e a Alemanha tornou-se novamente um país unificado. Por fim, explicitaremos a situação do país germânico durante as décadas de 1990 e 2000, findando nossa análise no ano de 2014, durante o governo da Chanceler Angela Merkel.

O Capítulo 2 discutirá as abordagens sobre diversos aspectos da memória alemã, tanto individual quanto coletivamente, acerca da Segunda Guerra Mundial, e do Holocausto. Os processos de desnazificação das estruturas administrativas e sociais na Alemanha do Pós-Guerra serão analisados, além de outras tentativas dos Aliados em extirpar o nazismo do cotidiano da população como, por exemplo, através dos Julgamentos de Nuremberg, que além de seu caráter punitivo, ainda foram realizados com objetivos pedagógicos perante os alemães, para mostrar os crimes cometidos pelo Terceiro Reich. As questões relativas à memória coletiva alemã sobre a Segunda Guerra Mundial, abordadas segundo as óticas defendidas pelos autores Maurice Halbwachs e Paul Ricoeur serão amplamente tratadas nesse capítulo, assim como os mecanismos de lembranças, esquecimentos e silêncios serão de suma importância para explicarmos, segundo os conceitos de Culpa Coletiva, de Karl Jaspers, e Pacto de Silêncio, de Hermann Lübbe, como supostamente a memória dos alemães foi condicionada a

suprimir as lembranças e reminiscências acerca do conflito, para que uma suposta pacificação social pudesse ser alcançada tanto na RFA quanto na RDA. Trataremos das relações dos alemães com o Holocausto, e das abordagens que os supostamente vitimizam com relação à Segunda Guerra Mundial. Baseados nessas análises passaremos ao nosso objeto, tratando inicialmente dos museus e memoriais como lugares de memória, segundo as acepções de Pierre Nora, explicitando assim sua importância como um dos instrumentos utilizados na Alemanha para auxiliar nos processos de rememoração da Segunda Guerra Mundial à coletividade.

O Capítulo 3 trabalhará com as noções de patrimônio como suporte da memória e de reforço na identidade e pertencimento do indivíduo perante sua comunidade, conceitos esses defendidos por Jacques Le Goff e Michael Pollak. Elizabeth Duclos-Orsello complementa que as exposições devem ultrapassar a transmissão de conhecimentos, levando o visitante a participar ativamente da própria instituição museal. Alguns conceitos importantes acerca da utilização de imagens nas exposições dos museus e memoriais alemães sobre a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto serão abordados durante o capítulo: para Georges Didi-Huberman as imagens e as montagens que as utilizam são importantes instrumentos para a construção da historicidade. As montagens, inclusive, são artifícios largamente empregados nos museus, e para Didi-Huberman auxiliariam as imagens naquilo que elas não conseguiriam mostrar imediatamente. As significações das imagens para Martine Joly devem ser apontadas não somente com relação a suas possíveis interpretações, mas também através de suas origens e da própria mensagem proposta. Após décadas de construção da memória da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto para os alemães baseada nas polarizações da Guerra Fria, as representações desses fatos históricos após 1989 em instituições, museus e memoriais têm de ser adaptadas às necessidades e anseios da população na atualidade. Os espaços de representação da memória alemã contribuíram sobremaneira para a formação de uma mentalidade de culpa generalizada de milhares de pessoas em relação aos crimes cometidos pelos nazistas durante o conflito. As autoridades da RFA e RDA, através dos museus e memoriais como lugares de memória, elaboraram e consolidaram as visões sobre a guerra e o Genocídio dos judeus, construindo representações que moldaram a visão de milhares de indivíduos durante a Guerra Fria, e que permanecem supostamente influenciando a mentalidade de muitos mesmo após a queda do Muro de Berlim. Serão analisados os motivos pelos quais as autoridades alemãs utilizavam as

exposições em museus e memoriais para difundir suas visões à população sobre o conflito bélico e o assassinato de milhões de judeus durante a Guerra Fria, e a mudança nos paradigmas referentes a essas temáticas após a reunificação. Empreenderemos também um estudo sobre duas das principais instituições museais surgidas na Alemanha do Pós-Guerra, referentes ao Holocausto, o *Memorial aos Judeus Mortos na Europa* e o *Memorial and Museum Sachsenhausen*, e suas respectivas representações do conflito: essa análise será realizada através da utilização dos *sites* oficiais de cada espaço, que abordam os direcionamentos idealizados para as exposições e mostras, com relação às temáticas que são trabalhadas em cada um deles.

Procuraremos demonstrar até que ponto os museus e memoriais alemães auxiliaram e ainda contribuem na construção da mentalidade da população sobre sua própria participação na Segunda Guerra Mundial, e durante os eventos que culminaram no Holocausto. Também nos importa saber as mudanças que ocorreram sobre a abordagem dessas temáticas desde o Pós-Guerra, até os dias atuais, utilizando para tais fins a própria atuação das instituições que tratam sobre a História do Holocausto na Alemanha.

CAPÍTULO 1

BREVE HISTÓRICO SOBRE A ALEMANHA: DO PÓS GUERRA AO SÉCULO XXI

Neste capítulo será apresentado um breve histórico sobre a Alemanha, no período após a Segunda Guerra Mundial, até o século XXI. Foi escolhida uma subdivisão simplificada dos períodos históricos, com a apresentação dos fatos mais relevantes de cada um deles, tendo em vista uma explanação que será de suma importância durante todo o andamento deste estudo. A subdivisão da Alemanha em um país capitalista (República Federal da Alemanha) e outro socialista (República Democrática Alemã) será abordada, assim como a crise política e diplomática inserida no contexto da Guerra Fria com relação à cidade de Berlim, que acabou transformando-se em um dos símbolos do período através de um Muro: sua extinção, no ano de 1989, levou o país a unificar-se novamente logo depois, além de contribuir sobremaneira para o colapso político da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) dois anos depois. Durante a década de 1990 e os primeiros anos do século XXI, a Alemanha vem se reconstruindo, tornando-se cada vez mais uma sólida democracia dentro do continente, além de manter-se como um dos baluartes econômicos e políticos dentro da União Europeia.

1.1 - DA RECONSTRUÇÃO NO PÓS-GUERRA À CRISE DE BERLIM (1945-1961)

Em meados dos anos 1940, a Alemanha encontrava-se em um estado caótico: o país, que iniciou as hostilidades da Segunda Guerra Mundial na Europa em 1939, apresentava um grau de destruição e desordem social de difícil mensuração em 1945, não somente pela derrocada do Terceiro Reich, mas também pelas seguidas operações militares em seu território, que ocorriam desde o início da década. Milhares de soldados estrangeiros ocupavam as cidades alemãs, os civis enfrentavam as agruras da fome, falta de água potável e doenças: as mulheres, muitas das vezes praticamente sozinhas na

função de conseguir sustento para suas famílias, já que a maioria da população masculina havia sido alistada para a guerra (estando morta, presa ou desaparecida no período), ainda tinham de enfrentar as constantes ameaças de estupro, principalmente nos locais ocupados pelas tropas soviéticas⁴. A campanha de bombardeios aéreos realizada pelos Aliados a partir de 1942 devastou paulatinamente a infraestrutura de diversos centros urbanos alemães, levando partes de cidades como Hamburgo e Dresden, por exemplo, a tornarem-se ruínas fumegantes.

Os Aliados (Estados Unidos da América - EUA, Grã-Bretanha, França e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS), em momentos anteriores ao fim do conflito, já haviam definido linhas de demarcação para o Pós-Guerra: as principais reuniões, que redundaram em acordos redefinindo os limites territoriais de boa parte da Europa, afetaram diretamente a Alemanha⁵. O país, nos momentos derradeiros da guerra, tinha boa parte de seu território ocupado e administrado pelos Aliados, que tinham a difícil missão de manter suas tropas e suprimentos aptos a serem utilizados, e ainda prover os civis de víveres e do mínimo de infraestrutura administrativa para serviços básicos como, por exemplo, o fornecimento de água potável. O término do regime nazista e o colapso do Estado alemão no imediato Pós-Guerra fizeram com que as potências vencedoras tomassem medidas administrativas variadas para uma melhor gestão da Alemanha. Uma estrutura legal foi criada, o chamado Conselho de Controle Aliado, tornando-se assim o corpo governante dos quatro países que ocupavam o território alemão, tendo como prerrogativas estipular normas e leis, além de implementar mecanismos para que as mesmas fossem devidamente cumpridas⁶. Após as decisões da Conferência de Potsdam com relação ao território do extinto Terceiro Reich, a Alemanha foi dividida em quatro zonas de ocupação, sendo cada uma delas

⁴ A vulnerabilidade das mulheres alemãs diante das tropas soviéticas era tão grande que, segundo o autor Ian Buruma, as mesmas definiam a si mesmas como “*Freiwild*”, algo que pode ser traduzido como “caça permitida” ou “presa fácil” (BURUMA, Ian. *Ano Zero: Uma história de 1945*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2015, p. 125).

⁵ Dentre as Conferências realizadas pelos principais países que lideravam a coalizão dos Aliados, as mais significativas com relação à definição e readequação das fronteiras da Alemanha no Pós-Guerra foram as de Teerã (1943), Yalta (1945) e Potsdam (1945).

⁶ As diretrizes do Conselho de Controle Aliado somente poderiam ser aprovadas pela unanimidade de seus dirigentes; estes, por sua vez, eram os mesmos comandantes de cada zona de ocupação aliada na Alemanha, que se reuniam para discutir e colocar em votação as leis e normas previstas para todo o país. Respectivamente, os Conselheiros eram os seguintes: General Eisenhower (EUA), General Jukov (URSS), Marechal de Campo Montgomery (Reino Unido) e General De Lattre de Tassigny (França).

administradas por EUA, URSS, França e Grã-Bretanha⁷; a cidade de Berlim, encravada no setor soviético, também foi subdividida em quatro zonas administrativas, com os Aliados respondendo por seu controle da mesma forma que no restante do país.

Durante os momentos finais do conflito, muitas das atrocidades cometidas pelo regime nazista foram sendo pouco a pouco divulgadas, à medida que os países ocupados pelo Terceiro Reich eram libertados, e locais da Alemanha eram conquistados. Os Campos de Concentração e Extermínio espalhados pela Europa Oriental foram gradativamente tendo suas histórias conhecidas pelo grande público: nomes como *Bergen-Belsen*, *Treblinka* e *Auschwitz* passaram a simbolizar as mortes de milhões de judeus, ciganos, homossexuais, dentre outros indivíduos. A realização desses crimes por muito tempo foi considerada pela historiografia como algo ocorrido à revelia e de maneira oculta da população alemã; todavia, o trabalho realizado por Robert Gellately⁸ comprovou que, não somente milhões de alemães sabiam da existência desses campos, como também muitos segmentos sociais apoiavam essa iniciativa.

A iniciativa dos países vencedores em implementar punições exemplares aos envolvidos, considerando essas e outras ações como crimes perpetrados pelas lideranças políticas, militares e econômicas da Alemanha, resultaram nos Julgamentos de Nuremberg, que entre os anos de 1945 e 1946 desvendaram e reavivaram muito do que foi feito pelos nazistas: alguns dos julgados foram condenados à morte, outros tiveram penas de prisão consideravelmente longas (contudo, nenhuma foi cumprida em sua totalidade)⁹. Os Julgamentos tiveram diversos objetivos, tanto jurídicos quanto sociais:

⁷ Respectivamente, os EUA ocuparam a Região Sul, com a URSS no Oeste até os limites do Rio Elba, Werra e Fulda, a França no Sudoeste e a Grã-Bretanha, na Região Noroeste.

⁸ Em sua obra *“Apoiando Hitler: Consentimento e coerção na Alemanha nazista”* o autor, através de documentações oficiais e materiais da grande imprensa do período (1933-1945), demonstra que Hitler tinha como objetivo conquistar corações e mentes no país, utilizando para isso os Campos de Concentração como instrumento de limpeza social de indivíduos considerados indesejados na época (criminosos, deficientes físicos e mentais, homossexuais, opositores do regime, e judeus a partir do fim da década de 1930). A eliminação do convívio social dessas pessoas, segundo a lógica distorcida do nazismo, levaria a uma pureza que possibilitaria o avanço da sociedade alemã, e o conseqüente crescimento do Estado, inclusive em suas conquistas territoriais. Por mais atroz que esse raciocínio possa parecer, Gellately comprova que ele não somente existiu como também foi apoiado por boa parte dos alemães durante o regime nazista (GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler: consentimento e coerção na Alemanha nazista*. Rio de Janeiro. Editora Record, 2011).

⁹ Além dos Julgamentos de Nuremberg que envolveram alguns dos nazistas mais eminentes, houve também os Julgamentos Sucessores de Nuremberg, onde médicos e dirigentes de campos de concentração foram julgados. Colateralmente a esses Julgamentos, segundo Martin Kitchen, cerca de duzentas mil pessoas foram encarceradas por ligações questionáveis com o Terceiro Reich, mas a maioria foi libertada pouco tempo depois; contudo, alguns indivíduos ficaram presos por até 3 anos (KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p.433).

além de punir aqueles que foram apontados como artífices da morte de milhões de pessoas, serviram também para mostrar à população o alcance dos crimes nazistas; segundo a lógica dos Aliados, o conhecimento das atrocidades cometidas levaria a uma conscientização do povo, a repulsa dos valores nazistas, e por fim a não repetição do que havia ocorrido, nos anos vindouros.¹⁰

O processo de desnazificação da sociedade alemã era fundamental para que o país pudesse se reconstruir; contudo, devido à inserção de milhares de pessoas no regime totalitário alemão, muitos dos sobreviventes da Segunda Guerra Mundial no país acabaram por terem em seus passados algum tipo de atividade que as ligava ao nazismo, mesmo que de forma indireta. A intenção dos Aliados em expurgar definitivamente os resquícios do fascismo na Alemanha do Pós-Guerra acabou resultando em um silenciamento tácito da população em relação a praticamente tudo que envolvia o nazismo, desde suas ações ou até mesmo sobre a participação de cada indivíduo no recém deposto regime. A reconstrução acelerada do país (principalmente em sua parte ocidental), e a constante necessidade de mão de obra qualificada em posições importantes na administração pública acabaram levando os Aliados a colocarem ex-nazistas na máquina governamental: muitos são os registros de membros do Partido Nazista que fizeram parte dos novos governos alemães, e assim permaneceram praticamente sem serem importunados.¹¹

A economia alemã, em sérias dificuldades durante o imediato Pós-Guerra, poderia ter tido ainda maiores problemas caso o Plano Morgenthau¹² tivesse sido executado em sua plenitude; entretanto, muitas de suas diretrizes foram aplicadas de maneira mais branda, tendo como princípio norteador a ideia de que a Europa deveria

¹⁰ Tendo em vista ainda esses objetivos, não foram poucos os casos em que moradores das áreas no entorno de campos de concentração foram obrigados pelas autoridades de ocupação a visitar esses locais recém desativados, para se inteirarem do que realmente ocorria em suas dependências.

¹¹ Richard Bessel, em sua obra *“Alemanha, 1945: da guerra à paz”*, demonstra como alguns nazistas que foram considerados importantes para a reconstrução do país tiveram novas identidades forjadas para que pudessem trabalhar normalmente, sem serem incomodados por seu passado no mínimo duvidoso.

¹² Este plano, idealizado pelo Secretário de Tesouro dos EUA Henry Morgenthau e apresentado durante a Segunda Conferência do Quebec, em 1944, defendia a ideia de que não haveria paz na Europa enquanto houvesse uma Alemanha forte, com seu poderio industrial possibilitando contínuos esforços de guerra. Para que esse fator cessasse, a Alemanha deveria ser privada de sua indústria pesada, aí se incluindo os setores elétrico, químico, metalúrgico, e até mesmo de mineração; as fábricas nesses segmentos seriam desmontadas, e suas peças seriam enviadas aos países vitoriosos, como reparações de guerra. Apesar de ter sido aprovado na conferência do Canadá, o Plano sofreu severas críticas de diversos segmentos políticos, devido a suas características draconianas.

ser forte, mas a Alemanha fraca.¹³ As mudanças no quadro político europeu¹⁴, contudo, fizeram com que a Alemanha novamente tivesse um papel importante no contexto mundial, e o Plano Marshall¹⁵ de recuperação econômica foi a força motriz para tal.

As relações entre os países que ocupavam a Alemanha em fins da década de 1940 foram se deteriorando gradativamente, trazendo sérios problemas para a administração conjunta da Alemanha. Os EUA, a Grã-Bretanha e a França, após uma série de medidas que visavam a administração conjunta de suas porções do território alemão¹⁶, passaram a defender a criação de um Estado na Alemanha Ocidental, em junho de 1948: além disso, uma nova moeda foi anunciada, que passou a ser aceita em todo oeste do território, tornando assim possível a unificação fiscal, o que facilitaria muito a tarefa de se construir um novo país. A URSS não aprovava essa sucessão de medidas dos Aliados ocidentais: a retaliação veio através do bloqueio das vias terrestres de Berlim.¹⁷ A alternativa encontrada pelos EUA e pela Grã-Bretanha para contornar esse entrave veio na forma de uma ponte aérea, que abasteceu suas respectivas zonas até praticamente meados de 1949. Tony Judt aponta que os dois principais motivos que levaram o mandatário soviético Josef Stálin a implementar esse bloqueio eram, a saber:

¹³ Essa teoria, defendida pelo Estado Maior Conjunto dos EUA (composto por diversas lideranças do Departamento de Defesa, que auxiliavam o Secretário de Defesa e o Presidente em assuntos de importância militar e estratégica), acabou fazendo com que o Plano Morgenthau fosse aplicado de maneira mais diluída, limitando a produção industrial alemã, principalmente nos setores que poderiam ter algum tipo de utilização bélica. Mesmo assim, muitas fábricas alemãs foram depauperadas, tendo servido como reparações de guerra aos Aliados, principalmente nos locais ocupados pelos soviéticos, que em diversas ocasiões desmontaram indústrias inteiras, as levando para serem remontadas dentro da URSS.

¹⁴ A recuperação soviética no Pós-Guerra e o constante aumento de sua influência mundial fizeram com que o Presidente dos EUA Harry Truman declarasse ajuda econômica e militar estadunidense a todo e qualquer país que enfrentasse problemas em combater o comunismo. Tal plano ficou conhecido como Doutrina Truman, e foi um dos suportes políticos mais importantes para que a ajuda econômica à Europa pudesse ser realizada.

¹⁵ Em linhas gerais, o Plano Marshall, idealizado pelos EUA, objetivava que os países europeus se reconstruíssem após a Segunda Guerra Mundial, transformando-se assim novamente em parceiros econômicos e mercados consumidores para os estadunidenses. Além disso, o vácuo de poder após o conflito, principalmente na Europa ocidental, poderia ocasionar uma expansão da influência soviética, levando a futuros problemas. Entre os anos de 1948 e 1952, o Plano Marshall injetou bilhões de dólares na recuperação econômica do continente, seja através de empréstimos ou ajuda financeira direta; segundo o autor Tony Judt, até o fim desse programa de auxílio econômico, os EUA haviam gasto cerca de 13 bilhões de dólares (JUDT, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2008, p.96). Os países satélites do bloco soviético, atendendo as diretrizes da URSS, não aceitaram as divisas do Plano, e ingressaram no COMECON (Conselho para Assistência Econômica Mútua), um similar soviético em resposta ao Plano Marshall.

¹⁶ Desde o início de 1947, as zonas britânicas e estadunidenses se uniram, criando uma “Bizona”; de início, a França se mostrava contrária à criação de um Estado na parte ocidental da Alemanha, mas acabou por aceitar tal plano, formando assim uma “Trizona”, que daria assim origem à RFA.

¹⁷ Durante a implementação da nova moeda no lado ocidental da Alemanha, os soviéticos também criaram uma moeda única para sua zona administrativa, e tentaram introduzi-la na Berlim controlada por EUA, Grã-Bretanha e França, sem sucesso. Essa situação veio a contribuir ainda mais para que a URSS decidisse praticamente impedir as comunicações terrestres dos Aliados ocidentais com a cidade.

forçar a desistência dos Aliados ocidentais sobre seus interesses em Berlim, e evitar que fosse criado um Estado no lado ocidental alemão. Os dois objetivos não foram alcançados, o bloqueio suspenso, e a situação ainda demonstrou aos Aliados a importância da criação de um Estado alemão fora da zona soviética, algo que se concretizou;¹⁸ em setembro de 1949, a República Federal da Alemanha tinha seu primeiro chanceler, Konrad Adenauer¹⁹, e também uma capital, na cidade de Bonn. Em outubro do mesmo ano, a URSS criou a República Democrática Alemã em sua zona de ocupação, colocando à frente desse Estado satélite Walter Ulbricht²⁰, tendo o lado oriental de Berlim como sua capital. A Alemanha oficialmente estava dividida em dois países.

Paralelamente à reconstrução das "duas Alemanhas", o contexto político e econômico mundial se polarizava entre EUA e URSS. A ausência de um conflito armado direto entre ambos, mas a constante busca por zonas de influência ao redor do globo caracterizaram a Guerra Fria, onde a RFA e a RDA se inseriram após suas respectivas criações: o lado ocidental, em meados de 1955 ingressou na OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), um acordo de caráter militar anti-URSS, que inicialmente pretendia alcançar somente a região do Oceano Atlântico, mas que posteriormente expandiu-se pela Europa, e o lado oriental passou a pertencer ao Pacto de Varsóvia, um equivalente à OTAN no bloco comunista. Além dos intrincados mecanismos e ações da política internacional, os dois países passavam por processos diferentes de reerguimento, com dinâmicas e objetivos distintos. O Plano Marshall, efetivamente atuando na Alemanha Ocidental, não somente teve importância na esfera econômica, como também nos segmentos políticos e sociais: a recuperação econômica levou à consolidação estrutural administrativa do recém-criado país, tornando as instituições políticas cada vez mais sólidas, além de auxiliar decisivamente para que o tecido social, esgarçado pelos anos do nazismo e da guerra, se tornasse novamente pujante e multifacetado. O nascente país teve suas instituições remodeladas para evitar

¹⁸JUDT, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2008.

¹⁹Adenauer tinha uma longa carreira política e, opositor do nazismo, havia perdido todas as suas prerrogativas em cargos públicos durante a época do governo hitlerista, além de posteriormente ter sido encarcerado.

²⁰ Em uma das frases mais célebres de Walter Ulbricht sobre a nascente República Democrática Alemã recém-criada, podemos perceber todo o caráter "democrático" do nascente regime socialista alemão: nela, ao definir o regime político do Estado alemão-oriental, o dirigente comunista afirmou que "tem de parecer democrático, mas temos de ter tudo em nossas mãos" (HERNÁNDEZ, Diego Íñiguez. *El gran momento de la RDA*. Revista Política Exterior, Espanha, nº 132, vol. 23, 2009, p. 56).

que as instabilidades democráticas do regime de Weimar surgissem novamente: a descentralização administrativa foi a tônica do novo governo²¹, evitando assim que o autoritarismo centralizador prussiano arraigado na sociedade alemã, pudesse novamente facilitar a ascensão de regimes ditatoriais.²²

Durante a década de 1950, a RFA experimentou um verdadeiro *Wirtschaftswunder* (milagre econômico). O número de exportações, estimuladas dentre outros fatores através de acordos advindos, por exemplo, da Conferência de Bretton Woods²³, fizeram com que as indústrias da RFA contribuíssem sobremaneira para a recuperação econômica do país: segundo dados de Kitchen, o índice de exportações advindas de produtos industriais aumentou de 9% do Produto Nacional Bruto (PNB) nos anos 1950 para 25% na década de 1970: ainda com relação ao PNB da República Federal da Alemanha, este teve crescimento anual entre 1950 a 1973 de 6,5%; além disso, houve um intenso êxodo populacional do campo para as cidades, possibilitando assim às indústrias uma mão de obra extremamente necessária²⁴. A melhora nas condições de vida da população do lado ocidental da Alemanha não passava despercebida aos alemães orientais, e não foram poucos os casos em que trabalhadores qualificados abandonaram suas posições na RDA, tendo em vista oportunidades de maiores rendimentos na RFA.

A estabilidade política adquirida durante a década de 1950 possibilitou, mesmo timidamente, que uma série de reparações financeiras pelo governo da RFA com relação à guerra fossem negociadas. Um dos primeiros acordos concluídos durante o governo Adenauer referiu-se a salvaguarda de bilhões de marcos alemães para que houvesse compensações financeiras pelas propriedades judaicas ditas arianizadas durante o governo nazista: as indenizações foram sendo administradas por um órgão específico

²¹ O país foi dividido em *Länders* (unidades regionais), que deveriam gerir as questões locais, além da existência de um governo federal (*Bund*), com câmaras legislativas compostas por representantes de todo o país (inclusive da *Länder* de Berlim Ocidental).

²² Inclusive, um dos dispositivos legais do novo regime democrático alemão proibia terminantemente a existência de quaisquer tipos de agremiações partidárias com inspirações nazistas.

²³ Ainda durante a Segunda Guerra Mundial, uma série de reuniões realizadas nos EUA com representantes dos países Aliados visava controlar as relações monetárias no Pós-Guerra. Uma de suas diversas regulamentações estipulava que o dólar seria a moeda de referência nas transações financeiras internacionais, e que haveria meios de comparação entre as moedas de cada país em relação à moeda estadunidense. Devido aos estímulos à Alemanha Ocidental sua moeda, o *Deutschemark*, passou a ter uma das taxas mais favoráveis do mundo em relação ao dólar, estimulando assim suas exportações. O fim do Acordo de Bretton Woods durante o governo Nixon nos EUA, aliado ao aumento do preço do petróleo no mercado mundial, fez com que o “milagre econômico” da RFA se extinguisse durante a década de 1970.

²⁴ KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 450.

para esse fim, a Comissão de Reivindicações Materiais. As dívidas relativas ao Pós-Guerra também foram acertadas, com mais alguns bilhões de *Deutschmarks* sendo despendidos para tais fins: até mesmo um acordo com Israel foi fechado, que nas décadas vindouras garantiu mais de cem bilhões de marcos alemães aos judeus sobreviventes do Holocausto, a título de indenizações. Durante os processos de acordos e pagamentos na primeira metade da década, diversas pesquisas foram feitas, tendo em vista a sondagem dos habitantes da RFA sobre as temáticas das reparações, crimes de guerra e a culpa relativa a tudo o que havia ocorrido durante o Terceiro Reich: as constatações, segundo Tony Judt, foram as seguintes:

“em dezembro de 1951, apenas 5% dos alemães ocidentais entrevistados admitiam sentimento de ‘culpa’ em relação aos judeus. Outros 29% reconheciam que a Alemanha devia algum tipo de indenização ao povo judeu. O restante dividia-se entre os que achavam que somente as pessoas ‘que, de fato, cometeram algo’ eram responsáveis e deveriam pagar (cerca de dois quintos dos entrevistados) e os que pensavam que ‘os próprios judeus eram, em parte, responsáveis pelo que lhes ocorrera durante o Terceiro Reich (21%)’”.²⁵

Ao mesmo tempo em que o reconhecimento de culpa oficial pelo governo era realizado, uma série de reabilitações levou indivíduos com um passado ligado mesmo que de maneira indireta ao nazismo de volta à administração pública.²⁶ Um levantamento realizado por Martin Kitchen acerca dos ocupantes de altos cargos governamentais em 1953 nos demonstra que oito em cada dez pessoas nos cargos de liderança no Ministério das Relações Exteriores tinham sido membros do Partido Nazista: nem mesmo durante o Terceiro Reich, esse número era tão alto. No caso dos vários órgãos de segurança pública, foram muitos os casos onde participantes das tropas *Waffen-SS*²⁷ não encontraram muitas dificuldades em inserir-se nesses segmentos governamentais. Complementando esses números, Kitchen aponta que uma pesquisa de

²⁵ JUDT, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2008, p. 274.

²⁶ Um exemplo desse retorno pode ser depreendido na figura do advogado Hans Globke, que na década de 1950 foi um dos principais assessores de Segurança Nacional do Chanceler Adenauer na RFA. Durante o Terceiro Reich, ele trabalhou já em 1933 para conseguir arcabouços jurídicos tendo em vista a concessão de poderes ditatoriais a Hitler. Em 1935, Globke foi um dos artífices das Leis de Nuremberg, nunca tendo escondido suas opiniões antissemitas, mesmo após o final da Segunda Guerra Mundial (ARENDR, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 1999, p. 28).

²⁷ As *Waffen-SS* eram consideradas como tropas de elite nazistas, e foram responsáveis por crimes de diversas modalidades durante a Segunda Guerra Mundial, principalmente na Frente Oriental.

opinião pública realizada em 1952 (ou seja, durante as negociações de reparações realizadas pelo governo), apontava que 24% da população ainda consideravam Hitler de forma positiva, além de 30% condenar veementemente o atentado conduzido por setores civis e militares, e que quase matou o *fürher* em julho de 1944.²⁸ Apesar dessa mixórdia de tendências na sociedade da RFA, o país em fins da década de 1950 caminhava para ser uma das democracias mais sólidas da Europa, além de ter uma das economias mais avançadas do mundo.

Desde o final da Segunda Guerra Mundial a parte oriental da Alemanha estava sob controle da URSS, que promoveu uma verdadeira caçada a ex-membros do Partido Nazista: milhares de pessoas foram confinadas nos antigos Campos de Concentração (como *Sachsenhausen*, por exemplo), ou até mesmo em instalações usadas anteriormente pela Gestapo como prisões. Mesmo não sendo presos, muitos foram os indivíduos que perderam seus empregos por serem considerados participantes do Terceiro Reich, pois o objetivo principal dos soviéticos não era somente extinguir o nazismo e deixá-lo cair no esquecimento: era uma política de aniquilação de seus valores, de sua extirpação do seio da sociedade, erradicando o fascismo daquela parte do território. Enquanto essas práticas eram realizadas, Moscou preparava uma nova cepa de líderes para assumir os postos-chaves da administração da zona soviética, já que a ideia de ocorrerem eleições foi sendo calculadamente inculcada perante a opinião pública, tanto interna quanto externamente; todavia, ao perceberem que os comunistas poderiam perder a votação, o Governo Militar Soviético (SMAD) não hesitou em pressionar os outros partidos na disputa, efetuando fusões entre legendas, além de algumas prisões. Por fim, durante as eleições de 1946, o partido que dava suporte aos comunistas sagrou-se vencedor em uma disputa dita democrática, tendo Walter Ulbricht como líder de um governo que estruturalmente perduraria até fins da década de 1980. Sendo influenciada pelos ditames da URSS através de Stálin, a Alemanha Oriental passou a ser uma das diversas zonas-satélites no Leste Europeu, fazendo parte dos contextos da nascente Guerra Fria.

As negociações que levaram à criação da Bizona e Trizona no ocidente tiveram repercussões profundas na zona soviética, sendo que a pressão era cada vez maior para

²⁸ Essa mesma pesquisa ainda apontou nada menos do que 37% dos entrevistados como defensores de que o território alemão fosse livre da presença de judeus (KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, pp.442-447).

que Ulbricht se alinhasse irreversivelmente ao socialismo preconizado pela URSS, ainda mais após o episódio de rompimento envolvendo Stálin e o líder Tito, da Iugoslávia, em 1948.²⁹ Qualquer indivíduo que se mostrasse minimamente contrário aos ditames da ortodoxia stalinista era sumariamente punido, até mesmo com a prisão, sendo que o partido político de Ulbricht, apesar de seu caráter superficialmente democrático, passou a ser cada vez mais soviético. Tendo em vista um acelerado programa de reconstrução e crescimento econômico, medidas foram tomadas, inclusive condicionando o pagamento de salários a produtividade de cada trabalhador, levando milhares de pessoas a trabalharem além de seus limites físicos para garantirem um pagamento mínimo para suas necessidades básicas.³⁰ Percebendo que o aumento na produção estava aquém de suas metas, as autoridades passaram a estimular a classe trabalhadora com roupas, cigarros e períodos de férias, além de reprimir com mais severidade indivíduos vistos como preguiçosos. Outro problema extremamente grave a ser combatido era o constante êxodo de profissionais qualificados como médicos, engenheiros e cientistas para o Ocidente, algo em que as autoridades não conseguiram muito êxito. Ironicamente, ao mesmo tempo em que estimulava o aumento da produção em sua zona alemã, a URSS prosseguia com o desmonte por vezes total de indústrias e a transferência das mesmas para dentro de seu território, justificando tal fato como pagamento de reparações de guerra: maquinários que envolviam a produção química e siderúrgica, por exemplo, foram dilapidados nas antigas regiões industriais alemãs, e remontados em cidades soviéticas. Com essas medidas, a economia da Alemanha Oriental estava cada vez mais vinculada à URSS, num grau de dependência sob alguns aspectos até mesmo incapacitante, acentuado após a nacionalização de diversas empresas, e a expropriação de milhares de hectares de ditos "antigos nazistas".³¹

²⁹ Na ocasião, Stálin justificou o rompimento das relações entre a URSS e a Iugoslávia por conta da grande independência do líder iugoslavo em relação ao modelo de socialismo preconizado pelos soviéticos. Tito, por sua vez, se mostrava bastante combativo com relação às aspirações soviéticas de domínio da Europa Oriental e, principalmente, querendo manter a Iugoslávia independente da influência da URSS; com isso, o rompimento com Stálin acabou tornando-se inevitável. Somente durante o governo de Krushev é que as relações entre os dois países voltaram a se tornar um pouco mais amistosas.

³⁰ Ao mesmo tempo em que os trabalhadores na zona soviética passavam por problemas, as condições de vida de milhares de soldados alemães prisioneiros de guerra dentro da URSS eram bastante atroz: como reparações através de seus trabalhos forçados, passaram a trabalhar na construção de estradas, ferrovias, além da extração de minérios, contando com pouco alimento e abrigo. Por conta disso, muitos não sobreviveram para voltar à Alemanha.

³¹ A espoliação da Alemanha Oriental pelos soviéticos alcançou níveis alarmantes em alguns segmentos da economia: a produção de automóveis caiu cerca de 80% à partir da administração da URSS; as indústrias ópticas, químicas e mecânicas, 50%, assim como metade das linhas férreas e locomotivas

Após o fracasso do bloqueio de Berlim e a criação da RFA, a URSS se viu na necessidade de criar um Estado na parte oriental da Alemanha, algo que ocorreu em fins de 1949, através da República Democrática Alemã (RDA), que somente tinha um caráter democrático em sua nomenclatura. O novo país era comandado por Walter Ulbricht, que nos anos seguintes à criação da RDA tratou de aparelhar a estrutura estatal sob as diretrizes soviéticas criando órgãos repressores como, por exemplo, o Ministério de Segurança do Estado, mais conhecido como *Stasi*, que viria a ter um papel preponderante nas décadas seguintes, eliminando indivíduos indesejáveis do regime, além de tratar das questões de inteligência e espionagem dentro e fora do país. O nascente país tinha como características políticas básicas o socialismo preconizado pelos soviéticos, além de um violento combate ao capitalismo e ao fascismo³²: a luta de classes não abarcava somente o combate à burguesia, mas também deveria servir de base ideológica para a classe trabalhadora, que deveria permanecer unida combatendo elementos sabotadores, aumentando assim o nível de produção na economia e levando a RDA a crescer. Durante toda a década de 1950 a Alemanha Oriental direcionou seus esforços produtivos para a indústria pesada, numa clara imitação do modelo planejado de desenvolvimento econômico da URSS: a carência de matérias primas e a péssima qualidade dos bens de consumo causavam dificuldades ainda maiores, levando a economia da Alemanha Oriental a períodos de escassez de produtos. Em junho de 1953 uma série de protestos acabou evoluindo para uma greve de proporções nacionais que, para o choque das lideranças da RDA, pediam dentre outras coisas eleições livres e a reunificação.³³ A URSS se viu na necessidade de enviar tropas para acabar com as desordens, houve a prisão de milhares de pessoas, e Ulbricht aproveitou ainda esse momento para expurgar de seu partido aqueles que lhe faziam críticas, além de aumentar sobremaneira os efetivos da *Stasi*. Os líderes da RDA tiveram uma dura lição durante os acontecimentos de junho de 1953: a opinião pública, antes relegada à segundo plano, não poderia mais ser tão ignorada nos processos decisórios do país,

foram confiscadas (KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, pp. 471-472).

³² Além do combate ao fascismo e ao capitalismo (que não em poucas oportunidades foram iguados pela propaganda soviética), havia um antissionismo estimulado pela direção do Estado, influenciado diretamente pela política de perseguição aos judeus implementada por Stálin na URSS antes de sua morte, em 1953: após o stalinismo, a RDA permaneceu fiel à sua ideia de desconfiança para com os judeus, mesmo que de forma velada, até 1989.

³³ KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 478.

Após a morte de Stálin e a subida ao poder na URSS de Krushev, a RDA passou por algumas mudanças significativas, que incluíram a criação de um exército nacional e a entrada no Pacto de Varsóvia. O discurso proferido por Krushev no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, acusando Stálin de diversos crimes, levou o bloco soviético a algumas tentativas de mudança, que acabaram sendo duramente reprimidas pela própria URSS como, por exemplo, na Hungria. A liderança da RDA, visivelmente identificada com o stalinismo, passou a se ver em uma situação de difícil sustentação política após o discurso de desestalinização; contudo, Ulbricht conseguiu manter-se no poder e, aliado a um período de relativo crescimento econômico e melhora nas condições de vida da população, consolidou sua posição de mandatário do país, mas esse período de tempo não durou muito. Em 1961, a RDA passava por nova crise econômica, acentuada pelo aumento significativo do número de emigrantes para a RFA; Berlim, a cidade dividida que servia em sua porção oriental como capital da República Democrática Alemã, era um dos pontos mais sensíveis da Guerra Fria. Os berlinenses orientais podiam transitar pelo lado ocidental da cidade, além de haver um fluxo de mão dupla entre trabalhadores que labutavam em ambos os lados da cidade. Em uma das decisões mais controversas do século XX, Ulbricht e Krushev decidiram pela construção de uma barreira física entre as duas partes de Berlim na madrugada do dia 13 de agosto de 1961: três horas após o início das obras, quarenta e cinco pontos de travessia para os setores ocidentais já estavam fechados, num total de sessenta.³⁴ Pela manhã, todos os pontos oficiais de travessia foram obstruídos, e um muro começou a ser construído, ficando pronto nos dias subsequentes: a estrutura, que com o passar do tempo foi se tornando cada vez mais complexa, possuindo cercas de arame farpado, campos minados, fossos, torres de vigia e uma espessa amurada de concreto armado. O governo estadunidense fez profundas críticas a essa medida, mas acabou por não ultrapassar muito esse limite, contentando-se por Berlim Ocidental não ter sido atingida pelo bloqueio: uma crise mundial que poderia surgir após essa intensa sequência de fatos acabou sendo amainada, mesmo ao preço de milhares de famílias separadas e mortes³⁵. A URSS e a RDA tiveram uma relativa vitória em curto prazo, estancando o

³⁴ KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 483.

³⁵Um dos episódios mais tristes e chocantes envolvendo tentativas de fugas através do Muro de Berlim se deu em 1962, quando um pedreiro da Alemanha Oriental tentou transpor as diversas armadilhas, mas acabou sendo alvejado por guardas ainda do lado da RDA, e ficou agonizando por horas a fio. A imprensa do lado ocidental acompanhou tudo de perto, além de soldados americanos que tinham ordens expressas de não se envolver em nenhum incidente relativo ao lado oriental do Muro. Uma multidão em Berlim

constante fluxo migratório para a RFA; entretanto, como aponta Diego Hernández, o expansionismo soviético havia sido freado com a construção do Muro de Berlim, como se uma trincheira houvesse sido levantada pelo bloco comunista, para resistir às investidas do capitalismo.³⁶

1.2 - ESTABILIDADE POLÍTICA E DECLÍNIO ECONÔMICO: DA DÉCADA DE 1960 À QUEDA DO MURO DE BERLIM (1962-1989)

As “duas Alemanhas” passaram na década de 1960 por períodos de consolidação de seus regimes políticos, além de algumas mudanças econômicas com repercussões nos anos seguintes. Durante a crise relativa à construção do Muro de Berlim, a República Federal da Alemanha tivera eleições, que encontraram o Chanceler Konrad Adenauer em uma posição enfraquecida, ainda mais pela ascensão de outros nomes com peso político cada vez maior como, por exemplo, o prefeito de Berlim Ocidental, Willy Brandt. Mesmo diante de sua avançada idade, Adenauer conseguiu mais uma vez se eleger para o posto de mandatário da RFA, concordando em sair na metade de seu mandato para que um arranjo partidário pudesse ser realizado. Nos meses seguintes, a relação entre a Alemanha Ocidental e a França melhorou substancialmente, além do país estar cada vez mais inserido nas questões de defesa continentais referentes à OTAN³⁷. O presidente dos EUA, John Kennedy, visitou a RFA em junho de 1963, menos de um ano depois da Crise dos Mísseis em Cuba³⁸, e fez um pronunciamento

Ocidental passou a pressionar os soldados a fazerem algo, mas nada aconteceu. Após o homem morrer, guardas orientais retiraram o corpo, e uma série de manifestações foram realizadas, sendo que policiais da parte ocidental da cidade tiveram de usar jatos d água e bombas de gás lacrimogêneo para evitar que as pessoas investissem contra o muro (KEMPE, Frederick. *Berlim, 1961: Kennedy, Khrushchov e o lugar mais perigoso do mundo*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2013, pp. 371-372).

³⁶ HERNÁNDEZ, Diego Íñiguez. *El gran momento de la RDA*. Revista Política Exterior, Espanha, nº 132, vol. 23, 2009, p. 59.

³⁷ Uma das crises políticas mais sérias do governo Adenauer se deu relacionada com a OTAN: a revista *Der Spiegel* publicou uma matéria relativa a um exercício militar da OTAN (com todas as informações de domínio público), que demonstrou a fraqueza de muitos dispositivos de defesa da RFA. Após uma série de ações infelizes ordenadas pelo Ministério da Defesa, que estava convencido de um vazamento de documentos, a sede da revista foi lacrada, gerando uma torrente de críticas da opinião pública sobre a falta de liberdade de imprensa na democracia alemã. Ministros renunciaram, o editor do artigo foi preso e depois solto, tornando-se um herói nacional. Uma lição foi aprendida pelo regime de Bonn: as novas gerações de alemães exigiam uma sociedade aberta e livre. O governo Adenauer, já enfraquecido, nunca se recuperaria completamente dessa crise.

³⁸ Em outubro de 1962 os estadunidenses descobriram que a URSS, com a aquiescência do governo cubano, estavam instalando na ilha equipamentos que poderiam abrigar mísseis nucleares. Após uma série de acusações e ameaças, que aumentaram exponencialmente a possibilidade de uma guerra direta entre EUA e URSS, os soviéticos entraram em acordo com Washington e retiraram os equipamentos de Cuba.

histórico,³⁹ reafirmando o compromisso dos estadunidenses com a República Federal e Berlim Ocidental. Em agosto, uma nova crise⁴⁰ irrompeu no governo do Chanceler Adenauer, estimulando ainda mais seus críticos, exortando-o a retirar-se da liderança do país, algo que acabou finalmente ocorrendo em outubro. Seu sucessor foi Ludwig Erhard, que acabou por terminar de cumprir o mandato de Adenauer e após esse período, ser eleito mais uma vez como chefe de governo, mas viu seu governo enfrentar diversas crises políticas e institucionais, que acabaram levando-o a renunciar em fins de 1966, sendo sucedido por Kurt Georg Kiesinger⁴¹. A RFA durante o governo do novo Chanceler passou por mudanças significativas: o constante fluxo de mão de obra da RDA havia diminuído consideravelmente, levando o governo a estimular a vinda de imigrantes de países como a Espanha, Itália e Turquia para trabalharem na República Federal; a economia, que vinha dando sinais de esgotamento, teve algumas reformas estruturais que permitiram o retorno do crescimento, principalmente no ano de 1968⁴². Apesar da relativa estabilidade política do governo, as forças políticas que a sustentavam tiveram resultados adversos nas eleições de 1969, levando ao poder um novo chanceler, Willy Brandt, político da nova geração visto como alguém dinâmico, que poderia levar novamente a RFA a desenvolver-se. Sua chegada ao poder coincidiu com a economia novamente demonstrando sinais de desgaste: a taxa de inflação aumentou, a moeda nacional tornou-se mais instável, e o governo se viu na necessidade de cortes nos gastos públicos. A política externa de Brandt, causando grande repercussão na mídia internacional, baseou-se nos princípios da *Ostpolitik*⁴³, na qual uma série de encontros e negociações com os países do Leste Europeu estreitaram os laços entre a RFA e seus vizinhos. Em 1972, os governos das "duas Alemanhas" assinaram um documento chamado de Acordo Básico, onde ambos os países

³⁹ Ao anunciar "*Ich bin ein Berliner!*" ("Sou Berlinense!"), Kennedy enviava uma mensagem clara à Krushev de que a cidade não deixaria de estar protegida pelos EUA, independente das reações e medidas soviéticas.

⁴⁰ Um tratado mundial que proibia testes nucleares teve a participação da RFA e RDA, algo que Adenauer condenava, pois em sua visão parecia que a RFA estaria admitindo e reconhecendo o governo da Alemanha Oriental. A Alemanha Ocidental assinou o documento, mas deixou bastante clara sua posição de que isso não era uma admissão da existência diplomática da República Democrática, visão essa que foi endossada pelos EUA. Apesar do triunfo nessa questão, a imagem de Adenauer ficou ainda mais desgastada.

⁴¹ Kiesinger havia sido membro do Partido Nazista após sua ascensão em 1933, o que se revelou uma mácula em sua carreira; entretanto, surgiram documentos genuínos da Gestapo que comprovavam a constante atuação e oposição do novo Chanceler aos campos de extermínio e à política externa expansionista de Hitler.

⁴² Mesmo com as mudanças, os anos seguintes viram a economia da RFA desacelerar gradativamente.

⁴³ Numa tradução literal, a "Política do Leste" preconizada por Brandt defendia que as relações com os países do bloco comunista europeu fossem cada vez mais estimuladas, principalmente nos campos da economia e diplomacia.

reconheciam o *status quo* entre si, mas não havia ainda o reconhecimento diplomático entre ambos. Apesar desse grande avanço nas negociações entre os dois países, a opinião pública da RFA criticou duramente o acordo, apontando que esse caminho levava a uma divisão irreversível da Alemanha⁴⁴. Uma sucessão de escândalos envolvendo Brandt acabou solapando sua base política⁴⁵, levando-o a renunciar em maio de 1974, sendo sucedido por Helmut Schmidt.

O novo Chanceler da RFA manteve abertos os canais de conversação com o Leste Europeu, mas tornou a estreitar laços com seus parceiros ocidentais, já que o país precisava buscar alternativas para frear a crise econômica. Internamente, a coalizão que sustentava politicamente o governo Schmidt continuou enfrentando problemas, que iam desde a crise econômica até o terrorismo; mesmo assim, os partidos de sustentação de seu governo conseguiram manter uma pequena maioria nas eleições de 1976, mantendo o Chanceler no cargo. No segundo mandato, prosseguiu com a tentativa de diminuir os problemas econômicos, mantendo-se ainda como importante intermediário nas negociações envolvendo os assuntos de defesa da Europa, envolvendo ainda os EUA e a URSS. O início da década de 1980 viu a Alemanha Ocidental enfrentar umas das mais severas crises econômicas de sua curta história: segundo Martin Kitchen, havia mais de um milhão de desempregados no país, além da taxa de inflação aproximar-se perigosamente de dois dígitos, tendo a produção industrial enfrentado uma constante queda.⁴⁶ A pressão política sobre Schmidt foi tornando-se cada vez mais forte e seu terceiro mandato, iniciado em 1980, não pôde ser completado: durante os meses de setembro e outubro de 1982, o Chanceler viu seu apoio político esboroar-se, e acabou substituído no cargo por Helmut Kohl.

O momento da chegada ao poder de Kohl coincidiu com um dos períodos mais complexos da RFA, onde os partidos políticos estavam desacreditados perante a população: escândalos envolveram importantes figuras governamentais, e os programas

⁴⁴ Além das questões externas, Brandt passava por momentos complicados internamente: a radicalização de certos movimentos estudantis levou a uma série de atentados terroristas pela Alemanha Ocidental, perpetrados pelo grupo Facção do Exército Vermelho (*Baader-Meinhof*), de tendências esquerdistas; a situação tornou-se ainda mais complexa durante os Jogos Olímpicos de Munique, quando a delegação israelense foi atacada por um grupo ligado à causa palestina, causando a morte de dois atletas.

⁴⁵ A situação do mandatário da RFA tornou-se frágil após uma sucessão de descobertas: desde um assessor próximo que se comprovou ser um membro infiltrado da *Stasi*, até uma sequência de casos amorosos que causaram intenso desconforto na opinião pública.

⁴⁶ KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 530.

sociais tiveram uma diminuição de verbas, gerando ainda mais insatisfação popular. O governo de Bonn manteve sua postura de aliança com o Ocidente, vivendo ainda um clima de instabilidade nas relações com a URSS.⁴⁷ As tentativas de diálogo entre a RFA e a RDA tiveram um importante momento em fins de 1987, quando o mandatário da República Democrática Erich Honecker visitou oficialmente Bonn, recebendo uma acolhida de chefe de Estado, mesmo que desse encontro nada de concreto tenha sido definido. No início de 1989, o número de pessoas que imigravam do Leste Europeu para a RFA voltou a aumentar consideravelmente, principalmente pelo controle de fronteiras afrouxado pelas mudanças políticas.

Após o fim da construção do Muro de Berlim, a RDA efetuou mudanças significativas em seu planejamento econômico, inclusive permitindo-se, segundo Martin Kitchen, utilizar alguns mecanismos do capitalismo econômico para reforçar as diretrizes de sua economia planificada⁴⁸: apesar dessa mixórdia econômica, os resultados foram expressivos, já que o Produto Nacional Bruto aumentou, assim como os níveis de produtividade da indústria e da agricultura. Acompanhando esse momento de relativa prosperidade, e sentindo-se mais seguros com a construção do Muro, as autoridades da RDA "liberalizaram" um pouco mais a sociedade⁴⁹, estimulando inclusive, devido à falta de mão de obra que acabou migrando para o Ocidente antes de 1961, o trabalho feminino em todos os segmentos econômicos. Esse clima de relativa liberdade teve fim a partir da chegada ao poder na URSS de Leonid Brezhnev, que não preconizava mudanças, ao contrário, pouco a pouco foi petrificando a sociedade da URSS, e por consequência dos países satélites.

As mudanças econômicas que haviam permitido um relativo desenvolvimento foram canceladas segundo as novas diretrizes da URSS, que se recusou terminantemente a ceder matérias primas à RDA enquanto seu planejamento econômico não seguisse os novos preceitos soviéticos. A produção de bens de consumo para a

⁴⁷ Um dos momentos mais baixos nas relações entre os dois países ocorreu em 1986, quando em uma entrevista Kohl comparou literalmente Gorbachev ao Ministro da Propaganda do Terceiro Reich, Goebbels.

⁴⁸ KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 484.

⁴⁹ Algumas medidas tomadas demonstram as dificuldades da população da RDA: uma delas permitia a dança de qualquer tipo de música separadamente de seu par, pois isso antes era visto como um retrocesso típico da decadência capitalista. Outra iniciativa foi o estímulo a músicos locais, tendo em vista combater as influências de bandas ocidentais, como os *Beatles*; apesar do relativo sucesso de alguns grupos da RDA, o mercado paralelo de gravações de músicas ditas ocidentais persistiu extremamente lucrativo até a reunificação da Alemanha.

população, como televisores e máquinas de lavar, por exemplo, cresceu substancialmente: contudo, os produtos da Alemanha Oriental eram extremamente inferiores em qualidade que seus congêneres ocidentais. Um dos símbolos desse período foi o automóvel *Trabant*, caro para os padrões do cidadão médio da RDA⁵⁰, além de ser um grande emissor de poluentes.

A chegada ao poder em Bonn de Willy Brandt inaugurou uma nova fase nas relações entre a RFA e a RDA, mesmo com Ulbricht declarando, segundo Diego Hernández, que a Alemanha Ocidental era "um país estrangeiro, capitalista e sucessor do Terceiro Reich"⁵¹, ao contrário da República Democrática, um "Estado socialista de operários e camponeses, aliada eterna da União Soviética".⁵² Apesar de declarações públicas contrárias à RFA, o ditador da República Democrática ansiava por uma aproximação através da *Ostpolitik* de Brandt, não por motivos teóricos e ideológicos, mas sim de ordem prática: Ulbricht queria os investimentos da RFA na economia da República Democrática, tendo em vista um aumento na qualidade de vida da população, que havia voltado a cair após as desastrosas medidas do último plano econômico. A aproximação da RDA e da RFA, mesmo que de maneira tímida, causou temor em Moscou de que uma possível reunificação pudesse ocorrer: Brezhnev não titubeou em afirmar que "não existe, não pode e não deve existir a menor sugestão de uma reconciliação entre a RDA e a República Federal".⁵³ A insatisfação de Moscou com Ulbricht foi gradativamente aumentando e em 1971, aproveitando-se de seu estado de saúde cada vez mais deteriorado, foi ordenado pela URSS que ele fosse substituído por Erich Honecker, alinhado aos interesses soviéticos e contrário à aproximação com a RFA e o Ocidente, de uma maneira geral.

O início do governo de Honecker praticamente não teve alterações em relação ao de seu antecessor: as lideranças da Alemanha Oriental estavam envelhecendo (assim

⁵⁰ A produção desse veículo era tão complicada e lenta que havia fila de espera para sua aquisição; todavia, propinas eram aceitas pelas fábricas para que a sua produção fosse acelerada. O salário médio de um cidadão da Alemanha Oriental era aproximadamente 28 vezes menor que o custo de um *Trabant*.

⁵¹ A propaganda soviética e posteriormente da Alemanha Oriental não se furtava em apontar a Alemanha Ocidental como herdeira das tradições fascistas do nazismo, apontando que somente a RDA era a legítima representante do povo livre alemão.

⁵² HERNÁNDEZ, Diego Íñiguez. *El gran momento de la RDA*. Revista Política Exterior, Espanha, nº 132, vol. 23, 2009, p.58.

⁵³ Essa afirmação foi complementada no início da década de 1970, segundo Martin Kitchen, por um áspero diálogo entre Ulbricht e Brezhnev, onde o mandatário alemão havia dito que a República Democrática era um país independente, e que poderia resolver seus problemas sozinha, ao que o líder soviético retorquiu que, sem a URSS, "não haveria nenhuma RDA" (KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p.488).

como as da URSS) e a concentração de poder nas mãos de poucas pessoas acabou criando uma gerontocracia idêntica à observada na União Soviética. O novo líder da RDA aproveitou sua subida ao poder para acabar com a ínfima parcela de empreendedores privados no país, levando as empresas independentes a serem nacionalizadas, piorando ainda mais a já baixa produtividade da República Democrática. Paralelamente aos problemas de ordem econômica da RDA, a militarização da sociedade no governo Honecker se acentuou, com a obrigatoriedade do treinamento militar nas escolas, além dos alunos de ambos os sexos serem obrigados a se inteirar do funcionamento de armas de pequeno calibre e táticas militares; a *Stasi* alcançou um efetivo de milhares de funcionários, acrescidos ainda de informantes não oficiais.⁵⁴

O final dos anos 1970 encontrou a RDA ainda tentando melhorar as condições de vida da população, mesmo não se modificando os padrões econômicos, numa equação de difícil resolução. Uma das alternativas que a República Democrática utilizou para diminuir a defasagem com relação ao Ocidente foi a de importar bens de consumos mais sofisticados: o maior problema foi em médio prazo, já que o governo de Honecker não tinha meios de pagar essas dívidas contraídas. A situação piorou ainda mais no início da década de 1980, quando a URSS decidiu que o petróleo destinado à RDA seria vendido para a República Federal, tendo em vista um aporte de moeda forte nas finanças soviéticas; esse fato gerou um efeito em cascata, já que o novo planejamento econômico da Alemanha Oriental estava para ser lançado, muito baseado em na produção de bens que demandavam grande quantidade de petróleo. Tentando diminuir essa desvantagem o linhito, uma fonte de energia extremamente poluente, foi cada vez mais utilizado na RDA, piorando ainda mais a crônica poluição do ar, levando milhares de pessoas aos hospitais públicos, onerando ainda mais as reservas monetárias do país.⁵⁵

A situação econômica da RDA estava à beira de um colapso: mesmo um empréstimo de alguns bilhões de dólares conseguido no início da década com a RFA não resolveu os problemas da Alemanha Oriental, e a URSS não poderia mais ajudar

⁵⁴ Diego Hernández afirma que a RDA contou, a partir da década de 1960 até a queda do Muro de Berlim, com mais de doze mil informantes dentro da República Federal: suas atuações iam desde os meios estudantis, até em partidos políticos e órgãos governamentais (HERNÁNDEZ, Diego Íñiguez. *El gran momento de la RDA*. Revista Política Exterior, Espanha, nº 132, vol. 23, 2009, p. 59).

⁵⁵ A mineração a céu aberto do linhito era tão devastadora que não foram poucos os casos de pequenas cidades que tiveram de ser transferidas de lugar por causa dos efeitos nocivos dessa fonte mineral: mananciais e o solo passaram a sofrer graves e irreversíveis danos, além das emissões de dióxido de carbono atingirem um dos maiores níveis do mundo.

como antes devido à sua própria situação. A República Democrática precisava urgentemente da ajuda ocidental, mas isso não foi levado em consideração por Honecker, que prosseguiu exigindo o pleno reconhecimento diplomático da Alemanha Oriental pela RFA, algo que não foi levado a cabo. A chegada ao poder de Gorbachev na URSS em 1985 iniciou um período de reformas no bloco soviético, mas pouco foi modificado na RDA: a visita de Honecker à República Federal em 1987 parecia demarcar um novo período no relacionamento entre os dois países, algo que acabou não se concretizando. As lideranças da RDA, aturdidas com os caminhos que a URSS e o bloco socialista estavam tomando, resolveram distanciar-se paulatinamente de Moscou, o que levou a um enfraquecimento ainda maior de um país que já não tinha muitas saídas para sua crise.⁵⁶ O final da década de 1980 viu o regime da República Democrática Alemã esvair-se.

1.3 - DA REUNIFICAÇÃO À ALEMANHA DO SÉCULO XXI (1989-2014)

A situação do bloco soviético em 1989 era de efervescência social, política e econômica: diversos países do Leste Europeu como, por exemplo, a Polônia e a Hungria, procuravam cada vez mais caminhos alternativos ao socialismo preconizado pela URSS, que não esboçava praticamente nenhum movimento em contrário. As lideranças da RDA buscavam se adaptar a esse momento de mudanças, tentando ao mesmo tempo manter seu *modus operandi* na direção do país; a produção econômica da Alemanha Oriental era dois terços menor que a da RFA, e a crise econômica fez com que os programas sociais e os gastos militares fossem reduzidos ao mínimo necessário.⁵⁷ A insatisfação popular era apontada pela *Stasi* como um perigoso catalisador contrário ao regime, fato esses ainda mais acentuado devido ao início de pequenas manifestações populares exigindo liberdade de expressão, que no início foram reprimidas, mas que depois tiveram um aumento no número de participantes,

⁵⁶ Um momento nesse período foi sintomático com relação ao distanciamento entre a RDA e a URSS: numa entrevista à Revista *Stern* (da RFA) em 1987, um dos ideólogos mais importantes da República Democrática, Kurt Heger, repudiou a *Perestroika*, afirmando que "a pessoa não precisa mudar o papel de parede do seu apartamento porque o vizinho mudou o dele". Essa declaração parecia complementar um discurso de Gorbachev no ano anterior, onde claramente o líder soviético afirmou que os movimentos de reforma nos Estados socialistas não mais provocariam a intervenção militar soviética, algo que realmente se concretizou nos eventos vindouros (KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 498).

⁵⁷ HERNÁNDEZ, Diego Íñiguez. *El gran momento de la RDA*. Revista Política Exterior, Espanha, nº 132, vol. 23, 2009, p. 60.

espalhando-se por todo o país, causando assim ainda mais problemas ao governo⁵⁸. Honecker não efetuava mudanças, mas seu poder diminuía aos poucos: o número de pessoas que tentavam emigrar da RDA para outros países ocidentais atingiu níveis parecidos aos de antes da construção do Muro de Berlim, o apoio de Gorbachev à liderança da Alemanha Oriental era quase nulo, e a *Stasi* já não conseguia manter a população pacificada como outrora. Em outubro de 1989, Honecker foi afastado do poder por seus pares, que elegeram Egon Krenz para tentar debelar a crise, mas a pressão foi tornando-se cada vez mais insustentável, com multidões indo às ruas exigindo liberdades de expressão e reunião, imprensa livre, e o direito de viajar a qualquer lugar. Um pedido vultoso de empréstimo foi feito à RFA, que colocou a condição para efetuá-lo de que o único partido político dirigente da Alemanha Oriental perdesse seu monopólio político, ensejando um pluripartidarismo que a RDA não poderia sustentar. Na noite do dia 09 de novembro, as restrições de circulação de alemães orientais para o lado ocidental acabaram⁵⁹, e o Muro de Berlim começou a ser destruído espontaneamente pela população de ambos os lados da cidade, talvez em um dos momentos mais marcantes de todo o século XX: a Guerra Fria sofrera em Berlim um sério revés, assim como os próprios regimes da RDA e URSS⁶⁰.

Diversas tentativas de mudanças nos cargos dirigentes da República Democrática foram feitas para evitar o colapso do país, mas nenhuma deu resultado. O novo dirigente da RDA, Gregor Gysi, segundo Martin Kitchen, declarou que haveria de procurar um "terceiro caminho entre o socialismo stalinista e a dominação dos monopólios transnacionais"⁶¹, algo que acabou não se concretizando. As conversas sobre a reunificação do país efetuaram-se através de Bonn, Washington, Londres e Moscou: a sequência de negociações acabou por definir alguns acordos entre os participantes, possibilitando assim que as tentativas de Gysi em brevar o processo de

⁵⁸ Algumas manifestações em cidades importantes como Leipzig, por exemplo, tiveram mais de cem mil pessoas clamando por reformas democráticas (KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p.500).

⁵⁹ Um dos membros do governo da RDA, Günter Schabowski, estava dando uma entrevista para explicar as mudanças nas regras de viagem dos cidadãos quando, interpelado pelos jornalistas sobre em que período as novas diretrizes entrariam em vigor, respondeu de pronto "Agora, imediatamente!", causando quase que instantaneamente um deslocamento de milhares de pessoas rumo às barreiras para Berlim Ocidental, levando os policiais estupefatos e sem ordens específicas sobre aquela aglomeração à levantar os obstáculos, e permitir o amplo fluxo de pessoas para o lado ocidental da cidade.

⁶⁰ Apesar das reformas, Gorbachev não conseguiu frear a derrocada da URSS: em dezembro de 1991, o país deixou de existir, fragmentando-se em diversos outros Estados.

⁶¹ KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 503.

reunificação fossem infrutíferas. Eleições locais livres foram realizadas na RDA em março de 1990, enfraquecendo a liderança socialista da República Democrática, que já não contava com nenhum tipo de apoio externo. Mais negociações entre os EUA, Grã-Bretanha, França, Alemanha Ocidental e URSS levaram aos últimos ajustes, que redundaram em um Tratado de Unificação assinado pelas "duas Alemanhas" em 31 de agosto de 1990, mas nem mesmo a definição de uma capital havia ocorrido, algo que seria discutido posteriormente, juntamente com uma série de outras questões de ordem legal. A República Democrática Alemã se extinguiu oficialmente no dia 03 de outubro.

O novo país reunificado tinha a liderança de Helmut Kohl, ex-Chanceler da República Federal, que havia tido uma grande vitória eleitoral em fins de 1990, juntamente com a coalizão de partidos que lhe davam apoio político. A nova capital, após amplo debate e uma votação apertada foi definida como Berlim, tendo Bonn permanecido com alguns órgãos governamentais até 1999. As mudanças ocorridas na “nova” Alemanha transferiram muitas responsabilidades administrativas e governamentais para suas províncias, mantendo em contrapartida um Parlamento nacional (*Bundestag*).

O grande desafio do novo governo era diminuir as diferenças econômicas e sociais das regiões que outrora formavam a RDA, com relação ao restante do país. O cenário no início dos anos 1990 era complexo: logo após a reunificação, a produção industrial das regiões da ex-RDA caiu pela metade, o Produto Interno Bruto decaiu em 30%, e os custos de mão de obra mais do que dobraram.⁶² Os produtos oferecidos pela Alemanha Oriental não se inseriam nos padrões de competitividade do mercado capitalista, e seu maquinário estava extremamente ultrapassado. Além dos problemas econômicos os alemães orientais não se sentiam inseridos no novo país, pois três quartos da população consideravam-se cidadãos de segunda classe perante os alemães ocidentais.⁶³ Uma série de medidas do governo para tentar diminuir o alcance desses

⁶² KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 556.

⁶³ No ano de 1993, uma pesquisa foi realizada, e constatou-se que 85% dos habitantes da antiga RDA e 71% da RFA sentiam que o novo país tinha interesses conflitantes por causa da diferença entre as suas regiões. Em 1995 uma nova pesquisa foi realizada, e mais de dois terços dos entrevistados diziam ter orgulho de seu padrão de vida na RDA (KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, pp. 556-558).

problemas levou ao aumento de impostos⁶⁴, tanto para financiar a reconstrução do lado oriental, como para diminuir o déficit relativo à participação do país na Guerra do Golfo.

Em meados da década de 1990, a situação da Alemanha não havia se modificado muito, já que as taxas de industrialização e crescimento econômico eram bastante díspares entre o lado ocidental e oriental (este tendo os piores resultados), e a taxa de desemprego bastante diferente entre as duas regiões (tendo o leste números duas vezes maiores que o oeste). As dificuldades levaram a coalizão de Kohl a vencer as eleições de 1994 por uma margem ínfima, mostrando uma suposta insatisfação dos eleitores por todo o país. O Chanceler da Alemanha tentou efetuar uma série de reformas de caráter fiscal e econômico, mas muitas delas foram barradas nas votações devido à frágil constituição de sua coalizão política. Os anos foram passando, e a diferença entre os dois lados do país não se modificava, levando o país a uma indefinição, que foi retratada nas eleições de 1998, quando a coalizão de Kohl foi derrotada nas urnas, e um novo grupo de partidos políticos (incluindo-se os Verdes) alçou ao poder um novo Chanceler, Gerhard Schröder. Diversas questões de ordem externa⁶⁵ colocaram a nova coalizão de forças em constante atrito, tendo Schröder atuado como um meio termo entre todas as tendências políticas. Os ataques de 11 de setembro de 2001 aos EUA colocaram mais um componente nas preocupações cotidianas do governo alemão: o terrorismo, algo que já vinha ocorrendo desde a época da RFA, mas que agora não tinha ligações com o esquerdismo, mas sim com o radicalismo islâmico. Às vésperas das eleições de 2002, uma das piores enchentes da história alemã assolou o leste do país, causando mortes e destruições materiais em grande escala: Schröder visitou pessoalmente os locais atingidos, angariando grande apoio dos locais e, coincidentemente, foram exatamente os votos do leste da Alemanha que fizeram com que sua coalizão mantivesse o mínimo de votos necessários para mantê-lo como Chanceler. As questões externas se mantiveram na pauta do dia, tendo a Alemanha se oposto frontalmente às intenções dos EUA em invadir o Iraque em 2003, algo que manteve estagnadas as relações diplomáticas entre os dois países.

⁶⁴ Alguns impostos foram exclusivamente criados para as regiões da antiga República Federal, tendo em vista o auxílio na reconstrução da parte oriental do país, gerando intenso descontentamento, e acirrando ainda mais os ânimos com relação aos alemães orientais.

⁶⁵ Essas questões iam desde a necessidade da efetiva participação alemã na OTAN, até o envio de tropas, juntamente com outros países, para tentar debelar a Guerra de Kosovo.

No plano interno, Schröder manteve suas promessas de campanha e aumentou as pensões alimentícias e os seguros de assistência, mas o desemprego ainda era um importante problema. O aumento nos valores de programas sociais acabou por traduzir-se em cortes em outras áreas, fazendo os sindicatos trabalhistas criticarem duramente o governo, além de efetuarem grandes manifestações. Em meados de 2005, o Chanceler acabou vendo o término de seu governo, e a ascensão de Angela Merkel. A primeira Chanceler da história alemã foi sustentada por uma coalizão de partidos diferente de seu antecessor, possibilitando mudanças nos rumos do país nos anos seguintes, que redundaram em uma redução acentuada das taxas de desemprego, além do crescimento da economia. As eleições de 2009 acabaram mais uma vez modificando o quadro político, e Merkel se viu na necessidade de atender às diferentes demandas das correntes partidárias, nem sempre com muito êxito; mesmo assim, até o ano de 2014 a recessão econômica havia cedido, dando lugar a um aumento nas taxas de exportação de produtos, aliado a um número cada vez maior de ofertas de emprego e taxas de juros mais baixas. A situação da Alemanha nas primeiras décadas do século XXI demonstra que o país tornou-se uma sólida democracia no continente, além de uma potência econômica a nível local e mundial; um dos problemas mais sérios enfrentados pelo país se dá pela questão de imigrantes, principalmente de países do Oriente Médio que, fugindo de guerras intestinas e do terrorismo, vêem o país germânico como um refúgio mais seguro. Principalmente nos anos de 2015 e 2016, essa questão tornou-se um problema crônico, não somente para a Alemanha, como também para toda a Europa.

CAPÍTULO 2

A MEMÓRIA ALEMÃ SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: REMEMORAÇÕES, ESQUECIMENTOS E SILÊNCIOS (1950-2014)

A Segunda Guerra Mundial, diante da magnitude dos acontecimentos relacionados, pode ser considerada um dos conflitos mais decisivos e importantes na história da humanidade. Sua influência pode ser percebida ainda nos dias atuais, através de fatos, ações, ideias e representações, que remetem suas origens ao conflito bélico. O continente europeu foi um dos mais afetados pela série de ações militares, conflitos ideológicos e perdas humanas e materiais de mais de cinco anos de guerra

Após o término das hostilidades, a Alemanha jazia derrotada, e em seus escombros iniciou-se uma nova disputa, colocando em polos opostos os EUA e seus aliados, e do outro a URSS, agora com novos países-satélites por ela diretamente influenciados, resultado das campanhas militares na luta contra o nazismo, que levaram as tropas soviéticas para diversos países do Leste Europeu. A disputa latente que se iniciou confrontava não somente as duas maiores potências militares do mundo, mas também sistemas econômicos, políticos e sociais diametralmente opostos e que se tornariam ferrenhos adversários. Esse conflito, de caráter militar indireto, foi travado também no campo cultural e intelectual, já que a polarização entre o capitalismo ocidental e o socialismo preconizado pelos soviéticos incluía alinhamentos ideológicos que eram vistos como importantes meios de divulgação e ação para ambos os lados. Tamanha era a importância do campo das ideias nessa disputa pela supremacia global que

“já em 1953, no auge da Guerra Fria, os programas culturais dos EUA no exterior (excluindo subsídios secretos e fundações particulares) empregavam 13 mil pessoas e custavam 129 milhões de dólares, recursos gastos principalmente na batalha para conquistar corações e mentes da elite intelectual do Oeste Europeu.”⁶⁶

⁶⁶ JUDT, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2008, p. 230.

Trataremos neste capítulo dos problemas ocasionados por disputas pelo poder a nível mundial, e a influência que tiveram sobre a Alemanha; além dessas questões, os alemães ainda tinham muitas questões internas a resolver no Pós-Guerra. O processo de reconstrução das duas partes do país incluía a recuperação econômica, o reerguimento das instituições políticas e uma renovação nas relações sociais. Abordaremos, por exemplo, o processo de desnazificação da sociedade e das instituições alemãs, que foi conduzido pelos Aliados de formas distintas em cada zona de ocupação, mas tendo o mesmo objetivo: extirpar da Alemanha a ideologia fascista, criminalizando-a e a definindo como uma das principais causadoras da Segunda Guerra Mundial, e das mazelas nela incluídas como o Holocausto, por exemplo. Os processos de desnazificação de ambos os países tiveram diferenças entre si, e não foram raras as ocasiões em que acabaram tendo a inclusão de componentes peculiares com objetivos de depreciação de seus adversários ideológicos. Trataremos também de contextualizar os fatos ocorridos durante a Solução Final, explicando através de um breve histórico, as relações do antissemitismo com a sociedade alemã durante o Terceiro Reich, e suas conseqüências.

Os habitantes tanto da RFA quanto da RDA tiveram de se readaptar às novas condições de vida sem o nazismo; uma das principais ideias defendidas em nossa análise aponta que suas reflexões e memórias sobre a guerra foram em diversas oportunidades reprimidas mesmo que de maneira não intencional pelas iniciativas de reconstrução, resultando no silêncio sobre o passado para as gerações posteriores.⁶⁷ Serão apontadas, durante o capítulo, as questões envolvendo a memória coletiva dos alemães perante os assuntos relacionados à Segunda Guerra Mundial, além das intersecções com as lembranças individuais: a culpa, o silêncio e os tabus sociais referentes à guerra e ao Holocausto serão amplamente abordados durante nosso estudo. O uso e as representações da memória são, portanto, cruciais para entendermos como a compreensão dos alemães acerca do conflito bélico e da Solução Final foi construída a partir da década de 1950, sendo paulatinamente reafirmadas, em diversas oportunidades, ainda hoje.

Para os objetivos desse trabalho, as discussões envolvendo a relação dos alemães no Pós-Guerra com o Holocausto, e a própria visão dos germânicos como vítimas do

⁶⁷ SEBALD, Winfried Georg. *Guerra Aérea e Literatura*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2011, p. 17.

conflito bélico que eles próprios haviam começado, serão de extremo interesse para o desenvolvimento desse estudo a que nos estamos propondo. Por fim, a concepção dos lugares de memória definidos por Pierre Nora será de suma importância para nossa abordagem envolvendo os museus e memoriais como instrumentos de salvaguarda da memória, e de disponibilização de informações sobre a guerra e o Holocausto.

2.1 - DOS JULGAMENTOS DE NUREMBERG ÀS TENTATIVAS DE DESNAZIFICAÇÃO DA SOCIEDADE ALEMÃ

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha ocupada pelas potências aliadas teve de lidar com problemas que ultrapassavam as questões práticas de sobrevivência. Milhões de alemães haviam morrido ou ficado feridos durante o conflito, outros milhares de soldados estavam na condição de presos de guerra, e o regime político nazista, que havia governado o país durante doze anos, havia sucumbido. O número de refugiados era gigantesco, causando uma crise social acentuada pelas dificuldades crônicas relativas ao grande deslocamento populacional desencadeado pela guerra. Apesar das intensas dificuldades, os Aliados foram pouco a pouco levando suas zonas de ocupação de volta à normalidade, com os serviços básicos funcionando novamente, assim como a burocracia estatal. As autoridades de ocupação, ao mesmo tempo em que subsistiam a população, procuravam trazer à tona os crimes cometidos pelo nazismo durante a guerra, numa tentativa inicial de punir os culpados: os Julgamentos de Nuremberg foram um marco no período, levando ao tribunal vários membros do alto escalão nazista⁶⁸: as sessões foram transmitidas para a população alemã através das rádios, além das provas ali apresentadas, segundo Tony Judt, terem sido expostas por todo o país em escolas, centros educacionais e até mesmo cinemas.⁶⁹

As acusações envolvendo os nazistas julgados iam desde crimes de guerra até assassinatos e crimes contra a humanidade, incluindo ainda julgamentos em outros países, tais como a França e a Polônia, locais onde as infrações penais foram majoritariamente cometidas. Os Tribunais de Crimes de Guerra na zona ocidental

⁶⁸ O Julgamento foi um resultado prático oriundo da Declaração de Moscou (1943), que definiu a Alemanha como culpada de crimes de guerra

⁶⁹ Esse caráter pedagógico objetivava demonstrar aos alemães a extensão dos crimes cometidos, e a ação exemplar dos julgamentos, tornando os nazistas realmente "criminosos" na acepção completa do termo (JUDT, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2008, p.45).

alemã, entre os anos de 1945 e 1948, ainda segundo Judt, condenaram cerca de cinco mil pessoas por crimes de guerra e contra a humanidade, sendo que um décimo desse valor acabou enfrentando a pena capital.⁷⁰ A população alemã, ainda traumatizada pelos efeitos de uma guerra devastadora, foi questionada insistentemente pelas autoridades aliadas sobre sua participação no governo nazista, sendo que milhões de pessoas possuíam cartões de membros do Partido Nacional-Socialista, mas não necessariamente participaram das atrocidades do regime.

Os Aliados passaram paulatinamente a aniquilar os vestígios do Terceiro Reich, com uma maciça campanha de destruição dos símbolos daquele regime, rebatizando locais públicos, destruindo bandeiras e cartazes com a suástica⁷¹, além de proibir categoricamente desfiles ou hinos que remetiam ao nazismo. O “culto” à Hitler foi duramente combatido, tendo sua imagem de líder das massas desacreditada, transformando sua passagem pelo poder máximo no país em algo criminoso e destrutivo não somente para a Alemanha, mas também para toda a Europa. O processo que posteriormente ficou conhecido como desnazificação, em especial no lado ocidental alemão, iniciou-se já após o final da guerra, e perdurou até a fundação da República Federal da Alemanha, em 1949, com as forças de ocupação denotando grande esforço para levá-lo a cabo. Frederick Taylor aponta que o termo desnazificação, em sua origem, definia um conjunto de medidas que permitiriam ao sistema legal alemão uma renovação, livrando-se das máculas nazistas; entretanto, o termo foi abarcando cada vez mais significados, desde o desmantelamento dos mecanismos estatais nacional-socialistas, passando pela punição daqueles que cometeram crimes em nome do regime, e chegando até a sistemática retirada de simpatizantes do Terceiro Reich da vida pública e social alemã no Pós-Guerra.⁷² Esse processo de erradicação do nazismo foi conduzido pelos Aliados em diversos segmentos sociais, e também em muitas áreas profissionais, levando ao afastamento de suas atividades milhares de pessoas que acabaram tendo uma comprovada participação no regime recentemente terminado.⁷³ Os anos seguintes ao

⁷⁰ JUDT, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2008, p. 44.

⁷¹ Um dos momentos mais impactantes desse período foi filmado, e divulgado por toda a Alemanha: tropas estadunidenses explodiram a grande suástica que encimava o estádio de Nuremberg, local de grandes comícios nacional-socialistas.

⁷² TAYLOR, Frederick. *Exorcising Hitler: the occupation and desnazification of Germany*. Londres, Inglaterra. Editora Bloomsbury Publishing, 2011.

⁷³ Max Hastings nos demonstra um exemplo das visões de pessoas ligadas diretamente ao nazismo no Pós-Guerra através da esposa de um ex-oficial das tropas da SS: segundo ela, em 1947, "ninguém acredita em um alemão decente", complementando que "qualquer coisa que aqueles judeus imundos dizem se

início da desnazificação, todavia, demonstraram que a tarefa era hercúlea, e que os resultados nem sempre eram satisfatórios, pois milhões de pessoas tinham tido algum tipo de relação mais próxima com o nazismo e a guerra, e a punição de todos era impossível.⁷⁴ Mesmo diante dos esforços de publicidade das atrocidades cometidas pelo Terceiro Reich, muitas pessoas simplesmente ignoravam o que lhes estava sendo mostrado, como se aquilo fizesse parte de um passado incômodo, e que não deveria ser tocado. Tony Judt nos demonstra essa situação, através do depoimento de um contemporâneo daquele período:

"o escritor Stephan Hermlin descreveu uma cena, registrada num cinema de Frankfurt, em que alemães eram obrigados a assistir a documentários sobre *Dachau* e *Buchenwald* antes de receber seus cartões de racionamento: 'A meia-luz do projetor, eu podia ver que a maioria das pessoas virava o rosto assim que o documentário começava e permanecia naquela posição até que acabasse. Hoje penso que aquele rosto virado era, na verdade, a atitude de milhões de pessoas'".⁷⁵

A lógica dos Aliados em mostrar o resultado desses crimes inseria-se na ideia de que a população, ao entrar em contato com tamanhas atrocidades, teria repulsa pelos valores nazistas e pelas ações cometidas durante a Segunda Guerra Mundial, levando por fim a não repetição do que havia ocorrido no futuro. A política de desnazificação foi o instrumento utilizado pelos Aliados na porção ocidental do país para este fim, mas as necessidades da política internacional acabaram por solapar esse trabalho. No final da década de 1940, a Alemanha oficialmente cindiu-se em dois países antagônicos, sendo que cada um deles seguiu uma vertente que achava mais oportuna para seus respectivos desenvolvimentos. Na Alemanha Oriental, as autoridades soviéticas elaboraram uma agressiva campanha de erradicação do nazismo no país, julgando e condenando aqueles que tiveram participação nos crimes cometidos principalmente durante a guerra, além de retirar de seus trabalhos indivíduos que notoriamente tinham relações com o nacional-

torna um evangelho" (HASTINGS, Max. *Inferno: O Mundo em Guerra - 1939-1945*. Rio de Janeiro. Editora Intrínseca, 2011, p. 556).

⁷⁴ Além dessa impossibilidade havia um sério risco de, caso uma boa parte do país fosse punida, a contrariedade social com esse fato poderia levar à desordens que as autoridades aliadas queriam evitar à todo custo.

⁷⁵ JUDT, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2008, p. 50.

socialismo, substituindo-os por comunistas;⁷⁶ entretanto, segundo Tony Judt, caso as autoridades socialistas enxergassem ex-nazistas com um passado não demasiadamente comprometedor, e que ao mesmo tempo fossem úteis ao nascente país, aprovavam suas contratações. Alguns cargos-chave na administração pública da RDA, como nos segmentos de segurança pública, tiveram expressiva inserção de membros do extinto Terceiro Reich.⁷⁷

O caso da República Federal da Alemanha foi extremamente similar. As autoridades de ocupação aliadas e, posteriormente, as próprias lideranças da RFA reconheceram que havia uma dificuldade crônica em se conseguir mão de obra qualificada para as atribuições do funcionalismo público, e que ao mesmo tempo não tivessem contribuído ao regime do Terceiro Reich. Os novos imperativos estratégicos da nascente Guerra Fria, com a divisão da Alemanha em dois Estados, fizeram com que as lideranças políticas da RFA se vissem na necessidade de contar com os préstimos laborais de ex-nazistas para que o país pudesse desenvolver-se. Segundo Richard Bessel as autoridades das "duas Alemanhas", em incontáveis situações, ignoraram o passado dos novos funcionários, para que o objetivo majoritário de organizar os novos Estados fosse alcançado mais rapidamente.⁷⁸

As novas diretrizes tácitas de tolerância a antigos nazistas na máquina governamental acabaram por serem fatais à desnazificação, que pouco a pouco passou a não ser mais estimulada pelo Estado; com isso, antigos membros do Partido Nazista inseriram-se na nova sociedade alemã do Pós-Guerra praticamente sem serem incomodados, sendo que suas atividades em diversos casos extremamente questionáveis no passado, não foram investigadas mais profundamente. O início da década de 1950 presenciou o inexorável reerguimento do território alemão, principalmente na porção ocidental, e uma das consequências mais impactantes do ponto de vista social foi o

⁷⁶ O caráter de extinção do nazismo da Alemanha Oriental ainda tinha um forte embasamento teórico na construção do novo Estado alemão oriental: o fascismo era amplamente identificado com o capitalismo pela propaganda soviética, e a RDA tinha um sólido caráter "antifascista". A República Federal da Alemanha, mesmo com o passar dos anos, continuava a ser identificada pela RDA como "fascista, capitalista e imperialista", totalmente oposta aos "valores democráticos" preconizados pela Alemanha Oriental (KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013).

⁷⁷ JUDT, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2008, p.54.

⁷⁸ BESSEL, Richard. *Alemanha, 1945: da guerra à paz*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2010.

início de um processo de esquecimento dos alemães com relação ao que havia ocorrido e sido realizado durante a Segunda Guerra Mundial.

2.2 - REMEMORAÇÕES, SILÊNCIO E CULPA NA MEMÓRIA COLETIVA ALEMÃ DO PÓS-GUERRA

Os processos de rememoração e esquecimento na Alemanha do Pós-Guerra são de extrema complexidade, e podem ser estudados sob diferentes prismas. Uma explicação para essa miríade de possibilidades advém da análise dos conceitos de memória coletiva e individual segundo Maurice Halbwachs: a construção da primeira passa pelas impressões da segunda, que por sua vez são fortemente influenciadas pela ideia de pertencimento aos grupos nos quais o ser humano se insere.⁷⁹ O processo de esquecimento rege-se por mecanismos que ultrapassam os limites da individualidade: muito da memória coletiva acaba por influenciar uma pessoa, fazendo com que ela se lembre, apague parcialmente, ou tente esquecer definitivamente algo que sofreu ou presenciou. Ainda para Halbwachs, as lembranças são evocadas por situações do presente e, por esse motivo, estão em constante e profunda modificação.

Paul Ricoeur trata da temática do esquecimento de maneira bem específica, dividindo-o em dois tipos: o esquecimento de fuga (aquele que permitiria uma “evasão” em relação ao passado) e o esquecimento ativo (onde um “trabalho de luto” permitiria um distanciamento do passado, e a possibilidade real de confrontá-lo sob uma nova perspectiva, levando por fim a uma “libertação”).⁸⁰ O enfrentamento do passado poderia levar, ainda segundo Ricoeur, a um possível ato de perdão e conseqüente felicidade, onde a experiência traumática seria desconstruída aos poucos, tornando-se indolor com o passar do tempo. Mediante essa ideia, o esquecimento não seria recomendado, pois se transformaria em um dano permanente à memória, além de permitir que os erros cometidos anteriormente pudessem ocorrer novamente no futuro; com relação à anistia, o autor francês a classifica como um tipo de memória obrigada, onde a mesma contribuiria para a volta da coesão social sob pena de proibição da lembrança do passado vivido. Essa imposição, objetivando um apaziguamento da sociedade em torno

⁷⁹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo. Editora Vértice, 1990, p. 80.

⁸⁰ RICOUER, Paul. *A história, a memória, o esquecimento*. Campinas. Editora Unicamp, 2007, p. 423.

de um tema, seria um dos resultados daquilo que Ricoeur refere-se como algo onde “o dever de memória constitua ao mesmo tempo o cúmulo do bom uso e o do abuso no exercício da memória.”⁸¹

Entretanto, podemos identificar em ambos os lados da Alemanha um artifício bastante difundido com relação às reminiscências da guerra: o silêncio. A sociedade alemã encontrou na amnésia do que tinha ocorrido uma válvula de escape até certo ponto confortável, permitindo que as atrocidades cometidas fossem levadas a um destino longínquo, evitando ao máximo serem lembradas. Hermann Lübbe, durante a década de 1980, defendeu esse esquecimento como algo parecido a um "pacto de silêncio", tendo sido a base de uma estratégia pragmática adotada pelas autoridades para que os antigos nazistas pudessem se inserir na sociedade com menos dificuldades, não gerando assim instabilidades sociais que poderiam colocar o recente regime democrático da Alemanha Ocidental em crise; contudo, o "pacto" acabou por contribuir sobremaneira para uma suposta deformação dos processos de rememoração da população acerca, principalmente, da guerra e do Holocausto.⁸² Paradoxalmente a essa necessidade de esquecimento compulsório,⁸³ tal situação não era de todo interessante tanto para os governos da RFA e RDA: além do embate ideológico da Guerra Fria, havia uma grande preocupação das autoridades de ambos os países acerca da possibilidade de um reerguimento do movimento nazista em algum ponto do futuro. Tendo em vista o combate a esse temor, um possível legado nacional-socialista à população foi diretamente ligado à guerra, destruição, crimes e intolerância. Ao mesmo tempo em que muitos antigos membros do Partido Nazista tomavam parte na administração das "duas Alemanhas", o povo era levado a entender que o Terceiro Reich fazia parte de um passado destrutivo, seja através da sua participação na Segunda

⁸¹ RICOEUR, Paul. *A história, a memória, o esquecimento*. Campinas. Editora Unicamp, 2007, p.100.

⁸² LÜBBE, Hermann. *Der Nationalsozialismus im politischen Bewusstsein der Gegenwart*. In BROSZAT, Martin (org.). *Deutschlands Weg in die Diktatur: Internationale Konferenz zur nationalsozialistischen Machtübernahme im Reichstagsgebäude zu Berlin*. Berlim, Alemanha Ocidental, 1983, pp. 329–349.

⁸³ Outro autor alemão á corroborar as ideias de Lübbe sobre o "pacto de silêncio" na sociedade alemã é Ralph Giordano: para ele, a amnésia coletiva da sociedade alemã no Pós-Guerra acabou sendo cuidadosamente selecionada, acentuando o esquecimento com relação ao Holocausto. Isso se dava ainda segundo Giordano, não pela defesa do Terceiro Reich, mas sim por mecanismos de salvaguarda da consciência de cada indivíduo, que não queria confessar-se culpado perante a si mesmo, e diante de sua comunidade (GIORDANO, Ralph. *Die zweite Schuld Oder Von der Last Deutscher zu sein*. Colônia, Alemanha. Editora Kiepenheuerund Witsch, 2000, p. 11).

Guerra Mundial ou do cometimento de infrações penais, e que não deveria mais ser repetido.

Podemos identificar diversas consequências acerca dos processos de definição do governo nazista como criminoso, sendo que uma das mais profundas foi a de uma culpabilidade da sociedade alemã pelos atos cometidos pelo Estado. Logo após o fim da guerra, um manifesto do recentemente ressurgido Partido Comunista Alemão (sob influência da URSS) definia até que ponto a população tinha de conhecer sua própria participação no regime que havia caído há pouco:

"É ainda mais necessário que em cada alemão ardam a consciência e a vergonha de que o povo alemão tem, num grau significativo, culpa e responsabilidade pela guerra e suas consequências. Hitler não é o único culpado pelos crimes cometidos contra a humanidade! Também tem sua parcela de culpa os 10 milhões de alemães que votaram nele em eleições livres em 1932, apesar de nós, comunistas, termos advertido: 'Quem vota em Hitler vota na guerra!'. Tem sua parcela de culpa todos os alemães, homens e mulheres, que invertebrada e humildemente cruzaram os braços enquanto Hitler concentrava poderes em suas mãos, enquanto esmagava todas as organizações democráticas, acima de tudo as organizações da classe trabalhadora, e permitiram que os melhores alemães fossem trancafiados, torturados e decapitados"⁸⁴

O conceito de culpabilidade acentuou-se após os Julgamentos de Nuremberg, permeando a consciência de milhões de pessoas nos anos vindouros, inclusive indo de encontro ao que Norbert Elias chamou de "nós-ideal" da sociedade alemã.⁸⁵

Outro autor que lidou com as questões envolvendo a culpabilidade da população alemã foi Karl Jaspers, defensor da teoria de que o reerguimento dos alemães no Pós-Guerra passaria obrigatoriamente por uma expiação da culpa ao que havia ocorrido no governo nazista e na guerra: mesmo que muitos não tivessem participado diretamente

⁸⁴ BESSEL, Richard. *Alemanha, 1945: da guerra à paz*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2010, p. 298.

⁸⁵ Elias expôs que o povo alemão sempre ansiou pela vinda de um homem forte e centralizador ao poder, pois a memória da população ainda guardava as saudosas lembranças do forte Império Alemão de outrora; com isso, Hitler acabou aproveitando-se desse fator, assumindo uma figura de onipotência, inclusive resgatando conceitos monárquicos com alto apelo popular como, por exemplo, o termo *Reich*. Os alemães durante o governo de Hitler foram estimulados a acreditar em uma idealização de que a importância do país voltaria a atingir os níveis do auge do Império, construindo assim uma imagem altamente positiva de um "nós - ideal", que acabou revelando-se destrutiva durante a Segunda Guerra Mundial (ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 1997).

das atrocidades cometidas durante o conflito, a culpa não estaria somente na esfera criminal. Segundo Jaspers, em relação à ocorrência.

“dos crimes que foram cometidos em nome do Reich, cada alemão se torna corresponsável. Somos coletivamente ‘responsáveis’. A questão é, entretanto, em que sentido cada um de nós tem de sentir-se corresponsável. Sem dúvida, no sentido político da corresponsabilidade de cada cidadão pelos atos que comete o Estado ao qual pertence.”⁸⁶

A culpa a que Jaspers se refere estaria ligada a cada indivíduo, mas não necessariamente conectada a uma culpa coletiva: para esse autor, a tese de que a sociedade alemã despersonalizada seria responsável pelos crimes nazistas durante o Terceiro Reich é falaciosa, sendo mais um dos mecanismos criados e difundidos durante o Pós-Guerra para dissolver no tecido social a culpa que recairia sobre cada pessoa.⁸⁷ Outro ponto a que Jaspers faz uma crítica incisiva diz respeito a uma possível diminuição de culpa entre aqueles que participaram ativamente dos crimes cometidos pelo Estado, e daqueles que se tornaram passivos diante do que ocorria; para o autor alemão essa diferenciação não existe, pois mesmo tornando-se meros espectadores das atrocidades cometidas, os indivíduos poderiam ter tomado alguma atitude que modificasse as ações, ou mesmo suas consequências. A culpa moral, neste caso, aplica-se da mesma forma, pois a abstenção diante das infrações cometidas seria tão destrutiva quanto ao que foi realizado de maneira ativa.⁸⁸

2.3 - UM BREVE HISTÓRICO: O ANTISSEMITISMO NA ALEMANHA DO TERCEIRO REICH ANTES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1933-1938)

O antissemitismo, ou seja, as demonstrações de ódio e preconceito contra os judeus e sua cultura, manifestam-se na história da humanidade, segundo Enrique

⁸⁶ JASPERS, Karl. *El problema de la culpa: sobre la responsabilidad política de Alemania*. Barcelona, Espanha. Ediciones Paidós, 1998, p.80.

⁸⁷ JASPERS, Karl. *El problema de la culpa: sobre la responsabilidad política de Alemania*. Barcelona, Espanha. Ediciones Paidós, 1998.

⁸⁸ JASPERS, Karl. *El problema de la culpa: sobre la responsabilidad política de Alemania*. Barcelona, Espanha. Ediciones Paidós, 1998pp. 86-87.

Mandelbaum⁸⁹, há pelo menos vinte séculos, em diversas partes do mundo. A conceituação moderna do termo surgiu na Alemanha da segunda metade do século XIX, através do teórico Wilhem Mahrr⁹⁰, sendo extremamente vasta, apresentando nuances cronológicas e históricas substanciais, tornando assim a discussão bastante extensa. Diversos autores abordam o antissemitismo sob seus diversos aspectos, e uma das estudiosas que mais se aprofundaram com relação a essa temática foi Hannah Arendt, tratando-a unicamente, ou explorando suas relações com outros conceitos. A autora alemã diferencia o antissemitismo contra os judeus baseado na perseguição religiosa (e que ocorria há séculos) de uma vertente mais moderna, ligada diretamente às variações e oscilações sociais, políticas e econômicas do Estado-Nação, visão essa corroborada por Raul Hilberg⁹¹: tal antissemitismo não seria resultado do nacionalismo tradicional, que progrediu principalmente à partir do século XIX, mas sim do constante declínio do Estado-Nação. Explicitando essa ideia, Arendt afirma que “cada classe da sociedade que, em um momento ou outro, entrava em conflito com o Estado tornava-se antissemita porque os judeus eram o único grupo social que parecia representar o Estado”⁹²

A participação de judeus nos negócios de diversos Estados-Nação através dos séculos os tornou membros importantes dos tecidos sociais das principais monarquias europeias, e os identificaram como representantes e até mesmo símbolos governamentais. Em momentos de aguda crise econômica ou política nesses Estados não foram incomuns acontecimentos em que os judeus eram apontados como responsáveis pelos momentos de dificuldades, sofrendo até mesmo represálias. Para Hannah Arendt, tal antissemitismo é o oposto do ódio e perseguição dos judeus por causa de sua religião e cultura, com diversos exemplos na História e em sociedades

⁸⁹ Para esse autor, inclusive, o próprio termo antissemitismo já seria um modo de preconceito repressivo, pois segundo ele, a maioria dos judeus tem origens caucasianas, e não de povos semitas propriamente ditos (MANDELBAUM, Enrique. *Algumas considerações sobre judeus, judaísmo e antissemitismo*. Revista USP. São Paulo, n° 93, pp 225-230).

⁹⁰ Segundo Mandelbaum, a criação desse conceito sobreveio da tentativa de diferenciação das formas negativas de relacionamento do corpo social, laico e nacional, com os judeus, além de analisar os modos como o ódio contra esse segmento da população se manifestavam (MANDELBAUM, Enrique. *Algumas considerações sobre judeus, judaísmo e antissemitismo*. Revista USP. São Paulo, n° 93, p.230).

⁹¹ O autor austríaco afirma que, ao longo do século XIX, houve uma transição do antissemitismo religioso, que já existia na História da humanidade havia séculos, para um antissemitismo político/pseudocientífico, coadunado com os desenvolvimentos tecnológicos e com o surgimento de novas teorias sociais que se baseavam também no desenvolvimento científico (HILBERG, Raul. *The destruction of European Jews: precedents*. In: BARTOV, Omer. *The Holocaust: Origins, Implementation, Aftermath*. Nova York, EUA. Editora Routledge, 2001. pp. 21-42).

⁹² ARENDT, Hannah. *Le système totalitaire*. Paris, França. Editora Seuil, 1972, p. 68.

diferentes entre si: a falência momentânea⁹³ ou total de um Estado seria a oportunidade para que “um grupo de pessoas se tornasse antissemitas em um dado país num dado momento histórico, dependendo exclusivamente das circunstâncias gerais que os levavam a violento antagonismo contra o governo”.⁹⁴

A Europa tornou-se um dos principais focos identificáveis de práticas com objetivos ou causas antissemitas através dos anos, sendo a Alemanha um dos principais exemplos. No período em que os diversos Estados germânicos se unificaram, dando origem na segunda metade do século XIX à fundação do Império Alemão, aproximadamente meio milhão de judeus viviam no país, número esse que aumentou para seiscentas mil pessoas às vésperas da Primeira Guerra Mundial.⁹⁵ Majoritariamente, a população judia alemã nesse período era formada por membros das classes médias urbanas, com atuação nas áreas de comércio, bancos, e de profissionais liberais; o pequeno crescimento demográfico dos judeus na Alemanha se dava por diversos fatores, desde a limitação das taxas de natalidade, típicas de famílias de classe média no país, até os frequentes casamentos entre judeus e não judeus, que geravam crianças na maioria das vezes não batizadas na religião judaica. Apesar de representarem 1% da população total alemã em fins do século XIX e início do século XX, e não terem nenhum tipo de discriminação jurídica, os judeus tinham de enfrentar diversas barreiras sociais: segundo Martin Kitchen, na maior parte do país, membros da comunidade judaica não podiam ser aceitos no corpo de oficiais do exército, em clubes e associações, além dos altos cargos do magistério e de serviços civis serem praticamente inatingíveis para esse segmento da população. Somente no judiciário havia certa acessibilidade de judeus aos mais altos postos.⁹⁶ Tal diferenciação perante o restante da sociedade alemã ocorria, dentre outros fatores, por se considerarem os judeus, assim como diversas minorias que viviam na Alemanha, indivíduos diferentes,

⁹³ Uma situação extremamente ilustrativa desse fato ocorreu no Império Alemão recém-unificado: em 1874, a Bolsa de Valores de Berlim teve uma severa crise especulativa, levando investidores a perderem seu dinheiro. Publicações de grande circulação passaram a acusar “especuladores judeus” como os culpados para essa crise, além de apontar que a localização territorial da Bolsa, na Jerusalemer Strasse (Rua das pessoas de Jerusalém), facilitaria o lucro dos judeus. Até mesmo um jornal apontou uma aliança entre “liberais, judeus e Bismarck” como motivo para o problema na Bolsa de Valores (KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, pp. 177-178).

⁹⁴ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 48.

⁹⁵ KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 174.

⁹⁶ KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 175.

estranhos à maioria do tecido social alemão, independentemente de muitos membros da comunidade judaica terem aceitado genuinamente à cultura do país, e por vezes até mesmo ignorando preceitos básicos da cultura e religiões judaicas de seus antepassados, para uma melhor inserção social.

O advento da Primeira Guerra Mundial modificou profundamente a sociedade alemã, e o sistema político do país. As agruras do longo conflito bélico foram acentuadas pela derrota da Alemanha, e a procura por culpados pela derrocada foi intensa, alcançando inclusive os judeus. As mudanças ocorreram em diversas oportunidades de maneira abrupta, causando insatisfações sociais que agravaram ainda mais a situação: às vésperas do pedido de paz feito pela Alemanha, o sistema de governo foi modificado para uma monarquia constitucional, causando ferrenhas críticas de setores conservadores, que viam uma suposta guinada democrática como um componente para que um determinado “poder destrutivo” dos judeus se instalasse na Alemanha. Ainda corroborando essa ideia, um manifesto contrário ao novo governo afirmava que a situação dos judeus deveria ser resolvida de maneira definitiva, declarando: “matem todos eles; não lhes será perguntado o motivo no juízo final”.⁹⁷

A situação no país se aproximava cada vez mais do colapso, com desordens nos centros urbanos, fome, e pedidos cada vez mais insistentes de abdicação do *kaiser*, algo que se concretizou em fins de 1918, gerando também a assinatura do armistício pela Alemanha, e o fim da Primeira Guerra Mundial. As instituições alemãs estavam em situação delicada, e uma sequencia de acordos entre partidos políticos acabaram criando um novo sistema de governo, republicano e democrático, algo até então inédito no país. O novo regime, que passou à História como República de Weimar, teve de lidar desde seu início com diversas crises por todo o território alemão, tendo inclusive de lançar mão de forças militares para debelá-las. O Tratado de Versalhes, com pesadas penas impostas à Alemanha, gerou intensa insatisfação popular, mas foi aceito pelo novo governo, catalisando segmentos sociais que viam na República uma “inimiga” do povo e da “grandeza” da Alemanha. As reformas econômicas não resolveram os problemas do país, e a governabilidade foi sendo minada por tentativas de golpes em diversas partes do país, inclusive Berlim. Um dos gabinetes governamentais que surgiram nesse período republicano teve na figura de Walther Rathenau um de seus baluartes: contudo,

⁹⁷ KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 281.

suas origens judias o faziam ter forte oposição de membros da direita na Alemanha, que durante os anos 1920 passou a cada vez mais se radicalizar. A situação atingiu um nível alarmante quando Rathenau foi assassinado por membros de uma organização de direita, o que demonstrou a celeridade com que o antissemitismo no país estava avançando.

O ódio e o preconceito contra os judeus na Alemanha se intensificaram durante a República de Weimar, com organizações civis e partidos políticos de orientação conservadora sendo criados e expandidos baseados em ideologias antissemitas. Os movimentos de esquerda atuantes tinham em suas fileiras intelectuais de esquerda, e não foram poucos os casos em que líderes conservadores identificavam o marxismo como um dos meios de chegada dos judeus ao poder. Ideias e argumentos de que a comunidade judaica havia contribuído para a derrota alemã na guerra, surgidas ainda durante o conflito, ganharam corpo durante a década de 1920, seja através de publicações, ou de discursos que ganhavam cada vez mais adeptos. Até mesmo partidos políticos que davam sustentação ao regime tinham em seus interiores organizações que, publicamente, não externavam seus preconceitos, mas que alimentavam o antissemitismo entre seus membros. Em algumas regiões da Alemanha como Munique, por exemplo, havia agremiações partidárias com inclinações evidentes ao preconceito contra os judeus como, por exemplo, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), tendo em Adolf Hitler uma de suas principais lideranças.

A Crise econômica de 1929 veio a modificar novamente o quadro interno da Alemanha: o país, que vinha se reerguendo aos poucos das consequências da Primeira Guerra Mundial e das privações oriundas das cláusulas do Tratado de Versalhes, passou novamente a ter um forte desequilíbrio de sua economia, gerando desemprego e alta inflação, levando ao aumento das insatisfações populares contra o regime político. A sequência de líderes políticos alemães não conseguiu debelar as crises que se somavam no início da década de 1930, e boa parte da população alemã passou a dar ouvidos às propostas nacionalistas de partidos como o NSDAP: após uma série de manobras políticas, Hitler conseguiu chegar ao posto máximo de mandatário da Alemanha. Sua chegada ao poder trouxe profundas mudanças em praticamente todos os segmentos sociais, políticos e econômicos do país: suas propostas de uma Alemanha novamente forte e poderosa, aliada a uma oratória inflamada de combate às mazelas como, por exemplo, o desemprego, contavam com ampla repercussão popular. Ao mesmo tempo

em que Hitler colocava em prática suas medidas de governo, aproveitava-se da máquina estatal para efetuar algo que ele já defendia abertamente desde a década de 1920: estimular e praticar ostensivamente o antissemitismo.

As primeiras iniciativas dos nazistas com relação à perseguições contra os judeus acabaram resultando em ações descoordenadas e muitas vezes isoladas, perpetradas por membros das tropas de choque do Partido; mesmo assim, tais atividades não deixavam de ser violentas, atingindo propriedades judaicas e resultando em agressões físicas e até mesmo casos de morte de judeus. A comunidade internacional reagiu criticando duramente o Terceiro Reich por tais atitudes, ao que obteve como resposta um endurecimento ainda maior das autoridades do NSDAP com relação às comunidades judaicas: dentre outras medidas, foi criado um Comitê Central de Repulsa às Atrocidades Judaicas e Boicote à Provocação, sob o comando de Julius Streicher, conhecido por seu antissemitismo e violência. Uma das primeiras atividades desse órgão foi organizar um boicote aos negócios judaicos em abril de 1933, poucos meses após a chegada de Hitler ao poder; entretanto, apesar de membros do Partido Nazista e policiais terem impedido o acesso a esses locais, muitas foram as reclamações por toda a Alemanha de excessos cometidos por membros do governo nesse episódio, além de muitos não entenderem os motivos que resultaram nessa medida. Goebbels, extremamente desapontado por essa reação, efetuou o cancelamento dessa ação, apesar de ativistas nazistas terem prosseguido com o boicote em algumas áreas.

As práticas antissemitas prosseguiram em ritmo acelerado no início do governo nazista. Segundo Martin Kitchen mais de dois mil servidores públicos foram demitidos de suas funções por serem judeus assim como quatro mil advogados não poderiam mais exercer suas atividades pelo mesmo motivo; artistas e professores enfrentaram o mesmo problema.⁹⁸ As emigrações de judeus, já no primeiro ano de governo hitlerista, alcançaram cifras expressivas, apesar de entidades judaicas recomendarem tal atitude somente em caso de risco iminente: os anos seguintes tiveram um movimento emigratório menor, porém ainda assim significativo. Tal diminuição se deu muito pelo fato de diversos líderes de comunidades judaicas não defenderem a emigração, acreditando que as ações antissemitas nazistas seriam somente um método de afirmação

⁹⁸ KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 345.

do regime, e que dali a pouco cessariam⁹⁹, opinião essa reforçada pelo enfraquecimento das tropas de assalto do Partido Nazista, algo decidido pelo próprio Hitler. A realidade, todavia, não se mostrou parecida com as previsões desses líderes judaicos: Streicher continuou com suas campanhas antissemitas, que a cada dia tinham mais ressonância com alemães de todos os segmentos sociais, defendendo que os judeus fossem privados de todo e quaisquer direitos civis, além de opinar que fossem proibidos os casamentos entre judeus e não judeus, os chamados matrimônios mistos, o que já acontecia no cotidiano, pois diversos escritórios por toda a Alemanha se recusavam a autorizar esses enlances, nem mesmo adiantando acionar o Judiciário para que tais atitudes cessassem.

A situação geral dos judeus na Alemanha tornou-se ainda mais grave a partir de 1935, com a proibição de membros das comunidades judias servirem nas Forças Armadas e, principalmente com a promulgação das Leis para a Proteção do Sangue Alemão e da Honra Alemã, também conhecidas como Leis de Nuremberg.¹⁰⁰ Diante da complicada tarefa de diferenciação racial entre alemães ditos puros e judeus, as autoridades nazistas se viram na necessidade de efetuar tal análise utilizando critérios religiosos, diferentemente de sua propaganda oficial que afirmava reiteradamente os judeus como uma raça. A população alemã, de uma maneira geral, que havia no início das ações antissemitas nazistas se mostrado no mínimo incomodada, passou cada vez mais a se tornarem pelo menos cúmplices do que estava sendo realizado. As críticas às Leis de Nuremberg foram extremamente tímidas, e não mudaram o quadro de perseguição aos judeus. O regime nazista elaborou e colocou essas Leis em prática para cometer os crimes ligados ao antissemitismo de maneira legal, disseminando a perseguição aos judeus para todos os alemães, tornando-a algo cotidiano. Para os nazistas, o antissemitismo tornou-se parte indissociável da luta para “salvar o país”:

⁹⁹ KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 361.

¹⁰⁰ Essa nova legislação, extremamente antissemita, penalizava legalmente, por exemplo, casamentos ou relações sexuais entre judeus e não judeus e a contratação por judeus de empregados não judeus. Além disso, somente aqueles supostamente possuidores de sangue alemão puro poderiam ter direitos civis. A grande questão era a própria definição de quem poderia ser classificado como judeu: após amplas discussões, ficou definido que, tecnicamente, um indivíduo com “três avós que fossem completamente de raça judia, judeu praticante com apenas dois avós judeus, ou se tivesse dois avós judeus e fosse casado com uma judia”. Aqueles que tivessem somente dois avós judeus eram classificados como mestiços, e num primeiro momento mantiveram seus direitos civis (KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 363).

segundo Saul Friedländer, tal fato qualificava o combate aos judeus como um “antissemitismo redentor”.¹⁰¹

Em 1938, mais de 60% dos estabelecimentos judeus tinham sido confiscados pelo governo, levando a uma pobreza gradativa da comunidade judaica por toda a Alemanha; em abril do mesmo ano, os judeus foram obrigados a fazer uma descrição completa de seus bens para as autoridades nazistas, e meses depois se viram também forçados a terem identificações e passaportes especiais, tendo na frente de seus próprios nomes os prenomes “Sara” ou “Israel”, com um carimbo tendo a letra “J”. Nesses casos específicos até mesmo a identidade individual foi sendo retirada dos judeus que permaneciam na Alemanha, fato esse enfatizado pelo hábito dos nazistas em tratar quaisquer membros das comunidades judaicas como “o Judeu”.¹⁰² A situação em Berlim era de veras pior que em outros locais dentro da Alemanha: na capital do Terceiro Reich, os judeus estavam impedidos por ordens expressas de Goebbels de frequentarem parques públicos, teatros, cinemas e afins, além de não poderem adquirir bens de consumo nas grandes lojas sem serem molestados ou agredidos nas ruas. A rapidez com que a comunidade judaica alemã foi empobrecendo criou um novo problema para as autoridades nazistas: elas queriam que os judeus emigrassem, mas, com tal situação econômica adversa, eles não poderiam arcar com os pagamentos para viagens ao exterior, ao mesmo tempo em que os nazistas se recusavam terminantemente a esse custeio.

A *Kristallnacht* (Noite dos Cristais) em novembro de 1938 ocorreu na Alemanha como represália ao assassinato de um diplomata alemão em Paris por um judeu-alemão. Em sua maioria compostos por membros do Partido Nazista e de suas tropas de assalto, pequenos grupos por todo o país incendiaram sinagogas, casas e lojas foram destruídas, além de uma centena de judeus terem sido mortos; perto de trinta mil homens da comunidade judaica alemã foram presos e enviados para Campos de Concentração.¹⁰³ Os cerca de duzentos e cinquenta mil judeus ainda residentes na Alemanha foram multados pelos danos causados pelos nazistas em suas próprias posses, além do restante de seus bens terem sido confiscados definitivamente pelo governo e terem sido

¹⁰¹ FRIEDLÄNDER, Saul. *Nazi Germany and the Jews: The Years of Persecution (1933-1939)*. Nova York, EUA. Editora Harper Collins, 1998, p. 73.

¹⁰² KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 364.

¹⁰³ KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 365.

vendidos posteriormente a não judeus, por preços módicos. A proibição de circulação dos judeus em espaços públicos, praticamente exclusiva à Berlim antes da *Kristallnacht*, se estendeu a todo o território alemão. Em fins da década de 1930, os judeus que ainda viviam na Alemanha estavam enfraquecidos, sendo praticamente um corpo à parte dentro do tecido social, mal conseguindo meios de subsistência; Martin Kitchen afirma, inclusive, que a *Kristallnacht* marcou o fim da fase de molestamento do Terceiro Reich para com os judeus, iniciando-se uma abordagem burocratizada e sistemática na busca por uma Solução Final.¹⁰⁴

O número exato de judeus executados durante a Solução Final é de difícil mensuração: o que podemos apontar, sem sombra de dúvidas, é que o antissemitismo foi uma de suas principais bases, norteando os atos e diretrizes nazistas durante o período de seu governo na Alemanha. A ideia defendida por Louis Dumont, de que a “continuidade do antissemitismo desde a Idade Média não explica a sinistra invenção do extermínio, tal como a continuidade da ideologia alemã, está longe de explicar a catastrófica metamorfose nazista”,¹⁰⁵ explicita a dificuldade de apontarmos a complexa multiplicidade de causas e partícipes para que o secular antissemitismo resultasse em um genocídio de escala tão inconcebível. As manifestações de preconceito e ódio para com os judeus na Europa não eram poucas, principalmente na Alemanha a partir da segunda metade do século XIX; entretanto, a transformação do antissemitismo em uma política de Estado, durante o Terceiro Reich, que paulatinamente foi se transformando em uma legislação amplamente difundida e executada, com pouca ou nenhuma resistência popular e que, após o início da Segunda Guerra Mundial, tornou-se um instrumento de aniquilação extremamente sofisticado, com horários de embarque e desembarque, memorandos, palestras, filmes de propaganda e cálculos, é algo de explicação complexa.

Podemos, contudo, refutar argumentos que apontam os germânicos como predispostos ao eliminacionismo, ou seja, um perfil genocida alemão, tendo o antissemitismo nazista se aproveitado dessa vertente, como afirmou em sua obra “Os

¹⁰⁴ KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 366.

¹⁰⁵ DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1993, p.142.

Carrascos Voluntários de Hitler”, Daniel Goldhagen.¹⁰⁶ Um argumento que embasa exatamente uma visão oposta a essa proposta do autor estadunidense nos é dada por Norbert Elias, que defende categoricamente como fantasiosas quaisquer tipos de ideias que apontam para uma possível “natureza” dos alemães que os levaram a cometer as atrocidades contra os judeus.¹⁰⁷ Outro estudioso que se opõe frontalmente aos argumentos de Goldhagen foi o autor da obra “*OrdinaryMen*”, Christopher Browning, que trabalhou o tema do genocídio dos judeus através da participação dos alemães comuns no Holocausto. Para Browning, “*Os Carrascos Voluntários de Hitler*” é exagerado ao definir que os antissemitas alemães são necessariamente eliminacionistas, equivocando-se também ao considerar o antissemitismo como um elemento disseminado e entranhado socialmente na Alemanha.¹⁰⁸ Em seu livro, Browning defende que o antissemitismo não era uma característica tão preponderante na Alemanha, além de ser extremamente multifacetado no país, dificultando quaisquer análises que mostrariam uma possível “antecipação” com relação à ocorrência de um genocídio.¹⁰⁹ Complementando essa contrariedade com relação a um possível antissemitismo eliminacionista particular alemão, Zygmunt Bauman afirma que “esse exercício de explicar o crime por sua germanidade é um exercício que absorve todos os demais e, em particular, tudo o mais nele envolvidos”.¹¹⁰ Defendemos a ideia em nosso estudo de que o antissemitismo em que se baseou o Terceiro Reich não fazia parte de um contexto histórico específico, muito menos de algo fora do comum: ele era parte crucial de uma ideologia disseminada exaustivamente, e que com o passar dos anos foi rendendo consequências desastrosas. Dessa forma, Hitler tornou o antissemitismo um recurso político avassalador, algo até então inédito na História. Dentro das concepções nazistas de salvação nacional, a resolução da Questão Judaica faria a Alemanha recuperar-se, como se a alma do país pudesse ser regenerada, expurgando as mazelas que há décadas estariam corrompendo o país, trazendo assim de volta à nação germânica um espírito patriótico avassalador e irrefreável, tão necessário aos projetos de expansão territorial almejados pelos nazistas.

¹⁰⁶ GOLDHAGEN, Daniel. *Os Carrascos Voluntários de Hitler*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 1997.

¹⁰⁷ ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 1997, p. 282.

¹⁰⁸ BROWNING, Christopher. *Ordinary Men: Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution in Poland*. Nova York, EUA. Editora Harper Collins, 1998, p. 194.

¹⁰⁹ BROWNING, Christopher. *Ordinary Men: Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution in Poland*. Nova York, EUA. Editora Harper Collins, 1998.

¹¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 1998, p. 14.

2.4- O HOLOCAUSTO

As manobras políticas e diplomáticas do Terceiro Reich acabaram resultando no início das hostilidades armadas da Segunda Guerra Mundial. Além do front externo do conflito, as autoridades nazistas tinham mais objetivos a serem alcançados, também no plano interno: a situação dos judeus nos territórios sobre controle alemão passou a ser uma temática cada vez mais tratada nas reuniões entre membros da administração superior nazista. A opinião pública alemã, de uma maneira geral, estava cada vez mais apaziguada com relação ao tratamento nazista dispensado aos judeus, com manifestações públicas contrárias a essas práticas sendo ínfimas e esparsas. O desenvolvimento da guerra levou os nazistas a pensarem em alternativas para alojar as comunidades judaicas ainda existentes na Alemanha, e nos territórios conquistados na Europa.¹¹¹ Muitos judeus foram transferidos da Europa Centro-Occidental para a Polônia, nos territórios controlados pela *Wehrmacht*, conhecidos como Governo-Geral, sendo colocados em guetos superlotados nas maiores cidades da região, com péssimas condições de vida, para trabalharem tendo em vista o esforço de guerra alemão: alimentar e controlar essa massa populacional tornou-se difícil, situação essa piorada pelas ordens de Hitler, em fins de 1941, de se transferir todos os judeus alemães para o Governo-Geral¹¹². A invasão da URSS havia possibilitado a conquista de diversos territórios no Leste, abrindo caminho para que Campos de Concentração e Extermínio fossem construídos e colocados em funcionamento nessas regiões. Aquelas pessoas que fossem transferidas para esses locais e ainda tivessem forças para trabalhar, seriam mantidas vivas; contudo, idosos, crianças, ou indivíduos com problemas de saúde incapacitantes para o trabalho invariavelmente eram mortos, seja por fuzilamento ou nas câmaras de gás construídas especificamente para esses fins.

¹¹¹ Diversas ideias e sugestões foram discutidas nos dois primeiros anos de guerra, entre chefias dos diferentes órgãos que cuidavam de Questões Judaicas dentro do governo nazista. Algumas delas incluíam tarefas de difícil execução como, por exemplo, transferir os judeus da Europa Ocidental para a longínqua ilha de Madagascar, na África Oriental: as dificuldades logísticas do plano, a continuidade do domínio inglês no mar, e o início da utilização em massa dos Campos de Concentração no Leste Europeu fizeram com que essa ideia acabasse sendo abandonada posteriormente.

¹¹² Durante esse episódio, os poucos direitos civis que ainda eram permitidos aos judeus foram retirados, e seus poucos pertences e bens foram confiscados, sendo vendidos em leilões ao ar livre nas cidades alemãs; a maioria da população sabia que esses bens haviam pertencido a judeus que tinham sido deportados para o Leste, mas isso não impedia que os lances e aquisições fossem realizados normalmente.

Apesar dessa política de extermínio, em fins de 1941 ainda não havia uma seqüência de diretrizes ou resoluções centralizadas com relação ao destino dos judeus aprisionados pelos alemães. Tal fato foi modificado após a chamada Conferência de Wannsee,¹¹³ que redefiniu as ações dos nazistas com relação aos indivíduos judeus em seu poder. Enquanto a *Wehrmacht* necessitava de suprimentos e equipamentos nas linhas de frente, as autoridades responsáveis pelos Campos de Concentração utilizavam milhões de marcos alemães, matérias primas e mão de obra (geralmente de prisioneiros de guerra, ou dos próprios judeus) para expandir esses locais, construindo e aumentando as instalações que produziam itens para as tropas, além de maximizar os processos referentes ao assassinato de milhares de pessoas nas câmaras de gás. O cotidiano dos Campos de Concentração era, invariavelmente, uma seqüência de abusos físicos, morais e psicológicos realizados pelas autoridades alemãs e seus representantes contra a população desses locais, em sua maioria esmagadora judeus: Giorgio Agamben descreve em sua obra “*O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*” um episódio ocorrido em um desses Campos, onde um interno judeu, já alquebrado pelas péssimas condições de sobrevivência, acabou tropeçando e caindo sobre um membro das SS que passava. Esse indivíduo acabou sendo brutalmente espancado, morrendo posteriormente pela gravidade dos ferimentos.¹¹⁴ Ocorria nos Campos também experiências médicas com os internos, realizadas por médicos em nome do Terceiro Reich, que tinham por objetivos desde explicar por vias ditas científicas a inferioridades dos judeus perante a suposta raça ariana pura alemã, até levar o corpo humano a seus limites, com experimentos em líquidos sob temperaturas gélidas, ou a utilização de substâncias injetáveis nocivas para posterior observação das consequências.

¹¹³ Essa reunião foi realizada em meados de janeiro de 1942, contando com a presença de funcionários graduados de cada ministério do Terceiro Reich, que trataram exclusivamente de uma possível Solução Final da questão judaica. Nesta reunião ficou estimado que aproximadamente onze milhões de judeus europeus fossem deportados para os territórios alemães do Leste, tornando assim o continente europeu e o Norte da África “livres” de judeus. Aqueles que estivessem aptos ao trabalho receberiam o mínimo de condições de subsistência para permanecerem ativos, tendo em vista o esforço de guerra alemão. Nos locais em que chegariam aquelas pessoas incapazes de trabalhar, ficou decidido que elas seriam eliminadas. Adolf Eichmann, em seu depoimento durante o julgamento em Israel, afirmou que diversas formas de extermínio foram debatidas nessa Conferência, e que a decisão de se matar centenas de milhares de judeus foi claramente expressada. Antes de Wannsee, muitos judeus haviam sido mortos pelos nazistas; entretanto, após essa reunião, a Solução Final ficou decidida como um genocídio extremamente organizado, em diversos níveis da administração do Terceiro Reich (KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p. 416).

¹¹⁴ AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. São Paulo. Editora Boitempo, 2008, p. 50.

Aqueles que comandavam os Campos e o Governo-Geral da Polônia, na grande maioria das vezes decidiam sobre a vida e morte de milhões de pessoas, ao mesmo tempo em que se enriqueciam com os bens tomados da população civil e daqueles que entravam como prisioneiros dos Campos: cada um desses locais tinha seu próprio comandante, que definia as regras de cada instalação sob seu comando, sempre tendo em vista as diretrizes nazistas para utilização da mão de obra e/ou extermínio dos judeus. As regras de aprisionamento de indivíduos das comunidades judaicas européias, mesmo após sua entrada nos Campos, variavam: havia dentro do Campo de *Theresienstadt*, na República Tcheca, o chamado Gueto dos Idosos, formado por pessoas com mais de 65 anos e que, perante seus congêneres do Leste Europeu, tinha condições menos deploráveis de vida. Tal fato se dava pelos nazistas, com essa situação quererem demonstrar para a opinião pública mundial que os Campos de Concentração nada mais eram do que locais de reunião para os judeus, nada que se assemelhasse a quaisquer tipos de políticas de extermínio contra esses indivíduos.

A derrocada militar alemã na Segunda Guerra Mundial, já a partir do ano de 1943, seja no front russo ou no Norte da África, não impediu que os Campos continuassem funcionando. Mesmo nos anos seguinte, quando a situação nos fronts era crítica, a infraestrutura para a continuidade do extermínio de judeus nos Campos prosseguia, exaurindo as parcas reservas de material alemãs. Quando a mão de obra dos prisioneiros de guerra da Alemanha passou a se tornar cada vez mais escassa, reflexo das derrotas militares, a utilização de judeus como operários se fez necessária e, a produtividade das fábricas de bens para a utilização na guerra, que já era claudicante, não melhorou em nada. A situação dos judeus que trabalhavam na produção fabril piorava a cada dia, com a alimentação e os cuidados médicos sendo cada vez mais relegados a segundo plano, elevando o número de mortes. Não foram poucos os casos em que os locais onde estavam instalados os Campos, quando sofriam ataques e estavam na iminência de ser conquistados pelos Aliados, foram parcialmente evacuados pelos nazistas, deixando os internos que não tinham condições de caminhar abandonados, e aqueles que podiam andar sendo conduzidos a esmo no frio, sendo fuzilados à menor demonstração de fraqueza, em verdadeiras Marchas da Morte.

Uma das temáticas mais sensíveis relacionadas à participação alemã na guerra diz respeito exatamente ao Holocausto¹¹⁵ e à ação dos Campos de Concentração. Os momentos finais da guerra foram acompanhados, paralelamente, pela libertação desses locais de confinamento e execução de milhões de pessoas, sendo que os Aliados puderam entrar em contato com a realidade e a verdadeira dimensão dos crimes ali cometidos. Como aponta Francisco Miguel Toro boa parte da população alemã, ao ter um mínimo discernimento do que havia ocorrido nos Campos, passou a incorporar e disseminar uma ideia de suposta ignorância sobre o que era realizado em seus interiores, como se o povo tivesse sido completamente enganado pelos nazistas, que mostravam os Campos como locais de regeneração dos indivíduos “não merecedores de conviver em sociedade”.¹¹⁶ Essa exoneração de responsabilidades relativas à morte de milhões de pessoas acabou permeando a Alemanha Ocidental durante duas décadas¹¹⁷, e somente entre as décadas de 1960 a 1980 começaram a ocorrer contestações de diversos segmentos sociais, principalmente da juventude que não havia presenciado a guerra, sobre a suposta ignorância do cidadão médio alemão¹¹⁸ ao que ocorria nos Campos de Concentração.¹¹⁹

Os relatos das atrocidades cometidas durante esse período passaram a ser de conhecimento da opinião pública mundial principalmente após o conflito, e contribuíram sobremaneira para a noção de que, além de ser responsável pelo início da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha também era uma nação de criminosos. Apesar da maioria dos alemães terem entrado em contato minimamente sobre o que tinha ocorrido nos Campos em relação aos judeus, a opinião pública do país ainda era bastante coadunada com as ideias defendidas pelo nazismo: uma pesquisa realizada em fins de 1946 na zona de ocupação estadunidense mostrou que praticamente quarenta em cada cem entrevistados expressaram a opinião de que o aniquilamento de judeus, poloneses e

¹¹⁵ Existem dois termos específicos para tratar do massacre perpetrado pelos nazistas contra os judeus, referindo-se aos Campos de Concentração e Extermínio: Holocausto e *Shoah*. Preferencialmente, será utilizado nesse estudo o primeiro termo, pois acabou tornando-se o mais corrente.

¹¹⁶ TORO, Francisco Miguel. *La Memoria del Holocausto em Alemania: La Memoria Dividida*. Revista História Social. Fundação Instituto de História Social. Madri, Espanha. n° 65, 2009, pp. 87-104.

¹¹⁷ Não à toa, quando as autoridades de ocupação aliadas perceberam que essa ignorância construída gradativamente sobre os Campos na mentalidade alemã poderia arraigar-se na sociedade, passaram a levar milhares de pessoas à esses locais, durante o processo de desnazificação, para que tomassem ciência da sua relação com os crimes cometidos pelo Estado. Mesmo diante desse esforço, um mito de que a população alemã nada sabia acabou por fortalecer-se com o passar dos anos.

¹¹⁸ A obra do autor Robert Gelately comprovando o conhecimento da maioria dos alemães sobre alguns dos principais crimes nazistas nos Campos somente foi elaborada na década de 2000.

¹¹⁹ TORO, Francisco Miguel. *La Memoria del Holocausto em Alemania: La Memoria Dividida*. Revista História Social. Fundação Instituto de História Social. Madri, Espanha. n° 65, 2009, p. 95.

outros não arianos haviam sido extremamente necessários para a segurança dos próprios alemães.¹²⁰

Os crimes cometidos pelos nazistas através do Holocausto tiveram consequências também na população civil alemã: os bens e propriedades de famílias judias, ainda antes do conflito, eram expropriados pelas autoridades do Terceiro Reich como um dos instrumentos de perseguição estatal, e acabavam sendo endereçados a arrematantes civis germânicos; essa prática acabou se expandindo durante a Segunda Guerra Mundial, já que os milhões de judeus que pereciam nos Campos tinham suas posses tomadas, infelizmente, até mesmo depois de suas mortes.¹²¹ Milhares de bens antes de famílias judaicas passaram a pertencer, durante o conflito, a alemães, e não voltaram às mãos de seus antigos donos após o final da guerra: mesmo nos poucos casos em que sobreviventes do Holocausto voltaram e tentaram reaver seus bens, suas solicitações foram solenemente ignoradas pelas autoridades, e pelos próprios “novos proprietários.”¹²² Na Alemanha Ocidental, durante o início da década de 1950, o Chanceler Adenauer, mesmo enfrentando grande resistência da opinião pública¹²³ e de boa parte dos partidos políticos¹²⁴, conseguiu aprovar alguns dispositivos legais que preconizavam uma reparação financeira às vítimas da Solução Final e suas famílias: apesar do dinheiro não modificar o que havia ocorrido, poderia permitir que aqueles atingidos pelos crimes nazistas nos Campos pudessem reconstruir suas vidas, e até mesmo suas comunidades.¹²⁵ Entretanto, como apontou Michael Pollak, os sobreviventes dos Campos que haviam retornado para a Alemanha e a Áustria acabaram utilizando o silêncio para prosseguirem com sua inserção na sociedade:

¹²⁰ JUDT, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2008, p. 52.

¹²¹ Diversos são os registros cinematográficos, feitos pelos Aliados, ao libertarem os Campos de Concentração e Extermínio nazistas de milhares de dentes de ouro retirados dos cadáveres das vítimas dos assassinatos em massa ocorridos nessas instalações.

¹²² BEEVOR, Antony. *Berlim 1945: A Queda*. São Paulo. Editora Record, 2004.

¹²³ Uma das consequências mais funestas da amnésia coletiva alemã sobre a guerra acabava atingindo também a opinião da população sobre o que havia ocorrido: aqueles que admitiam a existência do Holocausto acreditavam que o único responsável por isso era o extinto governo do Terceiro Reich, ou seja, como ele não mais existia, a ideia de pagar indenizações não podia ser tolerada. A repercussão negativa das ideias de Adenauer sobre as reparações causaram também grande exasperação nos judeus: mesmo quando as leis referentes às indenizações foram aprovadas, muitos judeus que tinham direitos relativos à elas simplesmente recusaram-se terminantemente a receber quaisquer quantias (CUDIPP, Edythe. *Adenauer*. Coleção Grandes Líderes. São Paulo. Editora Nova Cultural, 1989, p. 62).

¹²⁴ Tamanha era a divisão das correntes políticas sobre o tema, que Adenauer teve de contar com os votos dos partidos de oposição ao seu governo, para fazer com que as leis referentes às reparações pudessem ser aprovadas.

¹²⁵ CUDIPP, Edythe. *Adenauer*. Coleção Grandes Líderes. São Paulo. Editora Nova Cultural, 1989, pp. 62.

“O exemplo seguinte, completamente diferente, é o dos sobreviventes dos campos de concentração que, após serem libertados, retornaram à Alemanha ou à Áustria. Seu silêncio sobre o passado está ligado em primeiro lugar à necessidade de encontrar um *modus vivendi* com aqueles que, de perto ou de longe, ao menos sob a forma de consentimento tácito, assistiram à sua deportação. Não provocar o sentimento de culpa da maioria torna-se então um reflexo de proteção da minoria judia. (...) Em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança "comprometedora", preferem, elas também, guardar silêncio. Em lugar de se arriscar a um mal entendido sobre uma questão tão grave, ou até mesmo de reforçar a consciência tranquila e a propensão ao esquecimento dos antigos carrascos, não seria melhor se abster de falar?”¹²⁶

A supressão da memória alemã sobre alguns pontos cruciais da Segunda Guerra Mundial influenciou diretamente as rememorações das vítimas do Holocausto, levando-as também a tornarem-se tabus que, sob pena de serem levantados assuntos que seriam desagradáveis sob o ponto de vista social, foram relegadas ao silêncio.

Apesar das tentativas de autoridades alemãs em reparar, mesmo que minimamente, os crimes perpetrados pelo Estado durante a guerra perante os judeus,¹²⁷ pouco se modificava na opinião pública com relação à sua participação naquelas ações. Um dos exemplos mais ilustrativos dessa situação é descrito por Francisco Miguel Toro: em meados da década de 1950, na cidade de Dachau, que teve em seu perímetro urbano um dos Campos de Concentração mais conhecidos da guerra, as autoridades elaboraram e divulgaram um folheto informativo com os principais pontos turísticos da cidade, visando o estímulo ao turismo. Tal documento simplesmente ignorava, de maneira ostensiva, o memorial às vítimas que havia sido construído nas dependências do extinto Campo, e explicava o motivo em suas páginas finais: segundo a visão dos mandatários da cidade, a criação desse local era responsabilidade dos nazistas, e acabou supostamente manchando a reputação perante o mundo do centro urbano, e por esse motivo, não deveria se fazer nenhuma menção ao mesmo, ou ao memorial.¹²⁸

¹²⁶ POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.º 3, vol. 2, 1989, pp. 03-04.

¹²⁷ Tony Judt aponta que, ao tratar da temática das reparações o Chanceler Adenauer não se referia aos criminosos alemães, mas sim às vítimas judaicas (JUDT, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2008, p. 274).

¹²⁸ TORO, Francisco Miguel. *La Memoria del Holocausto en Alemania: La Memoria Dividida*. Revista História Social. Fundação Instituto de História Social. Madri, Espanha. n.º 65, 2009, pp. 95-96.

Em fins da década de 1950, autoridades da Alemanha Ocidental criaram um Escritório Central para os Departamentos de Justiça regionais, tendo em vista a investigação dos crimes cometidos nos Campos do Leste Europeu; contudo, somente em meados dos anos de 1960 os resultados dessas investigações começaram a render resultados, após uma intensa pressão de Bonn para que os resultados fossem divulgados¹²⁹. A própria legislação alemã referente aos crimes de homicídio foi modificada, estendendo os prazos de prescrição dos mesmos para mais de vinte anos, tendo em vista que os criminosos pudessem ser julgados e punidos.¹³⁰ Esse encontro da Alemanha com seu passado levou ao interesse das gerações mais jovens em entender aquilo que seus pais e avós haviam presenciado durante a guerra, fato esse acentuado pelo julgamento realizado por Israel de Adolf Eichmann, um dos artífices da Solução Final no Leste Europeu durante a guerra, que havia se refugiado na Argentina após o final do conflito¹³¹. Os jornais e revistas passaram, como nunca antes, a abordar a temática dos crimes cometidos nos Campos de Concentração e Extermínio no Leste Europeu.

Ao tomar conhecimento das intenções israelenses de levar Eichmann à julgamento Adenauer, segundo a autora Hannah Arendt¹³², previu que uma onda de antigermanismo iria ocorrer por todo o mundo, algo que revelou-se correto; como resposta, durante toda a década de 1960, a caçada por criminosos nazistas referentes aos Campos foi intensificada, levando um bom número de pessoas ao banco dos réus.¹³³ Toda essa movimentação acabou levando a população a reviver muito do que se queria esquecer, pois a opinião pública passou a questionar e ser questionada, sobre até que

¹²⁹ Segundo a autora Hannah Arendt, o Escritório teve todo o tipo de dificuldades para implementar seu trabalho: os problemas iam desde o fato das testemunhas alemãs não quererem cooperar indo até o pouco interesse das Cortes locais de justiça em abrir processos baseados nas investigações do Escritório. Um dos meios encontrados para acabar com essa relutância foi o oferecimento de recompensas pela captura de procurados mais conhecidos (ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 1999, p. 36).

¹³⁰ O maior julgamento ocorrido na RFA ocorreu entre 1963 e 1965, referindo-se aos crimes cometidos em *Auschwitz*: de um total de vinte e dois acusados, seis foram condenados à pena capital, três foram considerados inocentes, e o restante foi punido com penas de prisão que variaram entre três e dez anos de prisão (VOEGELIN, Eric. *Hitler e os alemães*. São Paulo. Editora É Realizações, 2008, p. 89).

¹³¹ Após a captura de Eichmann, uma série de prisões pela Europa foi realizada, encontrando antigos membros da administração dos Campos e outras pessoas subordinadas a Eichmann, vivendo sob novas identidades (VOEGELIN, Eric. *Hitler e os alemães*. São Paulo. Editora É Realizações, 2008, p. 37).

¹³² O livro “*Eichmann em Jerusalém*”, escrito por Arendt e publicado em 1963, foi um marco no período, acerca da temática dos Campos de Concentração e Extermínio, além da punição aos crimes nazistas. Na mesma época em que tal livro era publicado, somente existiam dois livros na língua inglesa, correlatos aos temas abordados por Arendt: na língua alemã, a situação era muito semelhante.

¹³³ ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 1999, p. 42.

ponto a participação daqueles agentes estatais no Holocausto não tinha também a atuação da própria sociedade alemã.

A década de 1970, com a chegada de Willy Brandt ao poder na RFA, foi um período em que a mudança da mentalidade alemã sobre o Holocausto foi consolidando-se, continuamente: o momento dramático em que Brandt reverenciou as vítimas do Gueto de Varsóvia no memorial local abriu um novo período na história alemã, que passava paulatinamente a reconhecer o passado nazista e suas ações como algo que não poderia ser mais esquecido. Os anos seguintes viram uma gradual mudança dentro da sociedade alemã, seja através de debates políticos ou questionamentos individuais que, se não fizeram com que a maioria da população passasse a movimentar-se para rememorar o que havia ocorrido na guerra, pelo menos levou a diversos segmentos sociais a tentar modificar esse *status quo*. Os paradigmas entranhados na sociedade da Alemanha Ocidental desde o Pós-Guerra, relacionados ao esquecimento e à ausência de responsabilidades sobre o Holocausto, passaram a ser questionados principalmente pelas gerações mais jovens, que ansiavam por um novo relacionamento com o passado: um marco desse fato ocorreu entre os anos de 1975 e 1980, com o julgamento dos crimes cometidos no Campo de *Majdanek*, que tiveram grande repercussão, e colocaram em lados opostos as gerações mais antigas que queriam relegar a segundo plano o Holocausto, e os jovens que ansiavam por redescobrir o passado. Os alemães passavam por um período de transformações, mas os pontos nebulosos da memória coletiva ainda permaneceram após a reunificação, algo que vem sendo combatido pelo governo, intelectuais e acadêmicos nas últimas décadas. Segundo Martin Kitchen, diante desse quadro, até o final do século XX:

“106 mil julgamentos haviam sido realizados, dos quais 6 mil terminaram em condenações. No entanto, apesar de todos esses esforços, ainda havia uma escandalosa verdade: de pelo menos 300 mil pessoas diretamente envolvidas no genocídio dos judeus europeus, eslavos, pacientes psiquiátricos e de outros grupos minoritários, somente quinhentas foram condenadas.”¹³⁴

A relação da RDA com o Holocausto era diferente da parte ocidental da Alemanha: a concepção no lado socialista foi de que a guerra e o Holocausto eram culpa

¹³⁴ KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, pp. 513-514.

exclusivamente dos fascistas e que, ao final do conflito, os alemães não haviam sido derrotados, mas sim se libertado do jugo dos nazistas; o resultado dessa lógica seria que, ao apontar o fascismo como um subproduto do capitalismo, os soviéticos defendiam que o proletariado alemão que surgiu depois da guerra estaria isento de quaisquer responsabilidades sobre o conflito, ou até mesmo sobre os Campos de Concentração e Extermínio.¹³⁵ Diante desse quadro bastante distinto com relação à RFA, as autoridades da Alemanha Oriental consideravam ainda os judeus não como perseguidos raciais, mas sim como vítimas e resistentes do nazismo: com isso, leis foram criadas para que eles pudessem ter alguns privilégios como, por exemplo, pensões, assistência sanitária e melhores alojamentos.¹³⁶

O território da RDA tinha alguns dos principais Campos de Concentração do extinto Terceiro Reich algo que, para as autoridades socialistas, não era visto como um fator negativo, mas sim como um poderoso instrumento de propaganda do regime. Uma série de memoriais e museus foi erigida nos locais onde os Campos tinham funcionado tornando-os, além de símbolos na luta contra o suposto decadente fascismo capitalista, baluartes daqueles que haviam tentado resistir ao movimento nazista.¹³⁷ As dicotomias e rivalidades da Guerra Fria fizeram com que esses locais de representação da memória passassem a servir como disseminadores da ideologia socialista, que paulatinamente passou a representar-se como um ícone na luta contra o capitalismo, ao mesmo tempo em que havia sido uma “vítima” do fascismo. A transformação dos antigos Campos de Concentração e Extermínio em museus e memoriais não impediu que as autoridades da Alemanha Oriental fizessem uso das instalações também para presos políticos ou para treinamento militar, obviamente algo que não era divulgado para o grande público.¹³⁸

¹³⁵ TORO, Francisco Miguel. *La Memoria del Holocausto en Alemania: La Memoria Dividida*. Revista História Social. Fundação Instituto de História Social. Madri, Espanha. n° 65, 2009, p. 97.

¹³⁶ TORO, Francisco Miguel. *La Memoria del Holocausto en Alemania: La Memoria Dividida*. Revista História Social. Fundação Instituto de História Social. Madri, Espanha. n° 65, 2009, p. 98.

¹³⁷ O memorial mais importante foi o de *Buchenwald*, que acabou tornando-se um local de visita praticamente obrigatória para os alemães orientais, principalmente as organizações juvenis e recrutas das Forças Armadas: cerimônias eram realizadas nas imediações do memorial, mostrando não somente o perecimento dos judeus e outros segmentos sociais perseguidos, mas sim um pseudo movimento de resistência comunista perante o Terceiro Reich, reforçando a identidade da população com o regime da RDA.

¹³⁸ Um dos exemplos mais ilustrativos refere-se ao *Sachsenhausen National Memorial*, criado em 1961, no mesmo local onde havia funcionado o Campo de Concentração nazista de *Sachsenhausen*: após o fim da guerra, o campo serviu como instalação especial de prisioneiros de guerra para os soviéticos até a década de 1950, quando começou a ser constituído o memorial. O planejamento das mostras sobre o Holocausto e o Genocídio no espaço tinha um claro e manifesto objetivo de exaltação da vitória do anti-fascismo, com analogias sobre as supostas vantagens do sistema socialista sobre o capitalismo. O

Francisco Miguel Toro afirma categoricamente que, com o passar das décadas, o único representante autorizado a tratar do passado nazista alemão na RDA era o próprio governo: os relatos de sobreviventes dos Campos passavam pelo crivo das autoridades, e deveriam servir não para demonstrar o sofrimento que ocorria nessas instalações, mas sim apontar os malefícios do fascismo, um dos representantes do capitalismo. As memórias alternativas do Holocausto deveriam ser extintas, pois a memória oficial seria a única representante do que havia ocorrido, legitimando assim o monopólio do socialismo no poder: tal *modus operandi* persistiu na RDA até seu final.¹³⁹

A Alemanha unificada possibilitou que uma série de tentativas em se romper com o esquecimento e o silêncio relativos ao Holocausto tivesse ressonância na sociedade. Trabalhos acadêmicos dentro e fora do país lançaram novos questionamentos sobre esse período da história alemã, recebendo uma acolhida mais receptiva das gerações mais jovens, mas esbarrando na resistência consolidada daqueles que ainda estavam vivos, e que haviam sido contemporâneos do Holocausto. Contudo, um novo componente surgiu para reforçar as proposições daqueles que tinham como objetivo trazer à tona as lembranças relativas aos Campos de Concentração e Extermínio: os sobreviventes, alguns em idades bem avançadas, além de suas famílias, passaram a dar depoimentos sobre o que haviam presenciado, já que a possibilidade de seus relatos não poderem ser mais dados, se aproximava. Michael Pollak, corrobora a importância desse novo fator para que as lembranças sobre o Holocausto pudessem ressurgir no seio da sociedade alemã, já que

“convergem razões políticas e familiares que concorrem para romper esse silêncio: no momento em que as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento.”¹⁴⁰

Através desse importante instrumento surgido, muitos sobreviventes, familiares e associações referentes aos deportados aos Campos puderam se fazer ouvir, trazendo

memorial fazia parte de um complexo militar ainda utilizado pelos alemães orientais até fins da década de 1980.

¹³⁹ TORO, Francisco Miguel. *La Memoria del Holocausto en Alemania: La Memoria Dividida*. Revista História Social. Fundação Instituto de História Social. Madri, Espanha. n° 65, 2009, p. 100.

¹⁴⁰ POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n° 03, vol. 2, 1989, p.04.

àqueles que trabalham com as temáticas relativas ao Holocausto um material de importância e valor inimagináveis nas décadas anteriores.

2.5 – OS ALEMÃES VISTOS COMO VÍTIMAS

A ideia de vitimização dos alemães perante os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial ocorreu de diferentes formas já após o conflito, tornando-se latente no ideário da população nas décadas seguintes, e por fim tomando maior vulto a partir da reunificação do país. Logo ao fim da guerra, durante a administração dos aliados, não foram poucos os alemães que viram os julgamentos e confrontações acerca do passado da população como uma suposta vingança, algo que as potências ocupantes fizeram como desforra, não considerando em nenhum momento os anseios do povo alemão de que eles também haviam sido vítimas da guerra e do nazismo.¹⁴¹ A incorporação da ideia de vítimas na sociedade alemã foi acompanhada de diversas vertentes contribuintes: uma delas diz respeito às mulheres que sofreram violência sexual, principalmente no leste da Alemanha, local por onde as tropas do Exército Vermelho invadiram o país. Durante e após as conquistas sucessivas das cidades alemãs pelos soviéticos, soldados do Exército Vermelho, em sua grande maioria embriagados, cometiam estupros indiscriminadamente contra mulheres e adolescentes alemãs: até mesmo prisioneiras de guerra russas, ao serem libertadas do cativeiro alemão, também foram estupradas, como aponta Antony Beevor, que também fez uma estimativa de que, aproximadamente, dois milhões de alemãs sofreram algum tipo de violência sexual praticada pelos soviéticos, durante o final do conflito e após o mesmo.¹⁴² Esse número gigantesco torna-se ainda mais significativo quando acrescentamos a informação de que tais casos ocorreram nas zonas de ocupação das tropas soviéticas na Alemanha, ou seja, o leste do país e a cidade de Berlim. Ainda segundo Beevor, a taxa de suicídios das vítimas desses crimes era expressiva, variando em cada local, mas raramente ficando abaixo de dez por cento: tais números aumentavam sobremaneira nos casos de alemãs que haviam sofrido estupros coletivos.¹⁴³ As razões para que tais ações de violência contra a mulher ocorressem eram as mais variadas, mas tinham uma raiz decorrente da

¹⁴¹ JUDT, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2008, p. 50.

¹⁴² BEEVOR, Antony. *Berlim 1945: A Queda*. São Paulo. Editora Record, 2004, p. 501.

¹⁴³ BEEVOR, Antony. *Berlim 1945: A Queda*. São Paulo. Editora Record, 2004, pp. 501-502.

própria guerra: vingança. A propaganda soviética bestializava os alemães¹⁴⁴, estimulando os soldados a lutarem com mais afinco para acabarem com os “monstros fascistas”: tal fator acabou atingindo também as mulheres que, além de serem bestializadas, ainda sofriam com o sentimento de vingança do Exército Vermelho relacionado aos horrores cometidos pela *Wehrmacht* na URSS.

As infrações relacionadas à violência sexual contra as alemãs, de maneira geral, raramente eram punidas pelas autoridades soviéticas; contudo, a recorrência desses fatos acabou por solapar a imagem da URSS de “libertadora dos fascistas” perante os alemães, algo que estava sendo construído no cotidiano de ocupação. As tentativas para combater, no eufemismo soviético, esses eventos escandalosos, não foram muito bem sucedidas, com os dispositivos legais que previam a punição dos envolvidos não tendo muita eficácia. Os casos de violência sexual na zona soviética somente foram diminuindo quando os efetivos do Exército Vermelho retornaram à URSS, além dos responsáveis administrativos passarem a punir com mais vigor os casos que chegavam ao seu conhecimento.¹⁴⁵

Os casos de violência sexual não somente ocorriam nos setores soviéticos: não foram poucas as situações em que as interações sexuais entre soldados aliados ocidentais e alemãs trouxeram preocupações às chefias militares, principalmente estadunidenses, que viam tais relacionamentos como oportunistas e relativos à prostituição; todavia, o amplo espectro de características que envolviam aliados e alemãs complicava acentuadamente algum tipo de punição, já que muitos casos de contato sexual definidos pelas autoridades como impróprios resultaram realmente de estupros, mas outros tiveram como desenlace casamentos, envolvendo civis alemãs e soldados aliados, principalmente estadunidenses.¹⁴⁶

¹⁴⁴ A própria propaganda nazista, durante o período de invasão da URSS, também lançava mão do subterfúgio de caracterizar os soviéticos como “bárbaros asiáticos”, não deixando muita margem para quaisquer sentimentos de solidariedade para com o inimigo.

¹⁴⁵ Segundo o autor Tony Judt, o retorno das tropas à URSS acabou levando a um aumento nos casos de violência sexual no país, cometidos por militares tanto da ativa quanto da reserva: a solução encontrada foi o aumento nas penas relativas a esses crimes; entretanto, as infrações realizadas na Alemanha não eram abarcadas pelas novas leis (JUDT, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2008, p. 189).

¹⁴⁶ Os casos relativos a estupros nas zonas de ocupação britânicas e francesas acabaram por seguir dinâmicas bastante similares aos da zona estadunidense (ROBERTS, Andrew. *A Tempestade da Guerra. Uma Nova História da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo. Editora Record, 2012).

As violências sexuais sofridas pelas alemãs tiveram diversas consequências: danos psicológicos irreversíveis, gravidez, abortos, doenças e suicídios. Além dessas situações extremamente complicadas, a inserção desses fatores na memória coletiva, em nenhum momento, pode ser ignorada, já que contribuíram sobremaneira tanto para o início dos tabus relativos à guerra quanto para a construção de uma vitimização dos alemães perante os anos do nazismo e, principalmente, da Segunda Guerra Mundial. Na Alemanha Ocidental, durante o governo de Adenauer, os casos de violência sexual sofridos passaram a fazer parte de um grande amalgama de assuntos que não eram debatidos abertamente na sociedade, mas que não deixavam de fazer parte do contexto de vítimas em que os alemães inseriram-se. A memória hegemônica coletiva dos primeiros anos da RFA era, por vezes, devastadora: ao mesmo tempo em que estimulava que o passado de muitos alemães não fosse lembrado, para que ex-nazistas ditos úteis para o país, no contexto da Guerra Fria, pudessem novamente participar ativamente da sociedade, reprimia as lembranças daquelas que haviam sofrido as agruras da violência sexual. Podemos, inclusive, identificar uma situação paradoxal: para atacar o socialismo, as autoridades alemãs ocidentais não se faziam de rogadas em denunciar os crimes cometidos pelos soviéticos durante o final da guerra na Alemanha, demonstrando a bestialidade dos estupros. Ao mesmo tempo em que isso ocorria, as vítimas dessas violências tinham dificuldades em articular suas memórias publicamente, tentando assim buscar a superação de seus traumas.¹⁴⁷

O debate pleno em torno da violência sexual durante a guerra, por motivos até mesmo óbvios, não poderia ser realizado na RDA, de clara influência soviética: tal situação somente começou a ser modificada após a unificação alemã; no caso da RFA, a construção da imagem de vítimas da população como um todo, referente a tudo o que ocorreu na guerra, acabou por permear a memória coletiva até praticamente a reunificação do país. Os milhares de casos referentes à violência sexual foram utilizados para solidificar essa visão, tendo como uma de suas principais consequências inserirem as lembranças das verdadeiras vítimas no campo dos tabus sociais, levando pouco em consideração os traumas e sofrimentos decorrentes dessas atitudes. A Alemanha pós-

¹⁴⁷ Durante as décadas de 1950 e 1960, algumas obras foram publicadas na RFA, opondo-se frontalmente ao tabu social referente às violências sexuais sofridas pelas alemãs durante a guerra. Apesar de um relativo apoio na grande imprensa, o discurso dominante, solenemente, relegou tais iniciativas à segundo plano. Algumas obras cinematográficas que acabaram tendo grande repercussão, inclusive, foram feitas nesse período oferecendo uma visão do passado onde os homens, colocados diante de uma situação que envolvia a violência sexual de alemãs, ofereciam resoluta resistência; todavia, a realidade havia sido diametralmente oposta.

1989, mesmo diante de enormes dificuldades, vem tentando retirar do ostracismo as memórias de milhões de pessoas sobre a guerra e o período seguinte; provavelmente, as lembranças das vítimas de violências sexuais sejam um dos capítulos mais dolorosos e difíceis de todo este processo.

A campanha Aliada de bombardeios aéreos sobre a Alemanha foi uma das ofensivas mais longas, custosas e destrutivas da história. Seus reflexos ainda podem ser percebidos na sociedade alemã atualmente, pois as temáticas relacionadas aos bombardeios durante a Segunda Guerra Mundial ainda são considerados tabus; em relação a isso, Winfried Georg Sebald afirma que:

“o verdadeiro estado da destruição material e moral em que o país inteiro se encontrava não podia ser descrito em virtude de um acordo tácito e válido igualmente para todos. Os aspectos mais sombrios do ato final da destruição, vivenciado em conjunto pela ampla maioria da população alemã, permaneceram um segredo familiar tão vergonhoso, submetido a uma espécie de tabu, que não se podia confessá-lo, quiçá, nem a si próprio.”¹⁴⁸

As controvérsias relativas à série de operações militares aéreas sobre a Alemanha durante o conflito abarcam não somente o número de vítimas fatais¹⁴⁹ e de cidades atingidas: incluem também o próprio âmago das motivações e objetivos das investidas sobre o espaço aéreo alemão, realizadas pelos Aliados, principalmente no que tange a participação de estadunidenses e britânicos. Ainda durante o conflito, os debates acerca dos bombardeios aéreos Aliados sobre as cidades alemãs iniciaram-se, seja através dos meios militares ou da imprensa. Sob os auspícios do conflito armado, poucas foram as opiniões contrárias a esses tipos de ataques, pois a derrota total do Terceiro Reich justificaria os meios envolvidos para tal.

O debate historiográfico sobre a temática dos bombardeios aéreos tomou diferentes nuances nos países que se envolveram diretamente nesses embates, principalmente os EUA, a Grã-Bretanha e a Alemanha; uma tendência, com o decorrer

¹⁴⁸ SEBALD, Winfried Georg. *Guerra Aérea e Literatura*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2011, p.19.

¹⁴⁹ A contagem exata de mortos em decorrência dos bombardeios aéreos Aliados sobre a Alemanha é de difícil conclusão, devido à diversidade de fontes e relatos sobre esse assunto; o número de seiscentos mil civis alemães mortos vem sendo considerado plausível atualmente por estudiosos na temática, como Grayling e Roberts.

das décadas, mostrou que as posições de autores que confirmavam e ratificavam a eficiência dos bombardeios aéreos para levar a Alemanha à derrota passaram a sofrer críticas cada vez mais contundentes. Nos países de língua inglesa, a tendência de afirmar a contribuição dos ataques aéreos Aliados para a derrocada alemã vem sendo contrabalançada em alguns pontos pelos trabalhos de estudiosos sobre o tema como, por exemplo, Andrew Roberts, Richard Overy, Frederick Taylor, Max Hastings, Anthony Clifford Grayling, dentre outros. Esses autores vêm demonstrando, através de estatísticas, documentos oficiais, depoimentos e registros na imprensa, dentre outras fontes, que os debates correlacionados com os ataques aéreos possuem ainda inúmeras vertentes.

Autores como Grayling, Hastings e Roberts abordam os bombardeios não somente pela temática militar, mas também por questões morais e sociais; o primeiro, inclusive, compara os ataques aéreos sobre Hamburgo e Hiroshima como “ataques terroristas”, similares aos ocorridos contra o *World Trade Center* nos EUA, em setembro de 2001.¹⁵⁰ Hastings defende a ideia de que a selvageria dos bombardeios era proveniente de anos de luta contra um inimigo que se mostrava bárbaro e impiedoso, fazendo os Aliados perderem um possível grau de sensibilização em relação a mulheres e crianças que eram atingidos durante os bombardeios.¹⁵¹

A abordagem desse assunto pelos alemães acabou tornando-se bem mais complexa: o sofrimento e o elevado grau de destruição pela qual o país passou durante e após os bombardeios acabou por criar uma lacuna na memória dos indivíduos e da sociedade alemã do Pós-Guerra. As lembranças sobre o que havia ocorrido em relação aos ataques aéreos Aliados passaram a fazer parte de mais um dos tabus sociais sobre o conflito, segundo um dos autores germânicos que recentemente tratam dessa temática, Winfried Georg Sebald: para ele, que aborda o assunto do ponto de vista histórico e literário, mesmo após os historiadores alemães começarem a abordar o tema através de obras que alcançaram o grande público, muito pouco foi modificado na consciência nacional em relação aos bombardeios.¹⁵² Bas von Benda-Beckmann, em seu amplo estudo sobre os historiadores alemães e sua relação com os ataques aéreos Aliados

¹⁵⁰ GRAYLING, Anthony Clifford. *Among the Dead Cities The History and Moral Legacy of the WWII Bombing of Civilians in Germany and Japan*. Londres, Inglaterra. Editora Walker & Company, 2007, p. 184.

¹⁵¹ HASTINGS, Max. *Inferno: O Mundo em Guerra - 1939-1945*. Rio de Janeiro. Editora Intrínseca 2011, p. 413.

¹⁵² SEBALD, Winfried Georg. *Guerra Aérea e Literatura*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2011, p. 20.

afirma que a tendência da historiografia germânica após a guerra acabou por auxiliar na construção da culpa coletiva da população perante o nazismo, e pela deflagração da Segunda Guerra Mundial.¹⁵³ Os bombardeios Aliados não eram tratados diretamente, mas acabaram por serem considerados por muito tempo como um dos métodos de expiação da culpa nacional pela qual a Alemanha foi obrigada a passar.¹⁵⁴ Esse quadro foi modificando-se a partir dos anos 1970, mesmo que de maneira tímida; somente na década de 1990 em diante, autores como Jörg Friedrich passaram a tratar dos ataques aéreos britânicos e estadunidenses do ponto de vista alemão. Mesmo com a mudança na abordagem desse assunto, a sociedade alemã atualmente promove poucos debates sobre o que o país enfrentou durante os bombardeios, por se tratar de uma temática ainda sensível na memória coletiva germânica.

A complexidade dos assuntos abordados, referentes aos bombardeios e suas consequências, acabaram por tangenciar temáticas que em um primeiro momento não teriam afinidades teóricas entre si. Uma das ideias mais controversas sobre o resultado dos bombardeios sobre as cidades da Alemanha é defendida por Anthony Clifford Grayling: as investidas contra o espaço aéreo alemão, segundo ele, seriam do ponto de vista moral, inaceitáveis, pois o massacre perpetrado pelos bombardeios somente não se tornou um problema maior para os Aliados, porque os Campos de Concentração e Extermínio nazistas foram encontrados.¹⁵⁵ Essa comparação implícita entre os bombardeios Aliados e a Solução Final nazista é criticada por Max Hastings, que concorda com a visão de que a destruição causada por via aérea poderia ter sido evitada (ou mesmo diminuída), mas uma comparação entre isso e a hedionda perseguição aos judeus e outros segmentos sociais é em engano, mesmo reconhecendo que:

“não são poucos os críticos alemães, e até anglo-americanos, que vêem uma equivalência moral entre a perversidade com que os nazistas massacravam

¹⁵³ Sebald corrobora essa visão, afirmando que mesmo durante a campanha aérea de bombardeios, a população alemã raramente protestava contra aqueles que provocavam a destruição de seu país: muitos consideravam aquilo que ocorria como uma punição justa, legítima “retaliação de uma instância superior” (SEBALD, Winfried Georg. *Guerra Aérea e Literatura*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2011, p. 22).

¹⁵⁴ BRENDA-BECKMAN, Bas Von. *A German Catastrophe? German historians and the Allied bombings, 1945-2010*. Amsterdã, Holanda. Editora Vossiuspers UvA – Amsterdam University Press, 2010. p. 99.

¹⁵⁵ GRAYLING, Anthony Clifford. *Among the Dead Cities The History and Moral Legacy of the WWII Bombing of Civilians in Germany and Japan*. Londres, Inglaterra. Editora Walker &Company, 2007, p. 43.

inocentes, especialmente judeus, e a perversidade com que os Aliados incendiavam cidades. Parece um equívoco.”¹⁵⁶

A ideia de vitimização dos alemães recebeu um forte embasamento advindo da campanha de bombardeios aéreos Aliados: os relevantes números de mortos e feridos e o alto grau de destruição em muitas cidades alemãs acabaram servindo como mote para que ideias sobre uma possível diminuição das responsabilidades da Alemanha, no que se refere aos crimes cometidos, por exemplo, no Holocausto, pudesse ser aventada. Na década de 1990 em diante, grupos de extrema direita germânicos (identificados como neonazistas), vêm baseando a defesa de suas ideias em um tacanho revisionismo histórico sobre a Segunda Guerra Mundial e o regime hitlerista, reduzindo ou até mesmo negando a existência e extensão dos atos praticados nos Campos. Uma das principais obras utilizadas por esses movimentos para a defesa de suas ideias refere-se ao livro “A Destruição de Dresden”, publicado pela primeira vez em 1963, por David Irving:¹⁵⁷ a obra, que se tornou um *best-seller*, foi por longo tempo considerada uma referência basilar para os estudos sobre o bombardeio da cidade, e seus dados foram pouco questionados, mesmo pela historiografia alemã do Pós-Guerra. Diversos movimentos neonazistas atualmente, mesmo com os dados de Irving tendo sido desmentidos pela historiografia recente, ainda utilizam a obra para a propaganda de sua causa: tentando justificar o absurdo número de mortos defendido por Irving, alguns adeptos da extrema direita alemã afirmam que devido ao intenso bombardeio muitos corpos desapareceram por completo, uma explicação totalmente desprovida de base

¹⁵⁶ HASTINGS, Max. *Inferno: O Mundo em Guerra - 1939-1945*. Rio de Janeiro. Editora Intrínseca 2011, p. 413.

¹⁵⁷ O autor inglês, que consultou diversos documentos da administração nazista para escrever a obra, coloca o número de vítimas fatais dos bombardeios nos dias 12 e 13 de fevereiro de 1945 em cem mil, quando na verdade, não passaram de vinte mil: as fontes que baseavam esse número eram provenientes de relatórios dos funcionários do Partido Nazista em Dresden (IRVING, David. *A Destruição de Dresden: A Anatomia de uma Tragédia*. São Paulo. Editora Nova Fronteira, 1963, p. 232); esses documentos, contudo, devem ter tido um aumento nas cifras de mortos, para impressionar a administração central em Berlim em relação ao tamanho de perdas. Irving atualmente tem suas obras vistas com ressalvas por diversos historiadores, que o identificam como um autor de tendências pró-nazistas; segundo o estudioso dos bombardeios sobre a Alemanha, Luis Vergara, o autor inglês tinha interesses em ser o principal porta-voz de uma lenda sobre o massacre de Dresden, que o auxiliaria na disseminação do nazismo no Pós-Guerra, além de ocasionar uma autopromoção. Inclusive, Irving teria sido julgado por um tribunal austríaco em relação à acusação de ter afirmado que o Holocausto não existiu (VALIUNAS, Algis, MUÑOZ, Gustau. *Fuego desde el cielo*. Revista Pasajes, nº 26. Valencia, Espanha. Publications Universitat de Valencia, 2008, p.67).

científica.¹⁵⁸ Tal situação demonstra que, apesar do salutar interesse em se analisar o passado, algumas das interpretações que surgem nem sempre podem ser consideradas positivas ou até mesmo construtivas: Tony Judt, referindo-se à questão envolvendo a vitimização dos alemães na guerra, salienta que até

“os alemães estão revisitando a história oficial de seu país — com consequências paradoxais. Agora — pela primeira vez em muitas décadas — são o sofrimento *alemão* e a condição de vítima dos *alemães*, seja em consequência de bombardeiros britânicos, soldados russos ou expulsos tchecos, que se tornaram alvos de atenção. Os judeus, mais uma vez se pretende sugerir, em certos círculos respeitáveis, não foram as únicas vítimas...”¹⁵⁹

Independentemente das incongruências que possam aparecer durante essas “revisitações” do passado pelos alemães, principalmente após a reunificação do país, podemos perceber duas situações dicotômicas na Alemanha atual: por um lado, uma parcela extremamente expressiva da população, principalmente as gerações mais velhas (que tiveram algum tipo de contato, mesmo que indireto, com o nazismo e a guerra) não tem o menor interesse em rememorar os fatos e as impressões sobre o período, pois as consequências seriam desagradáveis. Outra parcela da população, baseada nas gerações mais novas e que não tiveram contato tão grande com o passado da Alemanha durante o Terceiro Reich, tem um maior interesse em entender a real dimensão dos acontecimentos, depreendendo-se daí inúmeras vertentes interpretativas, incluindo-se nesse bojo a visão de que os alemães além de terem contribuído sobremaneira para os fatos que ocorreram durante a Segunda Guerra Mundial, também poderem ser incluídos como vítimas nesse cenário.

2.6 – MUSEUS E MEMORIAIS COMO LUGARES DE MEMÓRIA: APONTAMENTOS TEÓRICOS

As autoridades alemãs da RFA e da RDA no Pós-Guerra utilizaram diversas ferramentas e instrumentos para divulgar e disseminar a visão dita oficial de seus

¹⁵⁸ ROBERTS, Mary Louise. *What Soldiers Do: Sex and the American G.I. In World War Two France, 1944-1946*. Chicago, EUA. Editora University of Chicago Press, 2013, p. 524.

¹⁵⁹ JUDT, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2008, p. 25.

respectivos governos sobre a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto, através de publicações, cerimônias públicas, dentre outros. Contudo, um dos recursos mais largamente utilizados consistiu na elaboração de exposições e mostras, além de museus e memoriais sobre essas temáticas relativas ao conflito. Tais expedientes se coadunam com as ideias defendidas por Nora acerca dos lugares de memória, que permitiriam às pessoas terem contato com seu passado, reforçando sua identidade; os museus, memoriais, monumentos, e outros símbolos, têm sido um importante meio de preservação da memória na sociedade contemporânea. Os lugares de memória estão direta e simultaneamente ligados à História e à Memória, não cabendo nenhuma divisão conceitual entre ambos, já que nesses locais há o “aprofundamento decisivo do trabalho da história, por um lado” e a “emergência de uma herança consolidada,” por outro.¹⁶⁰ As constantes e rápidas mudanças nas sociedades contemporâneas levariam à praticamente uma obrigação relativa ao resgate do passado, levando cada indivíduo a um imperativo de memória, efetivado pelas lembranças. Diante desse amplo espectro de possibilidades, ainda segundo Nora, a memória seria um fenômeno sempre atual, já que a:

“a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas formações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repetitivas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.”¹⁶¹

Os lugares de memória, assim como a própria memória, seriam campos permeados pela disputa constante de poderes, definindo aquilo que será lembrado, e o que deve ser esquecido:¹⁶² como Paul Ricoeur define, não somos formados somente pelas lembranças, mas também por aquilo que esquecemos.¹⁶³ Os discursos

¹⁶⁰ NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, nº 10, 1993, p.04.

¹⁶¹ NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, nº 10, 1993, p. 09.

¹⁶² O autor Andreas Huyssen, referindo-se à memória, defende uma ideia instigante que pode ser aplicada também diante das funções dos lugares de memória: segundo ele, “a memória é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento; em suma, ela é humana e social” (HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro. Editora da Universidade Cândido Mendes, 2000, p. 58).

¹⁶³ RICOEUR, Paul. *A história, a memória, o esquecimento*. Campinas, Editora Unicamp, 2007.

institucionais nem sempre demonstram claramente as contradições e divergências com relação a determinados assuntos, principalmente quando nos referimos à memória de grupos dentro de um contexto específico: os lugares de memória, em expressivo número, são provenientes exatamente dessa problemática, pois os valores a eles atribuídos acabam tornando-se subjetivos, modificando-se com o passar do tempo. Entretanto, como aponta Regina Abreu, a complexidade das temáticas envolvendo os lugares de memória acaba por transcender as preocupações relativas somente à salvaguarda de nossas lembranças:

“a memória teria deixado de ser uma função ativa do conjunto da sociedade para se tornar atributo de alguns. Ao invés de ser encontrada no próprio tecido social – no costume, na tradição - a memória tomaria forma em lugares determinados passando a depender de agentes especialmente dedicados à sua produção.”¹⁶⁴

Além da importância manifesta relativa às lembranças, os lugares de memória ainda acabaram por incorporar a ideia de auxílio na constituição da memória nacional: tal fator foi de fundamental importância durante os processos de criação e manutenção dos museus e memoriais sobre o Holocausto na RFA, na RDA e, posteriormente, na Alemanha reunificada. A transformação desses locais (inicialmente responsáveis pela coleta, guarda, organização e divulgação de informações) em instituições que não somente retratavam visões do passado, mas também contribuíram sobremaneira para a formação da sociedade alemã, foi impressionante.

Pierre Nora, ainda acerca dos lugares de memória, os categoriza em quatro vertentes diferentes, qual sejam,

"lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história. Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: Estados, meios sociais e políticos, comunidades de

¹⁶⁴ ABREU, Regina. *Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados*. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, nº 14, vol.7, 1994, p. 206.

experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória".¹⁶⁵

A conceituação de Nora, definindo os museus e congêneres como “Lugares Topográficos” pode ser aplicada nos lugares de memória alemães referentes ao Holocausto, principalmente, as instituições museais e os memoriais.

¹⁶⁵ NORA *apud* LE GOFF, 1995, p. 473.

CAPÍTULO 03

MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL EM MUSEUS E MEMORIAIS ALEMÃES (1950-2014): OS CASOS DO *MEMORIAL AOS JUDEUS MORTOS NA EUROPA* E DO *MEMORIAL AND MUSEUM SACHSENHAUSEN*

O último capítulo de nossa análise tratará sobre os lugares de memória criados na Alemanha após a Segunda Guerra Mundial, referentes às temáticas relativas ao Holocausto. Abordaremos as conceituações referentes às atividades de museus e memoriais tanto na República Federal da Alemanha, quanto na República Democrática Alemã; as concepções imagéticas utilizadas nas exposições, para demonstrar as visões do genocídio sofrido pelos judeus perante a população; analisaremos os direcionamentos temáticos idealizados para as exposições e mostras de uma maneira ampla, além de compreender como as políticas governamentais eram implementadas tendo em vista a construção da memória alemã sobre o Holocausto, desde o Pós-Guerra até os dias atuais; utilizaremos como exemplos de nosso estudo duas das instituições mais significativas criadas na Alemanha, o *Memorial aos Judeus Mortos na Europa*, e o *Memorial and Museum Sachsenhausen*, que tratam de temáticas relativas ao Holocausto, analisando suas principais características, objetivos e representações da memória sobre esse fato histórico; por fim, buscaremos analisar a influência do contributo de museus e memoriais para a formação da memória alemã sobre a Solução Final, até os dias atuais.

3.1 – AS REPRESENTAÇÕES DOS TRAUMAS REFERENTES À SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E AO HOLOCAUSTO NOS MUSEUS E MEMORIAIS ALEMÃES: ASPECTOS GERAIS

As mudanças ocorridas na Alemanha após a Segunda Guerra Mundial foram profundas e sintomáticas, em praticamente todos os aspectos do cotidiano de milhões de pessoas. A transformação do outrora país unificado do século XIX em dois países antagonistas no final da década de 1940 foi acompanhada de mudanças no campo das

ideias e mentalidades que permearam as sociedades da RFA e da RDA, até pelo menos 1989. O campo cultural, diante de sua capacidade extremamente diversificada de alcançar diversos segmentos sociais, sempre foi um instrumento de vanguarda no que se refere às representações da realidade, seja do passado ou mesmo do presente: essa vertente multifacetada da cultura se aplica com bastante eficácia quando observamos com mais vagar as representações do Holocausto nos museus e memoriais alemães. Estas instituições influenciam diretamente o tecido social no qual se incluem, utilizando uma retórica ampla de transmissão de informações e, mais do que isso, de afirmação ou desarticulação de discursos: Jennifer Carter aborda essas questões referentes aos perfis institucionais dos museus sob três prismas diferentes. O primeiro diz respeito às questões relativas às responsabilidades sociais, sendo as formas de inclusão um ativismo como meio de participação mais democrática da sociedade no cotidiano de museus e memoriais; o segundo analisa as responsabilidades de tais instituições em não se fazerem representar como detentoras inequívocas das memórias que preservam e divulgam, mas sim como instrumentos de difusão dos acervos, e disseminação do conhecimento; por fim, os museus devem se abrir como espaços de discussão, sejam se aprofundando em temáticas difíceis ou controversas, ou tratando de temas do cotidiano. O planejamento das exposições deve gerir não somente os assuntos que serão tratados, mas também os conflitos de interesses que deverão surgir após as “provocações” que as mostras farão surgir no público.¹⁶⁶

As “duas Alemanhas” do Pós-Guerra tinham objetivos claros com relação às suas políticas governamentais: apesar de suas diferenças ideológicas conflitantes, podemos identificar as tentativas de extirpar do seio da população os valores nazistas como uma preocupação constante de ambos os governos. De maneira gradativa e constante, as autoridades alemãs passaram a tratar dos assuntos relativos à guerra atendendo não somente a interesses puramente culturais de disseminação de informações, mas também de transmitir visões sobre o conflito bélico, que passaram a fazer parte de discursos governamentais: além dessas iniciativas, podemos também depreender uma interessante análise não somente sobre o que as instituições museais alemãs trataram, mas também dos assuntos que não foram tratados em suas exposições.

¹⁶⁶ CARTER, Jennifer. *L'éthique Dans les musées, créateurs de sens: nouvelles frontières, nouveaux enjeux*. In: Musées, Société des Musées Québécois (SMQ). Montreal, Canadá, vol. 31, 2013, pp. 46-55.

As experiências traumáticas do conflito bélico acabaram sendo representadas nos museus e memoriais alemães, contudo, de maneira extremamente gradativa e lenta. As instituições culturais das “duas Alemanhas” no Pós-Guerra tinham preocupações que ultrapassavam a simples abordagem de temas com um tratamento mais complexo, não somente pelas dificuldades das articulações com as memórias advindas dessas temáticas, mas também por questões morais e éticas; as disputas ideológicas inseridas no contexto da Guerra Fria, principalmente na RDA, impregnaram as representações do Holocausto nos meios culturais, colocando as lembranças dos indivíduos que haviam sofrido com o genocídio em segundo plano perante a propaganda e os discursos do regime político em vigor. Apesar dos desvios de finalidade durante e após a criação de museus e memoriais que faziam referência ao Holocausto nos territórios da RFA e RDA, as mudanças sociais e políticas que esses países tiveram com o passar das décadas acabaram por transformar o próprio *modus operandi* de tais locais.

A Alemanha Ocidental, após os Julgamentos de Nuremberg, teve processos de desenvolvimento que abarcaram o fortalecimento dos tecidos sociais e de suas instituições, mesmo que para isso não tenha se furtado em tolerar abertamente a reinserção de antigos nazistas em suas dinâmicas e relações cotidianas. Durante praticamente uma década, as temáticas referentes aos crimes cometidos contra os judeus e outros segmentos sociais pelo Terceiro Reich não tiveram quase nenhuma ressonância social, com esparsas exceções.¹⁶⁷ Quaisquer tipos de ressentimentos por parte dos judeus com relação às atrocidades sofridas antes e durante a Segunda Guerra Mundial acabaram na maioria dos casos confinados no âmbito de suas impressões particulares, podendo até mesmo terem sido expostos no seio de suas comunidades, mas raramente indo além: ao mesmo tempo em que as lembranças existiam, seus desdobramentos eram solapados tendo em vista uma pretensa pacificação social: o que havia ocorrido deveria ficar no passado, para que a RFA pudesse ter um mínimo de coesão social. Tal situação naquele período, agravada pelo fato dos testemunhos de sobreviventes dos

¹⁶⁷ Uma delas se deu segundo o autor Bruno Leal Carvalho, em 1959, com a primeira adaptação para o cinema do livro escrito pela menina judia Anne Frank, que após um longo período escondida em um cubículo com o restante de sua família na Holanda ocupada pelos nazistas, foi capturada e enviada para a morte no Campo de *Bergen-Belsen*. O filme “Diário de Anne Frank”, apesar de ser um rompimento na abordagem sobre o Holocausto na RFA até aquele momento, não modificou de maneira significativa a visão que se tinha sobre o sofrimento dos judeus durante o Terceiro Reich, algo que se modificou na década seguinte (CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. *Lembrar ou Repetir: práticas discursivas da imprensa na construção da memória do Holocausto*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Memória Social. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009, p. 26).

horrores dos Campos de Concentração terem encontrado pouco interesse social e governamental, criaram uma situação que Mônica Grin aponta como algo que:

“nas circunstâncias do pós-holocausto (quer nos julgamentos, nas audiências públicas, nos arquivos de memória), em que o papel do testemunho é potencializado e a sua dor ecoada, impõem-se, paradoxalmente, a necessidade da pacificação, da reconciliação, como valores humanamente aceitáveis, como garantia da ordem social ou da *comunitas* (...), ou seja, um tipo de véu de normalidade em que se valorizam narrativas de superação, de recomeço, de perdão, de dissipação de traumas e ressentimentos, através de testemunhos, cuja necessária missão é legar ao futuro a não repetição do passado”¹⁶⁸

A dicotomia conflitante envolvendo a rememoração e a necessidade do silêncio para a manutenção do bem estar social criou situações bastante difíceis: segundo Dominick LaCapra, além da necessidade da estabilização do tecido social, os silenciamentos ocorreram também por conta da barbárie extrema ocorrida durante os processos que envolviam os mecanismos de assassinatos em massa nos Campos de Concentração, que teriam ocasionado traumas profundos, tanto para aqueles que sofreram, quanto a quem os praticou.¹⁶⁹ Esse quadro geral teve uma perceptível mudança já no início da década de 1960, com a publicação de estudos e ensaios abordando as temáticas referentes ao Holocausto, majoritariamente fora das “duas Alemanhas”;¹⁷⁰ o julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém teve importante impacto na opinião pública mundial, lançando novo foco sobre a Solução Final e suas consequências. Se no final da década de 1940 e durante os anos 1950 a temática do Holocausto havia sido um tabu quase inquebrantável na RFA, de 1960 em diante tal situação seria modificada, mesmo contando com a resistência ferrenha daqueles que se opunham às rememorações dos que havia ocorrido nos Campos, e da responsabilidade individual de milhares de pessoas nesses eventos.

Ao mesmo tempo em que a RFA tinha em seus tecidos sociais importantes questões a tratar sobre os desdobramentos das memórias do período nazista e de suas

¹⁶⁸ GRIN, Mônica. *Reflexões sobre o direito ao ressentimento*. In: GRIN, Mônica, ARAUJO, Maria Paula, FICO, Carlos. (Org.). *Violência na História: Memória, Trauma e Reparação*. Rio de Janeiro. Editora Ponteio, 2012, pp. 127-128.

¹⁶⁹ LACAPRA, Dominick. *Representar el Holocausto: historia, teoría y trauma*. Buenos Aires, Argentina. Editora Prometeo Libros, 2008, p. 90.

¹⁷⁰ Uma das principais obras publicadas nesse período foi a do autor Raul Hilberg, “*The Destruction of the European Jews*”, publicação basilar para os estudos acerca do Holocausto desde então.

ações, países da chamada “Cortina de Ferro” como, por exemplo, a Polônia, davam mostras que teriam uma posição diferente com relação ao tratamento da memória do Holocausto. Dois anos após o final da Segunda Guerra Mundial foi inaugurado o Museu e Memorial de *Auschwitz-Birkenau*, compreendendo dois extintos Campos de Concentração (*Auschwitz I* e *Auschwitz-Birkenau*): no local, passaram a ser expostas várias instalações que até recentemente haviam sido utilizadas para a Solução Final, dentre eles prédios da Administração Central dos Campos, barracas para prisioneiros e guardas da SS, além de torres de vigilância, demonstrando assim um pouco do cotidiano que ocorria em tais estruturas. Além dessas construções, também passou a ser exposto o terreno onde centenas de pessoas haviam sido mortas, praticamente às vésperas da libertação desses Campos pelas tropas soviéticas.

Os visitantes dessa instituição museal durante o período de influência da URSS na Polônia não somente tinham contato com os locais das atrocidades cometidas pelos nazistas, mas também eram alvo do discurso governamental oficial, de homenagem constante ao Exército Vermelho, da ojeriza ao regime nacional-socialista alemão e, complementando esse quadro, de valorização do socialismo perante o capitalismo. O passar do tempo foi fazendo com que o acervo da instituição se tornasse cada vez mais robusto, com a inclusão de depoimentos de sobreviventes, documentos e materiais doados por outros museus ao redor do mundo, algo que tornou o Museu e Memorial de *Auschwitz-Birkenau* patrimônio da UNESCO em fins da década de 1970. Atualmente, essa instituição é umas das principais referências globais no que se refere às temáticas do Holocausto e da Segunda Guerra Mundial.¹⁷¹

As memórias traumáticas dentro da RDA acabaram em diversas oportunidades sendo canalizadas pelas autoridades socialistas para algum tipo de proveito próprio, seja enaltecendo o regime político, ou até mesmo dentro dos mecanismos de propaganda depreciativa dos inimigos do governo. Logo após o final da Segunda Guerra Mundial, os soviéticos passaram a reutilizar as instalações dos recém-desativados Campos de Concentração sob seus domínios para abrigar indivíduos ditos “perigosos”, sob sua interpretação, para o desenvolvimento do socialismo nos territórios germânicos

¹⁷¹ Apesar de não estar localizada na Alemanha, outra instituição museal é uma referência quando tratamos do Holocausto: o Museu Yad Vashem, criado em Israel no ano de 1953 que, não somente tem por finalidade tratar das lembranças e registros desse evento histórico, mas também serviu para que a legitimação da criação do Estado israelense tivesse ainda mais fundamento, além de reforçar a identidade judaica em torno dos acontecimentos referentes ao Holocausto.

ocupados: esses locais, segundo Anne Kaminsky eram chamados de “Campos Especiais”, sendo que os mais largamente utilizados se localizavam exatamente nos mesmos locais dos Campos nazistas de *Buchenwald* e *Sachsenhausen*.¹⁷² As decisões governamentais que praticamente definiram o que poderia ser ou não lembrado dentro da RDA acerca do conflito bélico, fizeram com que os Campos do Terceiro Reich fossem exaustivamente lembrados, mas a utilização de tais localidades como campos de prisioneiros dos soviéticos não tivessem quaisquer referências ou até mesmo fossem suprimidos na memória oficial do país.¹⁷³

Apesar da existência dessas prisões da URSS dentro do território da Alemanha, seus registros são bastante escassos: mesmo após o fim da RDA, a expressiva maioria dos documentos referentes a esses locais foi transportada para a Rússia: somente em 1993 uma pequena parte desse material foi transferida de volta para a Alemanha recentemente reunificada e, mesmo assim, tais papéis referem-se de maneira parca e insuficiente do nome de alguns detidos, não definindo de forma minimamente precisa o tempo de cárcere, ou até mesmo se sobreviveram às provações e agruras desses locais.¹⁷⁴ Após a desativação do “Campo Especial” de *Sachsenhausen*, obras foram realizadas em suas dependências, transformando uma parte de suas instalações em um museu e memorial que, dentre outros atributos, fazia uma virulenta crítica em suas exposições aos nazistas e ao fascismo, além de exaltar os “libertadores” soviéticos. As autoridades da Alemanha Oriental, dentre outros objetivos com a criação desse espaço museal em *Sachsenhausen*, queriam potencializar os edifícios e suas espacialidades como lugares de memória, mostrando que os acontecimentos traumáticos ligados à sua existência eram resultado dos excessos atrozos das ideologias rivais ao socialismo. Andreas Huyssen, tratando da temática dos monumentos sob o aspecto de seus resquícios, nos mostra que:

¹⁷² KAMINSKY, Anne. *Campos soviéticos em Alemanha, 1945-1950: Museos* Memoriales. Revista História, Antropología y Fuentes Orales. Barcelona, Espanha, nº 20, 1998, p. 106.

¹⁷³ KAMINSKY, Anne. *Campos soviéticos em Alemanha, 1945-1950: Museos* Memoriales. Revista História, Antropología y Fuentes Orales. Barcelona, Espanha, nº 20, 1998, p. 106.

¹⁷⁴ Segundo a autora Anne Kaminsky, uma maneira de tentar preencher as lacunas acerca desses Campos soviéticos seria através dos testemunhos daqueles que ali haviam sido aprisionados; contudo, mesmo após essas prisões terem sido desativadas, praticamente nenhum sobrevivente queria lembrar o que havia passado, não somente pelas memórias traumáticas, mas também por medo de represálias das autoridades da Alemanha Oriental (KAMINSKY, Anne. *Campos soviéticos em Alemanha, 1945-1950: Museos* Memoriales. Revista História, Antropología y Fuentes Orales. Barcelona, Espanha, nº 20, 1998, pp. 107-108).

“A ruína arquitetônica é um exemplo da combinação indissolúvel de desejos espaciais e temporais que desencadeiam a nostalgia. No corpo da ruína, o passado está presente nos resíduos, mas ao mesmo tempo não está mais acessível, o que faz da ruína um desencadeante especialmente poderoso da nostalgia.”¹⁷⁵

A nostalgia que Huyssen nos aponta não somente tem um caráter de saudosas lembranças, mas também pode permitir ao indivíduo uma reflexão sobre aquilo que está sendo visto através das “ruínas”: a análise crítica do passado pode levar ao rompimento de paradigmas e uma busca por novos caminhos, evitando que os erros outrora cometidos possam acontecer novamente.¹⁷⁶

Embora as políticas oficiais de lembrança da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto na RDA não se modificassem expressivamente com o passar das décadas, não se pode dizer o mesmo quando nos referimos à RFA. Enquanto a década de 1960 observou diversas transições no que se refere às temáticas relativas à Solução Final, a década seguinte presenciou uma série de novos debates, que definitivamente tornaram os acontecimentos ocorridos durante o Holocausto a serem levados em consideração na sociedade da Alemanha Ocidental. Segundo Bruno Leal, um dos principais instrumentos para que, por exemplo, os assuntos referentes ao genocídio fossem mesmo que de maneira superficial abordados, foi o campo audiovisual, seja na forma de filmes ou séries televisivas.¹⁷⁷ O impacto desses novos formatos de abordagem sobre diversos segmentos sociais na RFA foi extremamente expressivo, sendo que uma nova geração de jovens, que não haviam lidado diretamente com a guerra ou com suas lembranças e esquecimentos, passavam cada vez mais a se caracterizar como questionadores sobre o passado de parentes, autoridades e até mesmo daqueles indivíduos que haviam sido

¹⁷⁵ HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro. Editora Contraponto, 2014, p. 91.

¹⁷⁶ No caso das autoridades da RDA, o museu em *Sachsenhausen* também tinha uma função de propaganda contra o capitalismo, muito identificado pela política oficial como responsável pelo nazismo: o Campo de *Sachsenhausen* somente havia existido pela bestialidade de um regime fascista, e suas instalações demonstravam o que de pior os inimigos do socialismo poderiam fazer.

¹⁷⁷ Um dos marcos mais significativos desse período se deu já no final da década de 1970, quando uma série televisiva veiculada nos EUA, “Holocausto: A Saga da Família Weiss” teve grande repercussão dentro do país, tendo sido transmitida também na RFA, alcançando uma expressiva marca de público. Independentemente do formato ou até mesmo das escolhas de abordagem do Holocausto da série, sua importância se deu no campo do debate público, trazendo para o seio da sociedade da Alemanha Ocidental uma série de questões referentes aos crimes cometidos contra os judeus durante o Terceiro Reich (CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. *Lembrar ou Repetir: práticas discursivas da imprensa na construção da memória do Holocausto*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação em Memória Social. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009, p.31).

vitimados pelo Terceiro Reich. Esse autoquestionamento, apontado por Tony Judt¹⁷⁸, teria um importante papel durante nas décadas seguintes, estando até mesmo presente nos dias atuais, fazendo com que a sociedade alemã a todo o momento seja relembra de sua participação nos crimes nazistas, além de terem combatidos os mecanismos de anos de supressão de memórias tanto do que havia sido praticado, mas também daquilo que tinha sido sofrido.

A reunificação alemã trouxe mudanças não somente nas abordagens sobre as memórias traumáticas referentes à Segunda Guerra Mundial, mas também nos próprios processos de rememoração: os alemães da extinta RDA, que haviam passado por anos de uma maciça campanha ideológica, onde as rememorações individuais na maioria das vezes eram suplantadas pelas diretrizes estatais, passaram a ter a possibilidade de contribuir para o debate social que já ocorria na Alemanha Ocidental, com referência a diversas temáticas sobre a guerra como, por exemplo, o Holocausto. Essas novas fontes de rememoração também enfrentaram problemas, já que os anos de repressão tornaram muitos indivíduos que presenciaram ou sofreram as consequências da guerra resistentes a quaisquer iniciativas de lembrança, preferindo o silêncio à exposição de suas impressões e opiniões. Atualmente, a Alemanha passa por mais um período de mudanças com relação a seu passado referente ao Holocausto: são diversos os exemplos em que os debates sobre a rememoração e o esquecimento do que ocorrera durante e após o conflito bélico produzem convergência de ideias e celeumas igualmente intensas; contudo, é inegável que a sociedade alemã hoje é um campo profícuo de debates que trazem à tona discussões que vem contribuindo para uma transformação acentuada das visões sobre a participação do país e de seus cidadãos na guerra, e no genocídio. Os instrumentos para essas modificações são os mais variados: desde abordagens midiáticas, passando por trabalhos acadêmicos diversificados, além do contributo de instituições museais e memoriais, que através de suas exposições tratam sob diversos aspectos das memórias acerca do Holocausto.

¹⁷⁸ JUDT, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2008.

3.2 - IMPORTÂNCIA DOS MUSEUS E MEMORIAIS PARA A SALVAGUARDA DA MEMÓRIA: AS CONCEPÇÕES IMAGÉTICAS DAS EXPOSIÇÕES ALEMÃS SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O HOLOCAUSTO

Os memoriais e instituições museais são importantes meios para a propagação de ideias à posteridade; a utilização de seus acervos para a disseminação de informações foi analisada por Jacques Le Goff, que dividiu os materiais oriundos da memória em documentos e monumentos, onde:

“o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.”¹⁷⁹

Um dos suportes da memória segundo Le Goff (2003) é o patrimônio, com seus valores históricos e identitários expressados de diferentes formas. Os museus e memoriais, devido a suas características dinâmicas e instrutivas, são alguns dos meios ideais para que o indivíduo possa ter contato com a memória de sua comunidade, de sua Região e, até mesmo, de seu país ou nação. Por conta disso, tais instituições, além do caráter educativo e cultural, acabam tendo também outras importantes funções dentro da sociedade. São profícuos e diversificados os exemplos em que os lugares de memória formam, identificam e acentuam noções de pertencimento, tanto de indivíduos, quanto de comunidades inteiras.

Michael Pollak corrobora as ideias defendidas por Nora, complementando que,

“a memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. (...) Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem

¹⁷⁹ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 2003, p.540.

em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum.”¹⁸⁰

As convergências entre a memória e os museus estão presentes e perceptíveis não somente em relação ao público-alvo: a própria imagem das instituições de caráter museológico vem sendo objeto de estudos seja através de seus perfis ou áreas de atuação, no decorrer de suas respectivas trajetórias. Independente do tipo de gestão (pública ou privada) e da política de direção, percebe-se que há uma preocupação cada vez maior com a memória institucional desses locais; o modo como um museu ou memorial trata de suas temáticas vem acompanhado de um fenômeno principalmente identificado nas últimas duas décadas, do resgate da própria história, de sua identidade.

Devido ao caráter razoavelmente recente da memória institucional, uma conceituação da mesma ainda não foi concatenada de maneira definitiva, mas importantes trabalhos estão sendo realizados nessa área, com a utilização de diferentes métodos tais como, por exemplo, o resgate de fontes documentais e a História Oral. As narrativas resultantes desses trabalhos, entretanto, devem ser olhadas com um mínimo de reservas, pois nem sempre a História oficial de um local abarca os acontecimentos em sua totalidade.

Os desafios que as instituições museais enfrentam são vastos e, muitas vezes, intrínsecos as suas próprias razões de ser. Uma característica bastante comum em museus e memoriais pode ser identificada nas exposições: profusos são os exemplos onde mostras se fazem valer da apresentação de objetos para fins de transmissão e diálogo entre o público e o conhecimento, a mensagem a ser transmitida. Apesar desse tipo de exposição ser extremamente comum, Ulpiano Bezerra de Meneses aponta certa "fetichização do objeto", onde a mesma pode ser entendida como o "deslocamento de atributos do nível das relações entre os homens, apresentando-os como derivados dos objetos, autonomamente, portanto 'naturalmente'".¹⁸¹

A importância que os itens expostos acabaram por ter com o passar do tempo, em alguns casos, transformaram a visita ao museu em uma experiência praticamente

¹⁸⁰ POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.º 3, vol. 2, 1989, p.10.

¹⁸¹ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *Do teatro da memória ao laboratório da história: A exposição museológica e o conhecimento histórico*, Anais do Museu Paulista, n.º 1, vol. 3, 1995, p. 17.

completa e, ao mesmo tempo, reduzida: o trajeto, a história e o significado do objeto acabaram sendo relegados a segundo plano, perante a visualização pura e simples do mesmo. Não são poucas, entretanto, as instituições que vêm tentando modificar esse quadro, complementando e diversificando as mostras com todo um arcabouço que permite ao visitante o contato com o que está sendo visto, mas também o levando a considerar a trajetória do objeto até chegar ali com aquele significado, com aquela mensagem: "o pensar" vem tornando-se algo tão ou mais importante do que "o ver".

Complementando essas mudanças Elizabeth Duclos-Orsello defende a ideia de que os museus devem ultrapassar os limites da transmissão do conhecimento; o processo de co-criação deve ser estimulado em relação ao visitante, tornando-o não somente um ente passivo em relação à exposição, mas sim um indivíduo que participe ativamente do processo de construção daquela, e do próprio museu.¹⁸²

Dentre todos esses fatores que levaram a constituição dos locais de rememoração sobre a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto na Alemanha, podemos traçar análises sobre a própria essência do campo imagético inserido em tais instituições. Primeiramente, uma interessante conceituação do autor Walter Benjamin, sobre a aniquilação da experiência e a consequente ausência de narrativa nos soldados que voltavam dos fronts da Primeira Guerra Mundial, em relação ao rompimento na transmissão do que foi aprendido, tem ecos também após a Segunda Guerra Mundial. A população civil, que passou por muitas provações nos seis anos de conflito, e os soldados que presenciaram sofrimentos durante igual período, em inúmeras ocasiões calaram-se sobre o que ocorreu: o silêncio tornou-se um instrumento para o esquecimento do que aconteceu. Além da guerra e do genocídio, ainda havia o legado negativo do nazismo, que com suas políticas criminosas, havia incluído em seus atos grande parte da população alemã, mesmo que de forma indireta e/ou passiva; tal situação aumentou sobremaneira o sigilo dos alemães sobre esse passado, tornando-se ainda hoje um tabu na sociedade. Os museus e instituições que tratam da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto como temáticas ocupam um importante espaço nessa lacuna do esquecimento voluntário alemão, demonstrando através de exposições, mostras, imagens e filmes o que ocorreu, sob diferentes prismas, cumprindo um papel até mesmo de baluarte contra o silêncio. A experiência tradicional, segundo Benjamin,

¹⁸² DUCLOS-ORSELLO, Elizabeth. *Shared Authority: The Key to Museum Education as Social Change*. Journal of Museum Education, nº 02, vol. 38, 2013, pp.121–128.

teria sido aniquilada com a guerra da época contemporânea, expondo assim de maneira clara a pobreza da experiência na modernidade.¹⁸³ Mesmo essa reflexão tendo sido realizada sobre a “Grande Guerra”, seus conceitos podem ser aplicadas na sociedade alemã do pós-Segunda Guerra.

As imagens, contudo, mesmo sendo importantes meios de comunicação e transmissão de mensagens utilizadas nas instituições alemãs, guardam particularidades que devem ser observadas. Como aponta Georges Didi-Huberman, que utiliza a conceituação de rizomas elaborada por Gilles Deleuze, um conjunto de imagens utilizadas é formado por coisas observáveis, mas também por intervalos e lacunas, que lhe dão e retiram significância.¹⁸⁴ Didi-Huberman defende que as montagens seriam um profícuo meio para a construção da historicidade, superando anacronismos e obrigações com resultados e respostas determinados; as montagens podem auxiliar as imagens naquilo que estas não conseguem explicar totalmente, ou mesmo no imediatismo que não possuem.¹⁸⁵

Os museus alemães que abordam a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto, diante da vastidão dos temas, efetuam recortes nas exposições, tendo as imagens papel fundamental para que as representações de um período possam ser reconhecidas. Martine Joly, em sua análise sobre a iconografia, afirma não somente que a interpretação da imagem é importante, mas também suas origens e o intuito de sua própria mensagem:¹⁸⁶ os códigos utilizados em uma determinada época não necessariamente tem o mesmo significado em outras. As representações da guerra e da Solução Final nas instituições museais alemãs referenciam-se exatamente nessas ideias; os ideais de grandeza, força e militarismo do Terceiro Reich foram retratados no Pós-Guerra dentro daquilo que realmente eram em sua essência. A violência, crueldade e destruição que as ideias nazistas causaram são mostradas às gerações vindouras utilizando-se de seus símbolos, mas com objetivos totalmente opostos: essa nova significação é percebida de maneira contumaz por todo o país. As imponentes imagens alardeadas nos documentários de propaganda do Terceiro Reich durante a guerra,

¹⁸³ LIMA, João Gabriel; BAPTISTA, Luis Antônio. *Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin*. In: Revista Princípios, vol. 20, 2013, pp. 449-484.

¹⁸⁴ DIDI-HUBERMAN, Georges. “*Quando as imagens tocam o real*”. In: Revista Pós, nº. 4, vol. 2, p. 211.

¹⁸⁵ DIDI-HUBERMAN, Georges. “*Quando as imagens tocam o real*”. In: Revista Pós, nº. 4, vol. 2, p. 213.

¹⁸⁶ JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas. Papirus Editora, 2003. p. 55.

mostrando soldados com uniformes bem ajustados e botas lustrosas como salvadores do mundo, hoje, são apresentadas com o objetivo de lhes dimensionar as atitudes muitas vezes selvagens realizadas durante todo o regime, por esses mesmos personagens.

Após décadas de construção da memória da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto para os alemães baseada nas polarizações da Guerra Fria, as representações dessas temáticas após 1989 em museus e memoriais têm de ser adaptadas às necessidades e anseios da população na atualidade. Os espaços de representação da memória alemã contribuíram sobremaneira para a formação de uma mentalidade de culpa generalizada da população em relação às atrocidades cometidas pelos nazistas durante o conflito. As autoridades alemãs da RFA e RDA, através dos museus e memoriais como lugares de memória, elaboraram e consolidaram as visões sobre a guerra e a Solução Final, construindo representações que moldaram a sociedade alemã durante a Guerra Fria, e que permanecem influenciando a mentalidade alemã mesmo após a queda do Muro de Berlim.

Novos debates sobre a participação da sociedade alemã na guerra estão abrindo espaço para interpretações que podem ser abordadas em pesquisas, exposições e mostras por todo o país, levando a possíveis revisões e ampliações de significados e consequências da guerra para a Alemanha no século XXI. Diante de todo esse esforço dos espaços e instituições museais para que o esquecimento do que ocorreu seja retirado de sua zona de conforto, as exposições com seus acervos iconográficos tem um importante papel como guardiãs e transmissoras dos horrores da Segunda Guerra Mundial e do genocídio sofrido pelos judeus.

Numa sociedade extremamente imagética como a atual, (até mesmo espetacularizada, como nos aponta Guy Debord),¹⁸⁷ os códigos e símbolos apresentados através das imagens possuem um ressonante poder de informação: devido aos incontáveis meios de comunicação atuais, os indivíduos têm possibilidades de entender o passado das mais diversas maneiras. Os museus são meios importantes para que o discurso imagético possa ser transmitido, tornando-o significativo em relação a um discurso, podendo ser assim devidamente reconhecido: a imagem torna-se um instrumento primordial de ligação entre o indivíduo e o cenário social do qual faz parte. No caso particular das representações do Holocausto na Alemanha, as abordagens do

¹⁸⁷ DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro. Editora Contraponto, 1997.

tema estão sendo realizadas de maneira cada vez mais contumaz, tendo um impacto significativo, rompendo paradigmas e tabus individuais e sociais. A instrumentalização das imagens para as representações do fato histórico ocorrido é um interessante meio para compreendermos e analisarmos como os discursos iconográficos sobre o mesmo foram sendo construídos na Alemanha, e quais serão os possíveis avanços e retrocessos nos caminhos das relações dialógicas entre as imagens e os indivíduos.

Devido à especificidade do enfoque desse estudo, analisaremos as trajetórias de duas instituições museais alemãs com origens e objetivos diferentes, mas que referenciam de forma determinante a trajetória de nosso trabalho: o *Memorial aos Judeus Mortos na Europa* e o *Memorial and Museum Sachsenhausen*.

3.3 - MEMORIAL AOS JUDEUS MORTOS NA EUROPA

O *Memorial aos Judeus Mortos na Europa*¹⁸⁸ (*Mahnmal für die ermordeten Juden Europas*) está localizado na cidade de Berlim, tendo sido inaugurado no dia 10 de maio de 2005, dois dias após as cerimônias referentes ao 60º aniversário da assinatura da rendição incondicional da *Wehrmacht*, em maio de 1945, evento que deu fim à Segunda Guerra Mundial na Europa. O *Memorial* situa-se numa área importante da capital da Alemanha¹⁸⁹, estando a poucos metros do Parlamento do país, ao sul do Portão de Brandemburgo: sua área aproximada é de dezenove mil metros quadrados, contendo 2711 pilares de concreto (chamados de estelas), cada um com 95 centímetros de largura, e alturas que variam de 0,2 a 4 metros. Essas estruturas estão separadas entre si por 95 centímetros, dispostas ao longo dos mais de dois mil metros de comprimento do local. Complementando o Memorial, há em seu subsolo, na parte sudeste, a chamada “*Haus der Erinnerung*” (“Casa da Memória”), um local que abriga exposições, além de conter documentações (imagens e registros) de um banco de dados que disponibiliza a biografia de cerca de 700 vítimas do Holocausto. O monumento é administrado por uma fundação criada especificamente para esse fim, tendo seu orçamento anual disponibilizado pelo Ministério da Cultura alemão.¹⁹⁰

¹⁸⁸ O Memorial também é conhecido popularmente como Memorial do Holocausto, e se situa numa área da antiga Berlim Oriental.

¹⁹⁰ Informações contidas no *site* do Memorial: *Stiftung Denkmal für die ermordeten Juden Europas*. Disponível em: <<http://www.stiftung-denkmal.de/de/startseite.html>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

Os processos de concepção, elaboração e construção do *Memorial* denotaram mais de uma década na Alemanha pós-reunificação, sendo que o início das discussões sobre uma possível homenagem aos judeus mortos no Holocausto se deu no ano de 1989, através da iniciativa civil de uma jornalista alemã, Lea Rosh, constituindo-se posteriormente no movimento chamado de *Perspektive Berlin*, que contou com o apoio de diversos intelectuais e políticos alemães, dentre eles o ex-Chanceler da RFA, Willy Brandt. As questões referentes à unificação da Alemanha acabaram fazendo com que o movimento tivesse, até 1992, fases de debates públicos referentes a diversas temáticas correlatas à construção do Memorial; nesse ano, contudo, o Chanceler da Alemanha reunificada, Helmut Kohl, passou a apoiar abertamente o projeto, dando-lhe o suporte do governo federal alemão. Os próximos anos viram a ideia do *Memorial* ganhar solidez, sendo que em 1995 até mesmo o Departamento de Obras Públicas de Berlim realizou um concurso internacional, inclusive com a participação de um júri, para a seleção de projetos arquitetônicos tendo em vista as instalações do Memorial; entretanto, essa primeira chamada de trabalhos acabou não tendo resultados palpáveis, já que Kohl vetou os projetos escolhidos pelo júri, até hoje por motivos não elucidados.

No ano de 1997, as autoridades alemãs envolvidas no projeto organizaram um simpósio sobre o *Memorial*, resultando em um novo júri e uma nova chamada de trabalhos ainda para o mesmo ano. Este novo concurso acabou elegendo a proposta do arquiteto estadunidense Peter Eisenman e do escultor inglês Richard Serra como a melhor para a construção do Memorial o que, com mudanças posteriores, foi realizado durante os anos de 2003 a 2005. O período de seis anos entre a escolha do projeto e o término das obras do Memorial ficou conhecido como o “*Mahnmal-Debatte*” (“Debate sobre o *Memorial*”), que teve grande repercussão na imprensa e nos meios acadêmicos alemães, principalmente após a saída de Richard Serra do projeto já em 1998.¹⁹¹

Além da saída de Serra, houve outro episódio que trouxe as questões envolvendo a construção do *Memorial*, também no ano de 1998. Segundo Georg Pfleiderer,¹⁹² o ensaísta alemão Martin Walser, ao receber um prêmio dado pela Associação Alemã de

¹⁹¹ Segundo Eisenman, a saída de Serra do projeto se deu pelos constantes pedidos de mudança no projeto por Helmut Kohl, gerando intensa insatisfação do escultor inglês. Na opinião de Eisenman, essas mudanças seriam “normais” dentro de uma construção do vulto de um Memorial (EISENMAN, Peter. *Memorial aos Judeus Assassinados da Europa*. Lisboa, Portugal. Revista Arqa: Memórias Difusas, n° 45, 2007, pp. 50-53).

¹⁹² PFLEIDERER, Georg. *Gewissen und Öffentlichkeit: Ein Deutungsvorschlag zur Walser-Bubis-Kontroverse*. In: Revista Zeitschrift für evangelische Ethik. Munique, Alemanha, n° 43, 1999, pp. 247-261.

Editores, em outubro, proferiu um discurso que se opunha frontalmente à existência do *Memorial*: dentre outros argumentos, Walser afirmou que não concordava com sua construção, por achar que isso exporia uma interminável vergonha da história alemã, além de questionar qual seria o ganho da sociedade alemã em evocar “perpetuamente esse pecado”.¹⁹³ As declarações tiveram ampla repercussão na Alemanha, sendo que diversas vozes criticaram os argumentos de Walser. Um dos mais contundentes foi o então Presidente do Conselho Judeu Alemão, Ignatz Bubis: para ele, não havia possibilidade as sociedade alemã contemporânea ser um ente “normalizado” com relação à história e memória do país. Bubis acrescenta ainda que *Auschwitz* somente faria sentido através de sua constante rememoração, seja no Estado ou através dos indivíduos, com representações em cerimônias ou até mesmo por uma memória ritual.¹⁹⁴

Nossa análise depreende das posições de Walser e Bubis um ponto em comum: o inconformismo com relação a alguns pontos do processo de criação do *Memorial*. O Presidente do Conselho Judeu Alemão defendia a ideia de que a lembrança dos judeus que pereceram durante o Holocausto era praticamente um dever tanto da sociedade quanto do Estado alemães; contudo, a existência de um memorial físico e palpável seria inócua caso a mentalidade dos alemães relegasse ao esquecimento as referências ao homicídio de milhões de judeus. O autor alemão criticava de forma mordaz não somente a criação desse espaço de memória, mas também era contra a própria existência de um movimento de resgate da memória do Holocausto dentro da Alemanha, algo muito mais profundo e polêmico, excedendo em muito os debates acerca do *Memorial*.

Além de acadêmicos e representantes da comunidade judaica, algumas autoridades também tinham restrições ao projeto do *Memorial*. O próprio prefeito de Berlim na época da escolha do projeto de Eisenman apontava que a prevista acessibilidade quase total ao Memorial, em qualquer horário ou dia, poderia favorecer

¹⁹³ PFLEIDERER, Georg. *Gewissen und Öffentlichkeit: Ein Deutungsvorschlag zur Walser-Bubis-Kontroverse*. In: Revista Zeitschrift für evangelische Ethik. Munique, Alemanha, n° 43, 1999, pp. 251-256.

¹⁹⁴ PFLEIDERER, Georg. *Gewissen und Öffentlichkeit: Ein Deutungsvorschlag zur Walser-Bubis-Kontroverse*. In: Revista Zeitschrift für evangelische Ethik. Munique, Alemanha, n° 43, 1999, pp. 253-258.

manifestações neonazistas e antissemitas, podendo até mesmo se transformar em uma centelha para conflitos e instabilidades sociais no centro da capital da República.¹⁹⁵

A diversificada gama de assuntos que envolviam o *Memorial aos Judeus Mortos na Europa* também ressoava em outros segmentos sociais dentro da Alemanha. Diversos representantes de organizações que defendiam a memória de populações que haviam sido perseguidas durante o nazismo assim como os judeus, sendo um exemplo, os homossexuais¹⁹⁶, passaram a exigir, utilizando decisões governamentais que apontavam a abordagem do governo alemão acerca da memória das vítimas do Terceiro Reich¹⁹⁷, um tratamento igualitário com relação a essa rememoração. Atendendo a essas demandas, uma série de resoluções foi implementada pelo governo federal alemão, resultando, por exemplo, na construção de outros Memoriais com intuitos praticamente idênticos ao *Mahnmal für die ermordeten Juden Europas*.¹⁹⁸

Apesar de todas as polêmicas e celeumas que o *Memorial* causou desde os primórdios de sua elaboração, suas fases de construção prosseguiram. Em junho de 2000, foi acrescida ao projeto a criação da “Casa da Memória”, que teria múltiplas funções: ficaria localizada no subterrâneo do *Memorial*, e complementaria as formas abstratas da superfície com informações acerca de algumas das vítimas do Holocausto, suas origens e destinos. Diversas críticas foram feitas, inclusive em veículos da grande mídia por toda a Alemanha especificando, dentre outros pontos, que a escolha de alguns judeus para explicar o que havia ocorrido no Holocausto relegaria outros milhões ao

¹⁹⁵ PFLEIDERER, Georg. *Gewissen und Öffentlichkeit: Ein Deutungsvorschlag zur Walser-Bubis-Kontroverse*. In: Revista Zeitschrift für evangelische Ethik. Munique, Alemanha, nº 43, 1999,

¹⁹⁶ As questões envolvendo os homossexuais na Alemanha são extremamente delicadas; exemplificando esse quadro, podemos apontar que um dos artigos do Código Penal alemão na época do Terceiro Reich, definia o homossexualismo como crime, algo que somente foi abolido definitivamente do arcabouço jurídico alemão em 1969, já na época da Alemanha Ocidental.

¹⁹⁷ No ano de 1999, houve uma série de debates no Parlamento alemão acerca da construção do *Memorial*, e que acabaram por abordar também a questão da memória de outros segmentos populacionais vitimados pela perseguição nacional-socialista na Alemanha. O resultado final das discussões resultou na elaboração de um documento que reafirmava o compromisso da República Federal da Alemanha com os valores democráticos, de respeito à pessoa humana, e de honrar a memória das vítimas do Terceiro Reich, fossem elas judias ou não (DEUTSCHER BUNDESTAG. *Stenographischer Bericht zur 48. Sitzung*. Seção de 25 de junho de 1999. Bonn, Alemanha, 1999).

¹⁹⁸ O monumento aos homossexuais perseguidos pelo regime nacional-socialista foi inaugurado em maio de 2008 em Berlim, em um terreno defronte ao *Memorial aos Judeus Mortos na Europa*, sendo um misto de instalação e escultura. Ele é constituído por um bloco esculpido em formato retangular (dialogando assim com as estelas do Memorial judeu), com aproximadamente quatro metros de altura, tendo uma de suas faces um pequeno recorte, onde em seu interior o observador pode ver cenas de um filme onde dois homens se beijam (algo que o projeto inicial prevê uma remodelação futura, incluindo cenas de duas mulheres também se beijando). A placa do *Memorial* tem a seguinte inscrição: “devido à sua história, a República Federal da Alemanha tem a especial responsabilidade de se posicionar, decididamente, contra as agressões aos direitos humanos de gays e lésbicas”.

anonimato, além da própria existência da “Casa da Memória” no subterrâneo do Memorial ser uma possível referência indireta ao *bunker* de Hitler, cuja localização se dava nas imediações do terreno onde seria construído o *Mahnmal für die ermordeten Juden Europas*. Após o projeto ter sido escolhido, somente no ano de 2003 as obras foram iniciadas, e a conclusão se deu somente dois anos depois. Em uma de suas diversas explicações sobre as motivações de estruturação do *Memorial*, Peter Eisenman remonta suas definições de memória à Marcel Proust:

“Num momento profético, em ‘A busca do tempo perdido’, Marcel Proust identifica dois diferentes de memória: a nostalgia do passado, contaminada com um sentimentalismo que lembra as coisas não como eram, mas como as queremos recordar, e uma memória viva, que é ativa no presente e arde na nostalgia de recordar o passado. O Holocausto não pode ser recordado do primeiro modo, porque o seu horror rompeu para sempre a ligação entre a nostalgia e a memória. Assim, lembrar o Holocausto só pode ser uma condição de vida, em que o passado permanece ativo no presente.”¹⁹⁹

A concepção do *Memorial* foi realizada de modo a se diferenciar de estruturas museais corriqueiras, principalmente no que se refere às temáticas envolvendo o Holocausto: Eisenman queria com as estelas e sua disposição assimétrica e labiríntica no terreno uma experiência individual de cada visitante, desprovida das noções de nostalgia, onde:

“O tempo do monumento, a sua duração do topo à base, é desarticulado do tempo da experiência. Neste contexto, não há nostalgia nem memória do passado, apenas a memória viva da experiência individual. Aqui só podemos conhecer o passado pelo modo como se manifesta no presente.”²⁰⁰

As estelas foram fixadas ao chão, e protegidas com um material resistente que impossibilita a fixação de tintas, impedindo pichações ou atos de vandalismo²⁰¹. Abaixo

¹⁹⁹ EISENMAN, Peter. *Memorial aos Judeus Assassinados da Europa*. Lisboa, Portugal. Revista Arqa: Memórias Difusas, nº45, 2007, p. 51.

²⁰⁰ EISENMAN, Peter. *Memorial aos Judeus Assassinados da Europa*. Lisboa, Portugal. Revista Arqa: Memórias Difusas, nº45, 2007, p. 51.

²⁰¹ Tal definição não foi ideia original de Eisenman, mas sim praticamente uma imposição do governo alemão, que queria evitar quaisquer tipos de incidentes desagradáveis com relação à conservação das estelas; contudo, segundo João Yamamoto, a escolha da empresa Degussa como fornecedora do material anti-vandalismo causou intensa indignação pública, praticamente parando as obras. A Degussa havia

das estelas, dando-lhes fixação ao terreno, existe um tipo de malha que impede as mesmas de afundarem, e criam também ao visitante uma noção uniformidade abaixo dos pés. Além disso, o teto da “*Haus der Erinnerung*” (“Casa da Memória”), também abaixo das estelas, mostra claramente suas bases, fazendo com que os visitantes possam ter uma noção da topografia do terreno acima.²⁰²

O advento da estruturação de um Memorial referente à morte de milhares de judeus vítimas da perseguição nazista somente ocorreu devido à própria reunificação da Alemanha: diante das diferenças de interpretação e rememoração do passado das “duas Alemanhas”, um projeto de homenagem àqueles que pereceram no Holocausto e que, ao mesmo tempo, fosse destituído de ideologias inseridas no contexto da Guerra Fria, era uma situação praticamente impossível de acontecer. Em meados da década de 1980, Kohl, ainda na época Chanceler da Alemanha Ocidental, iniciou um processo de sondagem de políticos e representantes de diferentes segmentos sociais, com o intuito de averiguar a repercussão da idéia acerca da criação de um lugar de memória que fizesse referência não somente às vítimas do Holocausto, mas também de minorias que haviam tido indivíduos mortos por ordem da administração nazista em Campos de Concentração. Segundo Irène Kruse, o Parlamento em Bonn demonstrou que as ideias de Kohl enfrentariam grande resistência, e que as polêmicas envolvendo a temática das vítimas do Terceiro Reich ainda eram extensas na sociedade alemã.²⁰³

Uma das controvérsias mais ruidosas, e que encontrava repercussão em segmentos sociais dentro da Alemanha, e até mesmo fora dela, se referia ao que Norman Finkelstein definiu no final dos anos 1990 como uma “Indústria do Holocausto”: essa teoria baseia-se na idéia de que o extermínio sistemático de judeus pelos nazistas acabou transformado em uma representação ideológica, construída e reproduzida para

fornecido ao governo alemão durante o Terceiro Reich o gás Zyklon-B, pesticida largamente utilizado nas câmaras de gás dos Campos de Concentração. Apesar da grande polêmica, a empresa foi mantida como fornecedora, sob o argumento de que era praticamente impossível dissociar o empresariado alemão dos fatos ocorridos durante a guerra, e que a Alemanha deveria superar isso (YAMAMOTO, João. Entre Eisenman, Berlim e o Memorial. Dissertação de Mestrado. Área de Concentração: Design e Arquitetura. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014, pp. 222-223).

²⁰² Algumas projeções são realizadas exatamente no teto da “Casa da Memória”, possibilitando volumes e destaques diferentes a cada imagem ou documento reproduzido; para Eisenman, “o brilho das imagens e do texto iluminados pretendem desmaterializar as paredes, permitindo às estelas revelar-se como uma extensão topográfica do terreno” (YAMAMOTO, João. Entre Eisenman, Berlim e o Memorial. Dissertação de Mestrado. Área de Concentração: Design e Arquitetura. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014, pp. 222-223).

²⁰³ KRUSE, Irène. *Le Mémorial de L'Holocaust de Berlin*. Revista Vingtième Siècle, n° 67. Paris, França, 2000, pp. 21-32.

favorecer os interesses políticos e econômicos de Israel e, até mesmo, dos EUA.²⁰⁴ O autor, inclusive, vai mais além, ao defender a idéia de que o Holocausto somente passou a ser mais profundamente analisado durante a década de 1960, relacionando-se com as guerras a que Israel estava travando no Oriente Médio, com o cada vez maior apoio estadunidense: judeus influentes nos EUA estimulavam um auxílio mais significativo ao governo israelense e, para isso, não teriam se furtado em utilizar o Holocausto para angariar certa simpatia da opinião pública mundial para com Israel: até mesmo uma possível reedição da Solução Final, agora perpetrada por hipotéticas vitórias dos inimigos de Israel passaram a ser consideradas, tendo em vista tornar o Estado judeu.²⁰⁵ Nessas condições, segundo Finkelstein, havia-se maturado a ideia de uma “Indústria do Holocausto”, onde a caça a ex-nazistas, o número de mortos nos Campos de Concentração e Extermínio, e até mesmo a quantidade de sobreviventes teriam sido manipulados, e auxiliado Israel em seu processo de consolidação no Oriente Médio.²⁰⁶ Apesar de não negar em momento nenhum a existência do Holocausto, Finkelstein depreende outra interpretação acerca do mesmo, defendendo uma tese bastante contrária aos valores que teriam norteado aqueles que defendiam a criação de um lugar de memória na Alemanha para homenagear os judeus que sucumbiram na Solução Final.

As ideias de Finkelstein acabam por demonstrar as posições de partes da sociedade alemã, muito em voga até a reunificação, de que o Holocausto era um assunto por demais delicado, rico em temáticas correlatas e controversas, e que teriam na elaboração de um lugar de memória acerca do assassinato de milhões de judeus um possível esgarçamento do tecido social, já sob certa forma consolidado por anos de silêncio e esquecimento acerca da Segunda Guerra Mundial, além de não contribuírem em nada para uma pacificação social acerca do que havia ocorrido. Obviamente que está posição encontrava-se diametralmente oposta às opiniões de associações de vítimas, familiares e sobreviventes dos horrores do cárcere nazista, sendo que a miríade de opiniões que cercavam já o *Perspektive Berlin* foram exaustivamente debatidos seja na grande mídia, em organizações sociais, e até mesmo no Parlamento alemão.

Outra questão delicada com relação à elaboração de um Memorial às vítimas judias dizia respeito à própria cidade em que se estava pretendendo sua construção:

²⁰⁴ FINKELSTEIN, Norman. *A Indústria do Holocausto*. São Paulo. Editora Record, 2001.

²⁰⁵ FINKELSTEIN, Norman. *A Indústria do Holocausto*. São Paulo. Editora Record, 2001.

²⁰⁶ FINKELSTEIN, Norman. *A Indústria do Holocausto*. São Paulo. Editora Record, 2001.

Berlim. A capital da reunificada Alemanha é um dos centros urbanos mais importantes da Europa, além de possuir um simbolismo secular para o país; durante o período do Terceiro Reich, a cidade teve grandes marcos do regime, com diversas localidades sediando organizações ou estruturas em que o poder do regime era constantemente reafirmado. Após os acontecimentos traumáticos da Segunda Guerra Mundial, uma das estratégias mais utilizadas pelos governos das “duas Alemanhas” em Berlim, com relação ao “legado” nazista, foi a de remover sistematicamente os símbolos associados àquele regime: entretanto, essa ressignificação foi realizada tanto pela RFA quanto pela RDA de maneiras distintas.²⁰⁷ O local onde foi erigido o *Memorial aos Judeus Mortos na Europa*, apesar de situar-se em uma região densamente ocupada de Berlim, estava vazio ao início das obras, estando no meio de uma linha imaginária entre o Portão de Brandemburgo e o *bunker* onde Hitler se suicidou no final da guerra; a escolha desse local para a construção de um memorial ligado ao Holocausto foi um dos resultados do trabalho de décadas das autoridades alemãs com relação à ressignificação de vários marcos da cidade.

A importância dos processos de elaboração, debate e construção do *Memorial*, contudo, não eclipsam uma análise que foi muito discutida tanto por acadêmicos como pela grade mídia: a partir do momento em que ficou decidido o nascimento desse lugar de memória carregado de simbolismo, qual seria a forma que o mesmo teria? Após intensas argumentações, chegou-se à conclusão de que a criação de um memorial com tamanha carga de representatividade não poderia ser uma unanimidade, ainda mais pelo fato de materializar um lugar de memória sobre o Holocausto no país onde ele foi arquitetado. Embasando essa ideia, Andreas Huyssen afirma que as representações da morte de milhões de judeus seriam realizadas através de atos de vontade política, objetivando um compromisso com os valores democráticos, apesar de monumentos com esses fins correrem o risco de se tornarem com o passar do tempo mais um dos inúmeros testemunhos que acabam por cair no esquecimento.²⁰⁸ Karen Till corrobora essa tese ao defender que o *Memorial*, devido até mesmo por sua escala expressiva

²⁰⁷ Enquanto a Alemanha Ocidental, na maioria dos casos, reformou as estruturas remanescentes do Terceiro Reich danificadas, as colocando sob novas nomenclaturas, formatos e utilizações, diluindo assim gradativamente as trajetórias desses locais durante o período nazista; já a Alemanha Oriental foi extremamente drástica, destruindo muitos dos prédios que fizeram parte da administração de Hitler, e posteriormente edificando novos prédios, com nomes que faziam referência ao socialismo, e à luta contra o fascismo.

²⁰⁸ HUYSEN, Andreas. *Present Pasts: Urban Palimpsests and the politics of Memory*. Palo Alto, EUA. Editora Stanford University Press, 2003, p. 80.

dentro da cidade de Berlim, poderia com o passar dos anos a se tornar um local reconhecidamente de luto, enquanto que sua carga simbólica referente às atrocidades que ele mesmo representa se diluiria e por fim seria relegada a segundo plano.²⁰⁹

Apesar de todas as temáticas que envolveram os debates acerca da criação do *Memorial*, sua importância no contexto histórico alemão é inegável. O próprio *site* da instituição museal reconhece os processos que resultaram no espaço foram complexos, sendo necessários anos de amplas discussões com diferentes segmentos sociais, diferentes níveis de sessões parlamentares, e reflexões que auxiliaram até mesmo numa “auto-compreensão” da sociedade alemã sobre suas relações com o Holocausto.²¹⁰ Devido às mudanças que a cidade de Berlim havia passado durante o século XX, e os novos desafios nos quais a Alemanha se inseria após a reunificação, a ampla gama de argumentos favoráveis e contrários à existência de um memorial para as vítimas do Holocausto demonstrava um pouco dos que os alemães enfrentavam, com relação a seus processos de rememoração, esquecimento e silêncio acerca da Segunda Guerra Mundial: desde o final da década de 1980 até os dias atuais, os assuntos correlatos ao *Memorial* nos demonstram como a sociedade alemã tornou-se multifacetada quando faz referências as suas visões e opiniões sobre os atos do Terceiro Reich e no conflito bélico por ele deflagrado em 1939.

Uma análise mais pormenorizada do *site* do *Memorial aos Judeus Mortos na Europa* é extremamente enriquecedora para entendermos com mais profundidade todas as suas facetas e representações, seja em exposições, mostras ou até mesmo nos objetivos das informações ali transmitidas. O *site* é dividido em oito tópicos principais, onde cada um deles tem subdivisões que explicam uma faceta do *Memorial*, desde os primórdios da fundação do lugar de memória, até alguns dos folhetos explicativos acerca das exposições e mostras permanentes do local: em sua explanação inicial sobre a trajetória do espaço, o discurso oficial cita a complexidade dos processos que levaram à abertura do *Memorial* sem, contudo, explicitar ao menos alguns dos argumentos principais que foram colocados em lados opostos pelos seus defensores ou detratores

²⁰⁹ TILL, Karen. *The New Berlin. Memory, Politics, Place*. Minneapolis, EUA. Editora University of Minnesota Press, 2005.

²¹⁰ Disponível em: <<https://www.stiftung-denkmal.de/en/foundation/founding-chronology-of-the-foundation.html>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

durante as fases de todo o projeto.²¹¹ Podemos ter uma noção maior do alcance desses debates quando observamos interessantes itens contidos no *site*, como a “Carta de Intenções” e o ato normativo em que se baseiam o *Memorial aos Judeus Mortos na Europa*: além de especificar seus objetivos, meios de execução e organizações administrativas, esse tópico aponta que o documento oficial que deu início aos seus trabalhos, datado do ano 2000 (ou seja, vários meses antes de sua inauguração) foi modificado quase dez anos depois, em 2009, demonstrando que não somente houve a necessidade de mudanças para que o *Memorial* se adequasse às novas realidades que surgiram após o início de seu funcionamento, como também para atender aos anseios de uma sociedade alemã mais interessada e ávida em olhar para seu próprio passado.²¹²

O *site* do *Memorial* traz também algumas explicações sobre outros lugares de memória que, geograficamente, não ficam em um mesmo local, mas que fazem parte da mesma Fundação que cuida do *Mahnmal für die ermordeten Juden Europas*, e se conectam pelas temáticas correlatas com relação aos crimes perpetrados pelos nazistas com relação a minorias ditas indesejadas pelo regime; são eles o *Memorial aos Homossexuais* perseguidos sob o regime nacional-socialista, o *Sinti e Roma Memorial*, que retrata as perseguições sofridas pelos Ciganos e, o mais recente, o Memorial e “Ponto de Informação” das vítimas do nacional-socialismo que pereceram sob práticas de eutanásia preconizadas pelas autoridades nazistas, inaugurado em 2014. As sucintas explicações referentes a cada um desses lugares de memória auxiliam os visitantes a entenderem um pouco mais das temáticas relativas ao assassinato de milhões de pessoas pelo Terceiro Reich, seja no período da Segunda Guerra Mundial, ou anterior a ele.

O complemento a essas rápidas introduções no *site* do *Memorial* se dá no tópico de “Exposições”; nele, podemos entender com bem mais detalhamento como a concepção das mostras e informações é estruturada nas salas e instalações que compreendem aquele lugar de memória. O Centro de Informações, que existe abaixo do complexo de estelas na superfície do *Memorial*, é explicado através de um folheto informativo, traduzido em diversos idiomas (inclusive o português), para que os visitantes sejam introduzidos no conteúdo a que terão acesso. Dentro do Centro existem diversas pequenas mostras, que se comunicam a todo o momento, demonstrando

²¹¹ Disponível em: <<https://www.stiftung-denkmal.de/en/foundation/founding-chronology-of-the-foundation.html>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

²¹² Disponível em: <<https://www.stiftung-denkmal.de/en/foundation/the-foundations-charter.html#c1692>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

gradualmente como o cotidiano de milhares de famílias judias foi se modificando através da ascensão e consolidação do regime nazista na Alemanha. Existem no local algumas salas, que contem pequenas amostragens de informações, ilustrando didaticamente o visitante nos meandros da exposição: um exemplo se dá na chamada “Sala das Famílias”, onde quinze diferentes famílias de judeus das mais diversas nacionalidades, realidades sociais, culturais e até mesmo religiosas são apresentadas, e suas trajetórias são mostradas relacionando-se com a constante perseguição nazista, tendo por fim, na maioria das ocasiões, o perecimento de seus membros no Holocausto. Tornando ainda mais dramática a apresentação dessas famílias, algumas fotografias e documentos desses indivíduos são mostrados, humanizando ainda mais as dificuldades e o sofrimento pelos quais passaram durante seu martírio sob o jugo do nacional-socialismo.

Existem também no *Memorial* as Salas das “Dimensões” e dos “Nomes”: a primeira²¹³ aborda o quantitativo de pessoas que foram mortas pelo Terceiro Reich durante o Holocausto, nos mais variados países que foram invadidos pela Alemanha, ou que estavam sob sua influência durante a Segunda Guerra Mundial além de, através de fragmentos escritos das vítimas que mostravam adversidade de impressões sobre o que estava acontecendo. A “Sala dos Nomes”, na própria descrição do *site* do *Memorial*²¹⁴, seria a mais dramática de toda a exposição, pois a todo o momento exhibe em suas paredes e telas curtas biografias de alguns dos milhões de judeus assassinados ou desaparecidos, levando o visitante a conhecer com mais pormenores as trajetórias dos que pereceram durante o Holocausto.²¹⁵

A chamada “Sala dos Locais” talvez seja a mais impactante de todo o *Memorial*: nela, são exibidos pequenos filmes, documentários e fotografias que exemplificam a perseguição a que os judeus foram vítimas sob o jugo dos nazistas. Nesta Sala são apresentadas imagens de fuzilamentos, Campos de Concentração e Extermínio, guetos, locais de práticas de experimentos médicas, além das rotas das chamadas “Marchas da

²¹³ Disponível em: <<https://www.stiftung-denkmal.de/en/exhibitions/information-centre/room-of-dimensions.html#c1719>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

²¹⁴ Disponível em: <<https://www.stiftung-denkmal.de/en/exhibitions/information-centre/room-of-names.html#c1727>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

²¹⁵ A quantidade de biografias é tão extensa, que seria impossível para o visitante acompanhar cada uma delas durante o período dentro do *Memorial*: para isso, é disponibilizado na internet um *site* onde se pode ter acesso a milhares dessas pequenas histórias, além de angariar fundos para que os processos de elaboração e divulgação dessas informações possam ser constantemente atualizados com novas biografias.

Morte”. Segundo o *site*²¹⁶, há uma ênfase na exibição de registros dos maiores Campos, além de uma análise mais pormenorizada do massacre perpetrado por tropas nazistas em *Babi Yar*.²¹⁷ Até mesmo alguns áudios de sobreviventes e testemunhas das atrocidades nazistas são disponibilizados ao público, intensificando a experiência acerca do que realmente aconteceu naquele período.

Nas Salas seguintes, os visitantes podem ter acesso a informações sobre diversos lugares de memória espalhados pelo mundo, e que tem como ponto em comum tratar de uma ou várias temáticas correlatas ao Holocausto. Finalizando a visita, o público pode ter contato com os depoimentos de mais de cento e cinquenta sobreviventes, que rememoram suas histórias em entrevistas dadas para diferentes instituições durante a segunda metade do século XX. O *site* do *Memorial aos Judeus Mortos na Europa* ainda possui uma sessão onde são descritas algumas das publicações disponibilizadas pelo espaço para venda, com a renda sendo revertida para a manutenção de suas atividades.

Uma análise mais profunda das sessões de informações contidas no *site* do *Memorial* nos faz perceber algumas nuances interessantes para nosso estudo. O conteúdo é muito bem organizado e compartimentado, além de ser disponibilizado em sete idiomas diferentes, possibilitando que o acesso possa ter seu entendimento facilitado; há uma abundância de imagens em todo o portal, enriquecendo a apresentação dos textos, e contribuindo para que a imagética possa ser um importante complemento da linguagem escrita. Aqueles que acessam o *site* podem perceber que as mostras e exposições nos lugares de memória que compõem o *Memorial* são interativas, levando o visitante a todo o momento a poder acessar algum assunto que lhe interesse, não necessariamente existindo uma seqüência lógica para que a visita seja seguida; essa estratégia de descentralização das informações dentro do espaço museal é assaz interessante e estimulante, pois faz com que nenhuma visita seja igual à outra, já que cada indivíduo pode ter uma experiência diversificada ao ter contato com o que

²¹⁶ Disponível em: <<https://www.stiftung-denkmal.de/en/exhibitions/information-centre/room-of-sites.html#c1731>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

²¹⁷ *Babi Yar* é uma ravina nas proximidades de Kiev, capital ucraniana, e que passou à História recente como o local de um dos maiores assassinatos de judeus cometidos pelos nazistas durante a invasão da URSS. No final de setembro de 1941, milhares de indivíduos de origem judaica foram aprisionados pelos alemães em avanço pela Ucrânia, levados à *Babi Yar*, e fuzilados, tendo seus corpos sido jogados no fundo da ravina. Esse tipo de episódio se repetiu nos meses seguintes, ocasionando um dos maiores massacres da Segunda Guerra Mundial; somente após o final da URSS, a comunidade judaica da Ucrânia recebeu autorização do governo para erguer um lugar de memória em *Babi Yar*, para homenagear as vítimas daquela chacina.

cada Sala se propõe a mostrar, com suas linguagens particulares e métodos diferentes de se apresentarem ao público.

Apesar de seu importante papel dentro das linguagens utilizadas no *Memorial*, o *site* apresenta algumas lacunas no que se refere à própria existência da instituição museal. O *Mahnmal für die ermordeten Juden Europas*, desde os primórdios de sua concepção, se inseriu em profícuas discussões e debates que não somente abarcavam a existência ou não de um lugar de memória relativo ao Holocausto dentro da Alemanha: ele tornou-se uma representação exemplar de vários fatores que influíam nos processos de rememorações e esquecimentos da sociedade alemã acerca da Segunda Guerra Mundial, e das temáticas correlatas ao conflito. O movimento surgido na década de 1980 para a criação do espaço museal, e seus desdobramentos durante os anos seguintes, que culminaram na abertura do Memorial, nos demonstra como o tecido social alemão foi sendo modificado gradativamente com relação às memórias individuais e coletivas; no caso particular das relações dos indivíduos no país perante o Holocausto, os debates demonstram como essa temática é delicada, suscitando opiniões conflitantes e que em muitas oportunidades apontam como a Alemanha ainda não tem uma posição minimamente definida sobre como tratar as temáticas que envolvem o assassinato de milhões de pessoas resultantes das políticas genocidas do Terceiro Reich.

Andreas Huyssen, ao analisar as questões envolvendo a Alemanha e seu movimento de revisitação do passado, aponta que uma das alternativas encontradas pelo país para tratar desses assuntos que causam incômodos sociais, com relação à sua participação na guerra, seria a de se construírem lugares de memória como, por exemplo, monumentos e museus, para que representações do passado possam contribuir para mudanças na mentalidade da sociedade alemã. Alguns dos resultados esperados, segundo Huyssen, se refletiriam em discursos de redenção, que resultariam em uma possível reconciliação nacional, transformando a Alemanha em um país menos dispare e mais homogêneo com relação a abordagens ativas de seu passado, preterindo o esquecimento como algo não mais necessário.²¹⁸

As políticas governamentais alemãs pós-1989, com relação à memória, se inserem num contexto de um país que durante o século XX passou por transformações

²¹⁸ HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro. Editora da Universidade Cândido Mendes, 2000.

profundas, com novos referenciais emergindo em profusão, ressignificando antigos marcos, ou até mesmo os obscurecendo por completo. A identidade nacional alemã se flexibilizou notadamente após a reunificação, incorporando cada vez mais segmentos sociais diferentes entre si, e que cada vez mais buscam meios para se legitimar perante a sociedade. Os lugares de memória são excelentes meios para que identidades sejam solidificadas, informações sejam transmitidas e, não menos importante, para que processos de rememoração possam florescer. A memória do Holocausto seja através da abordagem do *Memorial aos Judeus Mortos na Europa*, ou de outros espaços dentro da Alemanha, é multifacetada e plurissignificativa, o que denota opiniões diversas não somente sobre o que deve ser abordado, mas também de que forma isso deve ser proposto ao público. O *site* do Memorial não demonstra uma participação muito efetiva de Associações de sobreviventes do genocídio nazista em seus processos de estruturação²¹⁹; tais organizações tiveram voz ativa em diversos debates durante a segunda metade do século passado com relação a lugares de memória criados sobre o Holocausto, principalmente na RFA. Mesmo na Alemanha Oriental, tais Associações demarcaram suas posições, apesar das dificuldades impostas pelo regime à liberdade de expressão: no caso do *Memorial de Sachsenhausen*, a ser visto a seguir em nosso estudo, até mesmo a ditadura socialista da RDA teve de rever algumas de suas intenções quando criou uma instituição museal no extinto Campo de Concentração que ali havia existido, por conta de críticas dessas representações.

As instituições que tratam de temáticas relativas à memória, nas quais o *Memorial* se insere, têm diversos meios para fazer com que processos de rememoração possam ocorrer; segundo Tzevetan Todorov, as formas de recuperação e, principalmente, de utilização das memórias são importantes, e devem ser diferenciadas para que se possa entender para que realmente objetivam. Uma de suas definições com relação a essa análise se dá através da memória exemplar, que não faria com que a identidade dos fatos ocorridos desaparecesse, mas sim estimularia que uma série de relações entre os acontecimentos pudesse ser concatenada, de maneira que, por exemplo, crimes cometidos em algum outro momento da História não se repetissem no presente, ou no futuro.²²⁰ Um dos objetivos mais incisivos das instituições que tratam das temáticas relativas ao Holocausto, seja na Alemanha ou em outras partes do mundo

²¹⁹ Inclusive, os textos contidos no *site* do espaço não têm nenhum tipo de indicação daqueles que os produziram.

²²⁰ TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Barcelona, Espanha. Editora Paidós, 2000.

é exatamente a prática relativa à rememoração dos fatos que ocorreram aos judeus sob jugo nazista, para que, não somente sejam lembrados e tenham sua memória registrada, como também para evitar que as gerações atuais e futuras incorram nos mesmos atos.²²¹

A própria concepção da nomenclatura da instituição museal, incluindo em seu bojo os judeus que pereceram no continente europeu, demonstra as intenções dos idealizadores do *Memorial*: não bastava ser um monumento nacional, mas sim um símbolo para toda a Europa. A culpa referente ao genocídio de milhões de pessoas durante a Segunda Guerra Mundial, ideia essa transmitida por gerações após o conflito, não faria com que os alemães se omitissem em abordar o Holocausto, algo que não ocorreu de maneira mais incisiva nas “duas Alemanhas”, mas que após a reunificação passou a se ter cada vez mais destaque na sociedade. Podemos, inclusive, apontar um dos fatores cruciais para que os alemães pudessem não somente após a guerra manterem-se razoavelmente coesos, mesmo que separados, como também revisitar seu passado buscando respostas sobre o que havia ocorrido, assumindo suas responsabilidades: o nacionalismo. Rudy Koshar defende a ideia de que a memória coletiva alemã somente pôde ser analisada mais profundamente, ao mesmo tempo em que esse movimento não causasse uma crise irreversível no tecido social, graças às noções de pertencimento dos alemães, baseadas em um profundo nacionalismo arraigado por séculos. A revitalização da rememoração do Holocausto após 1989 na Alemanha ocorreu, segundo Koshar, graças também à manutenção da identidade nacional, mesmo durante o período de existência das “duas Alemanhas”: isso não teria impedido que os indivíduos lembrassem o genocídio sofrido pelos judeus, mas, devido às políticas institucionais de cada Estado, essa rememoração ocorreu de diferentes formas e, não raramente, acabou sendo obliterada por processos de esquecimentos igualmente influentes, seja nos espectros políticos ou sociais.²²²

Os debates nos quais o *Memorial aos Judeus Mortos na Europa* se insere acabaram nas últimas duas décadas se coadunando com diversos posicionamentos de outros grupos que igualmente sofreram sob o Terceiro Reich: apesar de sua existência

²²¹ No caso da Alemanha isso se faz ainda mais necessário, já que movimentos de extrema direita como os neonazistas atuam de maneira ostensiva por todo o país; devido à grave crise política no Oriente Médio, milhares de imigrantes chegam à Alemanha, e manifestações contrárias às suas presenças ocorrem, em muitas oportunidades, sob a liderança de tais grupos.

²²² KOSHAR, Rudy. *From Monuments to Traces: Artifacts of Germany Memory (1870-1990)*. Los Angeles, EUA. Editora University California Press, 2000, p. 153.

ser pouco maior do que uma década, o *Memorial* acabou por ajudar a explicitar a experiência dos judeus com relação aos seus processos de rememoração e esquecimento do Holocausto, dando seu contributo à memória de outras minorias, tais como ciganos, homossexuais, etc. Tal fato enriqueceu a diversidade das narrativas propostas em outros lugares de memória criados e mantidos na Alemanha, ocasionando uma oxigenação nos debates acerca do papel de museus e memoriais na memória da Segunda Guerra Mundial, e de como seus múltiplos discursos inserem tais instituições na rememoração do passado, levando as reflexões até os dias atuais, onde as demonstrações de intolerância, preconceito e xenofobia estão cada vez mais presentes no cotidiano europeu e mundial.

3.4 - MEMORIAL AND MUSEUM SACHSENHAUSEN

O complexo de construções referentes ao *Memorial and Museum Sachsenhausen* está localizado na cidade de Oranienburg, centro urbano distante pouco mais de quarenta minutos de Berlim. Poucos meses após a chegada de Hitler ao poder, os nazistas aproveitaram as instalações de uma fábrica abandonada praticamente no centro de Oranienburg para servir de local de confinamento de opositores do regime (ou aqueles que os nacional-socialistas consideravam perigosos, tais como comunistas e membros de outros partidos políticos): segundo o *site* do *Memorial*²²³, cerca de três mil pessoas foram aprisionadas até o fim de suas atividades em 1934, com características que muito se assemelhavam aos Campos de Concentração do Terceiro Reich nos anos vindouros, incluindo-se encarcerados que pereceram em suas dependências.²²⁴ Em meados de 1934, a prisão de *Sachsenhausen* foi sendo gradativamente desativada, sendo seus prisioneiros transferidos para outras localidades no país; entretanto, após a chegada de Heinrich Himmler ao posto de Comandante das tropas *SS*, uma de suas primeiras iniciativas foi a de reativar a prisão, agora sob o feitiço de Campo de Concentração, em meados de 1936. As instalações foram inteiramente reformadas, para fazer com que *Sachsenhausen* se tornasse um “modelo” a ser seguido por outras instalações prisionais

²²³ A nomenclatura “*Sachsenhausen*” para o Campo de prisioneiros somente passou a ser dada pelos nazistas em 1936: entre os anos de 1933 e 1934, esse complexo prisional era conhecido somente como “Campo de Oranienburg”.

²²⁴ Disponível em: <<http://www.stiftung-bg.de/gums/en/>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

de toda a Alemanha²²⁵: com a radicalização do nazismo, o objetivo inicial de encarcerar prisioneiros políticos foi gradativamente ampliado para incluir minorias perseguidas durante o Terceiro Reich, já em 1938. A proximidade com Berlim fez com que prisioneiros importantes da capital do Terceiro Reich fossem constantemente transferidos para as dependências de *Sachsenhausen*, aumentando ainda mais a importância do Campo no sistema prisional alemão; todo tipo de crimes contra a integridade física e moral dos prisioneiros eram praticados nos corredores, salas e celas do complexo. Além disso, os encarcerados eram obrigados a trabalhar sob duras condições de sobrevivência em diversos setores do Campo, tendo em vista o auxílio na fabricação de itens para a *Wehrmacht*, antes e durante a Segunda Guerra Mundial. O início do conflito bélico viu a situação no Campo piorar ainda mais, fato esse acentuado pela chegada de novos prisioneiros advindos de outros países invadidos pela Alemanha: as condições de vida se tornaram atroz, e o assassinato em massa foi perpetrado pelos nazistas das mais variadas formas, seja através das câmaras de gás ou execuções utilizando armas de fogo. Segundo o *site* oficial do *Memorial*, somente em 1941, mais de doze mil prisioneiros de guerra soviéticos foram mortos durante os testes para a utilização de veículos e instalações que utilizavam gás para assassinar encarcerados no Campo.²²⁶

A derrocada alemã na guerra influenciou diretamente no cotidiano de *Sachsenhausen*: o ritmo do trabalho escravo aumentou consideravelmente, elevando também o número de prisioneiros que pereciam pelas péssimas condições de sobrevivência: em fins abril de 1945, o Campo tinha aproximadamente quarenta mil presos, entre homens, mulheres e crianças, além de oficiais das Forças Armadas aprisionados, de países inimigos da Alemanha. A iminente chegada de tropas soviéticas nas cercanias do Campo fez com que verdadeiras “Marchas da Morte” fossem coordenadas pelos alemães: aqueles fracos demais para caminhar, ou considerados perigosos pelos nazistas acabaram sendo executados no pátio do Campo. As condições atroz da caminhada, além da fome e do frio elevaram assustadoramente o número de óbitos: em determinado momento, os soldados alemães que escoltavam estes prisioneiros os abandonaram, e estes tiveram de buscar auxílio sozinhos. Os prisioneiros

²²⁵ O Campo de Concentração de *Sachsenhausen* foi concebido em um formato triangular, totalmente simétrico, e que com o passar do tempo teve sua estrutura imitada em outros Campos nazistas Alemanha afora (Disponível em: <<http://www.stiftung-bg.de/gums/en/>>. Acesso em: 07 mar. 2017).

²²⁶ Disponível em: <<http://www.stiftung-bg.de/gums/en/>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

que ficaram em *Sachsenhausen* foram encontrados pelos soviéticos em condições deploráveis e, apesar dos cuidados médicos, número expressivo deles acabou sucumbindo a meses ou até mesmo anos de provações. Segundo Roger Bordage, que foi interno de *Sachsenhausen* entre maio de 1943 a maio de 1945, aproximadamente duzentas mil pessoas estiveram presas em algum momento no Campo, das quais metade delas acabou perecendo, seja através das péssimas condições de subsistência, ou vítimas diretas de assassinatos perpetrados pelos nazistas.²²⁷

O final da Segunda Guerra Mundial, contudo, não fez com que as instalações de *Sachsenhausen* fossem completamente desativadas, muito pelo contrário. Ainda no ano de 1945 a União Soviética, através de seu Ministério do Interior, instalou no leste da Alemanha diversos Campos Especiais: eles foram usados principalmente para a realização dos processos de desnazificação. Neles, os suspeitos eram colocados em isolamento perante o restante da sociedade e poucos sabiam sobre o motivo de suas prisões: na maioria dos casos lhes era explicado que enfrentariam os julgamentos perante a justiça soviética e que teriam de aguardar os trâmites dos processos em reclusão. Não foram poucos os casos em que, buscando confissões, as autoridades soviéticas permitiam agressões físicas e torturas contra os acusados. Além de prisioneiros supostamente ligados ao nacional-socialismo, os Campos Especiais ainda serviam como locais de confinamento de cidadãos soviéticos que haviam sido prisioneiros durante a guerra na Alemanha e aguardavam o retorno à URSS. Segundo Anne Kaminsky, foram criados 11 Campos Especiais pelos soviéticos, que os instalaram exatamente nos mesmos locais onde, até pouco tempo antes, existiam Campos de Concentração e Extermínio nazistas. Eram espaços com uma infraestrutura prisional já pronta e isolados dos grandes centros urbanos, características fundamentais para se realizar a limpeza de milhares de pessoas ditas perigosas. Dentro dessa lógica soviética, *Sachsenhausen* não se encaixaria nas condições pré-estabelecidas para sediar um “Campo Especial”, por estar localizado praticamente no centro do perímetro urbano de Oranienburg; contudo, a estruturação das instalações e sua proximidade com Berlim fizeram com que o extinto Campo nazista fosse novamente utilizado, agora sob comando da URSS.

²²⁷ BORDAGE, Roger. *Sachsenhausen, un museo mal concebido*. Revista Museum Internaonal UNESCO. Paris, França, n° 177, vol. 15, 1993, p. 27.

Os prisioneiros dos Campos Especiais praticamente não tinham contato com o mundo exterior. Seus familiares ou quaisquer outras pessoas que buscavam por notícias dos detentos raramente tinham êxito. As condições de vida nesses campos eram difíceis, pois, numa época em que havia grande escassez de itens básicos de sobrevivência por toda a Alemanha, pouco restava para a manutenção de prisioneiros. Segundo o testemunho de um médico judeu sobrevivente dado à Kaminsky, “as condições de vida no campo soviético foram muito piores que no campo de concentração”.²²⁸ Outra testemunha desse período, também antiga prisioneira no Campo Especial de *Sachsenhausen* e também em depoimento à Kaminsky, afirmou ter sido violentada em diversas ocasiões, além de ter sido ameaçada de morte por soldados soviéticos durante seu período de cárcere, entre o final de 1945 e 1950.²²⁹

Durante o verão de 1948, o Campo Especial de *Sachsenhausen* foi rebatizado pelas autoridades soviéticas de “Campo Especial número 01”,²³⁰ mas suas atividades já ocorriam praticamente desde o mês de agosto de 1945: as instalações eram divididas em duas grandes zonas, onde na primeira se encontravam os civis que cumpriam suas penas, e os que ainda não tinham tido seus respectivos julgamentos. A segunda zona abrigava desde prisioneiros de guerra alemães (principalmente até o ano de 1946, quando passaram a ser maciçamente levados para a URSS, tendo em vista sua alocação nos campos de trabalhos forçados da Sibéria), até mesmo cidadãos soviéticos, que haviam sido prisioneiros de guerra dos nazistas, mas que haviam sido acusados pela URSS após o final da guerra de terem contribuído com os alemães.

O cotidiano do “Campo Especial número 01” era extremamente difícil para seus internos. A quantidade de comida era insuficiente, as instalações prisionais eram inadequadas, e as condições climáticas adversas faziam com que os problemas de saúde entre os prisioneiros fossem corriqueiros, e em diversas ocasiões, até mesmo mortais. Os abusos cometidos pelos guardas ocorriam a todo momento, sendo que nenhum tipo de legislação ou norma que viesse a proteger os internos foi definida pelos soviéticos. Alguns Campos Especiais, devido a sua subordinação ao Ministério do Interior da

²²⁸ KAMINSKY, Anne. *Campos soviéticos em Alemanha, 1945-1950: Museos Memoriales*. Revista História, Antropologia y Fuentes Orales. Barcelona, Espanha, nº 20, 1998, p. 110.

²²⁹ KAMINSKY, Anne. *Campos soviéticos em Alemanha, 1945-1950: Museos Memoriales*. Revista História, Antropologia y Fuentes Orales. Barcelona, Espanha, nº 20, 1998, p. 111.

²³⁰ Tal fato se deu pela diminuição dos processos de desnazificação praticados pelos soviéticos, que acabaram pouco a pouco desativando os Campos Especiais; mesmo assim, *Sachsenhausen* manteve-se ativo pelas autoridades soviéticas, agora sob uma nova nomenclatura.

URSS, eram administrados diretamente por um de seus órgãos mais temíveis, a Polícia Secreta da União Soviética (NKVD). No entanto, com o advento da fundação da socialista República Democrática Alemã (RDA), no final da década de 1940, o NKVD passou a desativar gradativamente as instalações dos Campos Especiais; no caso específico do “Campo Especial número 01”, oito mil prisioneiros de *Sachsenhausen* tiveram mudanças em suas situações após a desativação do Campo. Desse total, uma pequena parte foi levada para a URSS, rumo aos Campos de trabalhos forçados; cinco mil passaram a estar a partir daquele momento sob jurisdição da RDA, e o restante foi libertado, mas seus processos continuaram a tramitar no sistema judicial da Alemanha Oriental, ocasionando inclusive algumas condenações posteriores.²³¹

A desativação de *Sachsenhausen* acabou acarretando também o início de um processo de constante negligência das autoridades da RDA sobre o destino de suas instalações. Não era pequeno o fluxo de pessoas que iam ao lugar seja para visitá-lo, ou até mesmo sobrevivente da época nazista que observavam seu interior e rememoravam as agruras que haviam passado. Isso não impediu, todavia, que o interior daqueles espaços passasse por mudanças durante a década de 1950: entre os anos de 1952 e 1953, foram destruídos pela RDA os crematórios e locais de sepultamento do Campo, dando origem a locais para a prática de tiro das forças policiais de Oranienburg.²³² No ano de 1956 em diante, o Exército da RDA passou a utilizar os antigos escritórios da SS em *Sachsenhausen* para suas próprias atividades, algo que perdurou praticamente até o fim do país, em 1990. Após uma petição de diversos ex-prisioneiros, que queriam visitar os locais nos quais haviam sofrido, e uma constante pressão de outros países para que a RDA parasse os processos de remodelamento de *Sachsenhausen*, um dos setores do extinto Campo foi aberto ao público para visitação, algo que acabou servindo como a o embrionária para a possibilidade da cria o de um Museu ou Memorial no espaço prisional de outrora, que foi possibilitado através de uma campanha de arrecada o de donativos, gerando uma receita que permitiu a constru o de um Memorial em *Sachsenhausen*.

²³¹ Disponível em: <<http://www.stiftung-bg.de/gums/en/>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

²³² O desinteresse das autoridades da RDA pela preservação da memória do que havia ocorrido no Campo era tão grande que, após a destruição dessas instalações, foi autorizado que a população levasse consigo os materiais que lhes interessassem após a demolição (Disponível em: <<http://www.stiftung-bg.de/gums/en/>>. Acesso em: 11 mar. 2017).

Ao mesmo tempo em que ocorriam esses processos envolvendo o Campo da cidade de Oranienburg, outras localidades na RDA, que haviam sediado na época nazista Campos de Concentração e Extermínio, também passaram a ter uma maior atenção governamental: sítios como *Ravensbruck* e *Buchenwald* passaram a fazer parte de uma série de medidas governamentais que objetivavam não somente a rememoração da barbárie que havia ocorrido. Diante do acirramento dos ânimos mediante as dinâmicas conflitantes da Guerra Fria, a Alemanha Oriental passou a estimular a criação de memoriais em antigos Campos no seu território, para servirem também como potentes instrumentos de propaganda perante a população e à opinião pública mundial. Os visitantes que adentrassem os antigos Campos poderiam presenciar as estruturas físicas que levaram à morte milhares de pessoas, além de inevitavelmente terem contato com as informações e mensagens que o governo socialista alemão transmitia: o regime fascista que a URSS havia derrotado fora a causadora daquelas mazelas. A ideia largamente utilizada pela propaganda da RDA de identificar o fascismo com o capitalismo era contrabalançada pela inequívoca mensagem aos visitantes desses Memoriais: o capitalismo, através do fascismo, havia causado todo aquele sofrimento, mas, o socialismo capitaneado pela União Soviética havia libertado o mundo de tais ignomínias, e seria o caminho natural para que a humanidade pudesse se desenvolver dali em diante. Aproveitando-se da estruturação dos novos Memoriais sediados em antigos Campos de Concentração e Extermínio, a RDA lançava mão de artifícios propagandísticos para auxiliar no reforço da concepção e manutenção de seu regime político.

Após um longo período de maturação, o *Memorial Nacional de Sachsenhausen* foi inaugurado em 23 de abril de 1961, contando com a presença de mais de cem mil pessoas.²³³ As autoridades da RDA utilizaram a oportunidade para reafirmar o compromisso do Estado socialista com os valores anti-fascistas, além de comparar as iniciativas da construção de lugares de memória da Alemanha Oriental com as poucas iniciativas da RFA em tratar das temáticas relativas à Segunda Guerra Mundial em seu próprio território.²³⁴ O espaço expositivo do *Memorial* não se furtava em fazer claras

²³³ Disponível em: <<http://www.stiftung-bg.de/gums/en/>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

²³⁴ Um comparativo breve entre as “duas Alemanhas” sobre a existência de lugares de memória acerca do conflito que recentemente havia acabado demonstram as diferenças no tratamento das rememorações entre a RFA e a RDA: enquanto que na Alemanha Oriental, na época da inauguração do *Memorial Nacional de Sachsenhausen*, existiam três lugares de memória em antigos Campos, com rememorações e homenagens aos perseguidos, na Alemanha Ocidental não havia nenhum local com esse intuito. Um dos

analogias entre os trabalhos forçados dos prisioneiros do período nazista, e suas relações com a exploração do trabalhador pelo capitalismo: segundo o *site* oficial do *Memorial*, que dá sua versão sobre as intenções dos socialistas em relação àquele lugar de memória concebido, havia uma conclusão inequívoca dos visitantes após terem contato com a exposição de que o genocídio de judeus, ciganos, homossexuais, presos políticos, dentre outros, tinham maior relação com o capitalismo, do que ligações com aspectos racistas e antisemitas.²³⁵ Aliado a essa interpretação daquele passado recente, as autoridades da RDA tinham também, como interesse com relação ao Memorial, apresentar a RFA como sucessora direta do Terceiro Reich, contrapondo a visão de que a Alemanha Oriental era um Estado que defendia a liberdade e igualdade de direitos, e que lutava contra o capitalismo em todas as esferas possíveis.

A concepção expositiva do *Memorial Nacional de Sachsenhausen* não acompanhou, necessariamente, o traçado original das instalações do Campo na época nazista: um exemplo se deu no fato de que a parte da mostra que transmitia as informações relativas à história do local ficou sediada na antiga cozinha do Campo. Os planejadores e arquitetos responsáveis pela montagem da exposição modificaram também os locais de algumas antigas instalações, seja por motivos estéticos ou até mesmo para potencializar as mensagens que seriam passadas ao público.²³⁶ Até mesmo um tipo de anexo foi erigido perto das instalações do *Memorial*, para abrigar um espaço expositivo referente a um “museu da luta antifascista do povo europeu pela liberdade”: esse altissonante título explicava uma série de mostras, em divisões nacionais acerca de países que tinham tido algum tipo de resistência armada contra os nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.²³⁷ Após uma série de cobranças públicas de comunidades judaicas, a RDA organizou uma mostra sobre a resistência de judeus perante os nazistas,

primeiros memoriais com essas características concebidos na RFA, *Dachau*, somente foi inaugurado em 1965; inclusive, muitos meios de comunicação da RFA ao tomarem conhecimento da inauguração do Memorial Nacional de *Sachsenhausen*, o ignoraram, além de outros terem preferido apontar a existência dos “Campos Especiais Soviéticos”, comparando as vítimas do Holocausto com os prisioneiros que haviam perecido durante o período de cárcere soviético (Disponível em: <<http://www.stiftung-bg.de/gums/en/>>. Acesso em: 11 mar. 2017).

²³⁵ Disponível em: <<http://www.stiftung-bg.de/gums/en/>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

²³⁶ Um das torres de vigilância originais do Campo foi transferida de lugar, para que servisse de contraponto a um obelisco construído para a área expositiva, encimado por um grande triângulo vermelho, que mostrava aos visitantes o símbolo que os prisioneiros políticos encarcerados no Campo utilizavam; além disso, uma escultura que remetia à uma figura representando a liberdade foi colocada exatamente em frente à torre de vigilância mudada de lugar, tornando a linguagem imagética ainda mais impactante aos visitantes.

²³⁷ Por motivos óbvios, a área reservada para a mostra da URSS era bem maior do que a de outros países; havia também um setor reservado para a resistência que havia ocorrido dentro da Alemanha, e que foi identificada pela RDA como tendo sido organizada por socialistas e comunistas.

mas, perante outros espaços expositivos dentro do *Memorial*, tal iniciativa acabou não tendo grande repercussão.²³⁸

De uma maneira geral, os espaços expositivos dentro da RDA tinham funções amplas e diversificadas: com o *Memorial Nacional de Sachsenhausen* tal situação não se modificou, muito pelo contrário. As autoridades da Alemanha Oriental tinham o maior interesse em que o lugar de memória elaborado em Oranienburg fosse visitado pelo maior número de indivíduos possível, para que não somente pudessem ter acesso aos locais onde haviam ocorrido atos que faziam parte da História, como também eram alcançados pela propaganda do regime político de então. Para reforçar ainda mais tais objetivos, excursões escolares de todo o país eram organizadas para visitarem *Sachsenhausen*, além de datas comemorativas terem sido criadas para legitimarem as mensagens que o governo da Alemanha Oriental queria passar para seus cidadãos, e ao mundo todo; essas práticas comemorativas, segundo Rudy Koshar, acabaram ganhando contornos claramente antifascistas, reforçando a identidade do regime político não somente com o socialismo, mas também com a criação de um passado de lutas contra o fascismo e a opressão de regimes ditatoriais.²³⁹ Além dessas mensagens explicitadas em todos os locais do *Memorial*, a RDA tinha objetivos que ultrapassavam e muito a rememoração do que havia ocorrido em *Sachsenhausen* no tempo dos nazistas: ainda segundo Koshar, um dos participantes da inauguração do *Memorial* afirmou durante um discurso que aquele seria um “lugar santo”, que representava não somente o destino dos socialistas em sua luta contra quaisquer tipos de fascismos, mas também o compromisso de promoverem um desarmamento mundial abrangente, gerando assim uma duradoura paz internacional.²⁴⁰ Os ecos da Guerra Fria neste tipo de discurso são extremamente óbvios, e ultrapassam o sentido puro e simples de se fazer com que o *Memorial Nacional de Sachsenhausen* fosse somente um local de rememoração e homenagem àqueles que haviam perecido sob o Terceiro Reich.

²³⁸ Segundo o próprio *site* oficial do Memorial, as provações, sofrimentos e execuções a que os judeus presos em *Sachsenhausen* foram submetidos acabaram sendo relegadas à segundo plano nas exposições, dando lugar à propaganda anticolonialista defendida pelas autoridades da RDA (Disponível em: <<http://www.stiftung-bg.de/gums/en/>>. Acesso em: 11 mar. 2017).

²³⁹ KOSHAR, Rudy. *From Monuments to Traces: Artifacts of Germany Memory (1870-1990)*. Los Angeles, EUA. Editora University California Press, 2000, p. 190.

²⁴⁰ KOSHAR, Rudy. *From Monuments to Traces: Artifacts of Germany Memory (1870-1990)*. Los Angeles, EUA. Editora University California Press, 2000, p. 216.

As décadas seguintes não fizeram com que o *Memorial* em Oranienburg tivesse grandes modificações em sua estruturação, ou mesmo em seus objetivos. Os visitantes em diversas oportunidades adentravam o espaço do *Memorial* em grandes excursões, organizadas com a ajuda das autoridades, e que vinham de todas as partes do país. Durante os anos 1970 e 1980 Roger Bordage presenciou diversas visitas advindas dessas excursões: nas palavras dele, elas se assemelhavam muito com peregrinações²⁴¹ de cunho religioso, como se os locais visitados fizessem parte de algum tipo de lugar sagrado.²⁴² Insa Eschebach analisa os processos de criação de museus e memoriais em antigos Campos de Concentração e Extermínio como algo ligado à sacralização desses locais, com o passar do tempo: segundo a autora, os Campos haviam sido relegados a segundo plano após o final da guerra e, as iniciativas da RDA em criar lugares de memória em suas instalações, tornaram possível não somente a retomada de sua importância, mas também a criação de novos símbolos ligados à esses locais, permitindo que verdadeiras comemorações e apologias ao governo pudessem ser realizadas.²⁴³ As cerimônias realizadas em *Sachsenhausen*, praticamente até os estertores do regime, permitiram que um poderoso meio de propaganda pudesse ser utilizado pelas autoridades: ao mesmo tempo em que lembravam as agruras perpetradas pelo nazismo, e que tinham naquele lugar de memória um de seus maiores exemplos, atacavam o capitalismo e a RFA, mostrando aos visitantes que o socialismo preconizado pela Alemanha Oriental era representante legítimo da liberdade do ser humano, e que sua existência seria um baluarte dentro do contexto da Guerra Fria que então vigorava nas relações internacionais.

A derrubada do Muro de Berlim iniciou um processo que modificou radicalmente as concepções até então difundidas nos lugares de memória referentes aos Campos de Concentração e Extermínio criados na RDA. A reunificação alemã transformou dois Estados diferentes em um mesmo país, agora sob os auspícios do

²⁴¹ BORDAGE, Roger. *Sachsenhausen, un museo mal concebido*. Revista Museum Internaonal UNESCO. Paris, França, nº 17, vol. 15, 1993, p. 29.

²⁴² Bordage também foi ao *Memorial* no papel de guia para grupo de visitantes franceses, pra além de levá-los entre os diferentes espaços, dar seu testemunho de sobrevivente do período em que esteve internado no Campo; para ele, a maior dificuldade não teria sido somente apaziguar as diferentes emoções que advinham das visitas, mas não se deixar levar por nenhum tipo de ódio ou rancor, e mostrar àquelas novas gerações que aquilo que havia ocorrido em *Sachsenhausen* não poderia jamais ser esquecido (BORDAGE, Roger. *Sachsenhausen, un museo mal concebido*. Revista Museum Internaonal UNESCO. Paris, França, nº 17, vol. 15, 1993, p. 29).

²⁴³ ESCHEBACH, Insa. *Soil, Ashes, Commemoration: Processes of Sacralization at the Ravensbrück Former Concentration Camp*. Revista History and Memory. Indianápolis, EUA, nº 01, vol 23. Editora Indiana University Press, 2011, p. 134.

capitalismo e da democracia, fazendo com que as instituições museais por toda a Alemanha passassem por mudanças, desde suas concepções de existência, chegando até mesmo às características dos conteúdos de suas respectivas exposições e mostras, sendo que com o *Memorial Nacional de Sachsenhausen* não foi diferente. O início da década de 1990 trouxe um novo tipo de administração do espaço: em janeiro de 1993, o lugar de memória tornou-se parte integrante da Fundação Memorial de Brandemburgo, que possuía diversos espaços museais por toda a Alemanha. Esse instituto era financiado por entes públicos, tais como o próprio governo federal, e pelo Estado de Brandemburgo, fazendo com que *Sachsenhausen* continuasse a ser um lugar de memória público. Além das instalações provenientes da época da RDA, o *Memorial* passou a ter sob sua administração direta o *Museu da Marcha da Morte*, localizado numa região próxima de Oranienburg, e que tratava sobre o deslocamento forçado de muitos prisioneiros deslocados de *Sachsenhausen* pelas tropas alemãs, ante a chegada dos soviéticos em 1945. A incorporação desse espaço museal transformou também a nomenclatura do *Memorial*: a partir de 1993, o local passou a ser chamado de *Memorial e Museu Sachsenhausen*.

A remodelação do nome e da administração do espaço fez com que diversas modificações passassem, gradativamente, a serem realizadas, sob os auspícios de consideráveis financiamentos do governo federal da Alemanha: diversas instalações e espaços ainda da época da RDA foram extremamente modificados. Segundo o *site do Museu e Memorial Sachsenhausen*, as novas concepções das exposições baseiam-se em conceitos de descentralização, visando mostrar aos visitantes o que havia ocorrido dentro do Campo e, principalmente, onde de fato tais acontecimentos tiveram lugar. Aproximadamente treze diferentes mostras são realizadas por todo o complexo museal, explicitando diferentes temáticas que se correlacionam a todo o momento com as concepções principais do lugar; além disso, periodicamente ocorrem exposições temporárias, além de projetos educativos para escolares de todo o país.²⁴⁴ A incorporação da idéia de museu ao local modificou também a própria razão de ser do lugar: onde, durante o período da RDA, o *Memorial* era palco de diversas cerimônias e eventos, com poucas mostras tendo objetos da época nazista, o novo Museu passou a concentrar grande parte de seu trabalho na divulgação ao público de itens que fazem referência ao cotidiano do Campo de *Sachsenhausen*, além da incorporação ao acervo

²⁴⁴ Disponível em: <<http://www.stiftung-bg.de/gums/en/>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

de milhares de documentos, arquivos e imagens, adquiridos por todo o mundo, inclusive por meio das doações de outros espaços museais que detinham em seus respectivos acervos materiais que faziam referência direta às instalações localizadas na cidade de Oranienburg.

Durante o período de existência da RDA, as exposições e mostras em *Sachsenhausen* resumiam-se ao período em que o Campo havia sido utilizado pelos nazistas, não fazendo nenhuma referência aos anos em que havia existido o “Campo Especial” praticamente naquelas mesmas instalações. A reunificação alemã permitiu que uma análise retrospectiva das atividades daquele local fosse realizada, levando a descobertas que colocaram Sachsenhausen como um dos ícones de um debate nos meios culturais e sociais da Alemanha a partir da década de 1990.

Apesar da maioria da documentação relativa aos “Campos Especiais” ter sido levada para a Rússia após o colapso do governo socialista da Alemanha Oriental, uma série de estudos realizados no terreno que abriga as construções do espaço museal, e em suas imediações, permitiu que acampamentos, celas e outros indícios do período socialista fossem descobertos, trazendo provas contundentes ao grande público dos até então praticamente desconhecidos “Campos Especiais”. Aliados a essas novidades, uma série de sobreviventes e familiares das vítimas do período de detenção socialista passaram a contribuir para as lembranças sobre o período de sua existência através de depoimentos, seja através da imprensa ou para estudiosos e acadêmicos que passaram a se interessar cada vez mais pelas temáticas envolvendo *Sachsenhausen* no Pós-Guerra. A repercussão relativa à história das instalações em Oranienburg foi tão intensa que o governo federal alemão, durante os anos 1990, instaurou alguns inquéritos para esclarecer não somente o que havia ocorrido em *Sachsenhausen* durante o período do Terceiro Reich, mas também sobre as atividades dentro do “Campo Especial” que funcionou naquelas dependências após a Segunda Guerra Mundial.²⁴⁵

Segundo Andrew Beattie, tais investigações redundaram em conclusões até certo ponto surpreendentes, ainda mais para a opinião pública: as provas demonstraram que, dentre outras coisas, os chamados “Campos Especiais” praticamente não haviam

²⁴⁵ Ao mesmo tempo em que essas investigações eram realizadas, outros inquéritos foram paralelamente sendo trabalhados, e que acabaram resultando no auxílio a uma política cultural memorial criada na Alemanha após a reunificação, patrocinada principalmente pelo Estado, algo que não existia nem mesmo durante o período da Alemanha Ocidental.

servido para o propósito de desnazificação do final da década de 1940, mas sim como instrumentos de solidificação do regime socialista no leste da Alemanha, através de prisões arbitrárias, crimes contra a integridade de milhares de indivíduos, além da morte de muitas pessoas vistas pelo regime socialista como potenciais inimigas, mas que nem ao mesmo sabiam o motivo de seu cárcere, por não possuírem uma acusação formal e não poderem exercer sua defesa de maneira plena.²⁴⁶

O aprofundamento dos estudos relativos aos “Campos Especiais” da URSS no território alemão levou a análises pormenorizadas que, não somente tiveram impacto social e cultural, como também auxiliaram no processo de modificação dos alguns dos lugares de memória mais conhecidos do leste alemão como, por exemplo, *Ravensbrück* e *Sachsenhausen*. A Fundação Memorial de Brandemburgo criou uma comissão de estudiosos, com a ajuda do governo federal da Alemanha, para uma série de debates e discussões acerca da necessidade de remodelação das exposições e instalações de *Sachsenhausen*, tendo em vista principalmente a inclusão dos fatos ocorridos durante a existência do “Campo Especial”, e do período relativo ao governo da RDA. Essa iniciativa gerou intensa polêmica na opinião pública e, na cidade de Oranienburg, não foram poucas as manifestações de populares que colocavam nos muros do Museu papéis e cartazes expressando suas opiniões acerca do que estava acontecendo, e do que deveria ou não ser analisado.²⁴⁷

Ilustrando essa situação, Enrico Heitzer afirma que no ano de 1992, bem em frente à entrada do Museu, havia uma grande placa, de autoria desconhecida, com uma mensagem que, em linhas gerais, explicava que aquele lugar de memória havia sido projetado para lembrar as vítimas do nazismo, e daqueles que pereceram lá durante o governo ilegítimo da RDA, fato esse que somente foi mostrado ao grande público após a *Glasnost* e a *Perestroika*; por fim, os dizeres afirmavam que a remodelação do espaço se fazia urgente e necessária, e que já estava sendo preparada, para que os visitantes tivessem uma mínima noção de tudo o que havia ocorrido naquele local.²⁴⁸ Apesar das

²⁴⁶ BEATTIE Andrew. *Playing Politics with History: The Bundestag Inquiries into East Germany*. Nova York, EUA. Editora Berghahn Books, 2008.

²⁴⁷ Infelizmente, não foram poucos os casos em que esses artifícios faziam referências explícitas de apoio ao nazismo, provavelmente tendo sido perpetrados por movimentos neonazistas, que declaravam em muitas ocasiões que os soviéticos haviam matado dentro do Campo mais pessoas que durante o período do Terceiro Reich.

²⁴⁸ HEITZER, Enrico. *Dealing with multiple pasts: Conflicts and Memory Politics in the Sachsenhausen Memorial since 1989*. Revista The Journal of Social Policy Studies. Moscou, Rússia, nº 3, vol. 13, 2015, p. 496.

contribuições que ocorriam durante os processos de reforma da identidade de *Sachsenhausen*, os ânimos por vezes se acirraram, principalmente durante a segunda metade da década de 1990, quando diferentes associações de familiares e vítimas, seja da época do nazismo ou dos campos soviéticos, passaram a travar uma “guerra de palavras” pela primazia de terem seus testemunhos e versões colocadas na nova versão do Museu: ações foram movidas no sistema judiciário alemão, colocando em lados opostos associações como a “*Association of Sachsenhausen 1945-1950*”, que defendia os interesses de vítimas dos soviéticos, e outras em que aqueles que haviam sofrido as agruras do nazismo participavam.

Após anos de intensos debates e análises, em dezembro de 2001, foi inaugurado dentro do complexo de *Sachsenhausen* o *Museu da História sobre o Campo Especial Soviético*, fato esse já cercado de polêmicas, inclusive com protestos de algumas associações de vítimas que representavam tanto vítimas do Terceiro Reich, quanto da URSS. Segundo Gunter Morsch, uma das principais celeumas ocorreu uma semana antes da abertura desse novo lugar de memória: um membro do Ministério das Relações Exteriores alemão, mesmo sem ter estado em *Sachsenhausen*, afirmou para um veículo de imprensa russo que o novo *Museu* e suas respectivas mostras teriam como um de seus principais objetivos fazer com que os crimes cometidos pelos soviéticos durante sua administração do “Campo Especial” fossem considerados tão ou mais graves que as atrocidades cometidas pelos nazistas; tal fato gerou intenso constrangimento no governo da Alemanha e, mesmo não tendo argumentos de sustentação verossímeis, acabou repercutindo na sociedade²⁴⁹

Enrico Heitzer defende a idéia de que uma das motivações mais fortes que levaram a essas Associações, vítimas e familiares a se oporem às reformulações dos novos espaços museais de *Sachsenhausen* era uma vontade de não “misturarem” seus sentimentos e reminiscências entre aqueles que estiveram encarcerados nos dois Campos em períodos distintos. No caso das vítimas do Terceiro Reich, havia uma explicação plausível para esse fato: as Associações argumentavam que, nos “Campos Especiais” soviéticos, diversos prisioneiros eram nazistas que haviam cometido crimes e que, por esse motivo, não teriam o direito de se considerarem vítimas como eles

²⁴⁹ MORSCH, Gunter; REICH, Ines. *Soviet Special Camp n.º. 7 in Sachsenhausen (1945–1950)*. Berlim, Alemanha. Editora Metropol, 2005, pp. 481-482.

²⁴⁹ MORSCH, Gunter; REICH, Ines. *Soviet Special Camp n.º. 7 in Sachsenhausen (1945–1950)*. Berlim, Alemanha. Editora Metropol, 2005, pp. 481-482.

próprios. A própria existência de um Museu que tratasse especificamente do período entre 1945-1950 era vista com muitas ressalvas, pois poderiam, segundo tal visão, colocar lado a lado algozes e vítimas de diferentes épocas sob um mesmo espaço de representação de memórias.²⁵⁰ No lado oposto a essa linha argumentativa, aqueles de alguma forma vitimados pelos “Campos Especiais” defendiam que não somente ex-nazistas haviam sido presos naquelas instalações, mas também críticos ao regime socialista e outros indivíduos que não teriam tido nenhuma relação com o Terceiro Reich; para essas pessoas, o novo espaço de memória de *Sachsenhausen* era extremamente necessário, para mostrar ao mundo o sofrimento e as provações pelas quais haviam passado, além de exporem suas opiniões e reminiscências sobre aquele período.

Após a inauguração do *Museu da História sobre o Campo Especial Soviético*, os debates acerca de sua existência foram diminuindo um pouco de intensidade, com os visitantes tendo acesso ao complexo museal de *Sachsenhausen*, e podendo ter contato com as duas dinâmicas distintas acerca do que aquele local havia sediado em seu interior. Entretanto, no ano de 2006, uma nova discussão reacendeu os debates: uma das autoridades do Estado de Brandemburgo, em um discurso oficial durante as comemorações do sexagésimo primeiro aniversário de libertação do Campo de Concentração de *Sachsenhausen* equiparou, perante uma platéia majoritariamente formada por sobreviventes daquele período, o sofrimento deles com o dos internos dos “Campos Especiais”. A fala foi considerada ultrajante pelas Associações de vítimas do nazismo de toda a Alemanha, e a crise se estendeu inclusive ao governo de Brandemburgo: a autoridade que proferiu aquelas palavras teve sua renúncia pedida por alguns parlamentares, e até mesmo o Diretor da Fundação Memorial de Brandemburgo foi chamado ao Parlamento do Estado para explicações acerca dos conceitos que levaram às novas concepções das exposições em *Sachsenhausen*, tanto nos espaços relativos ao período nazista, quanto na época soviética²⁵¹

²⁵⁰ HEITZER, Enrico. *Dealing with multiple pasts: Conflicts and Memory Politics in the Sachsenhausen Memorial since 1989*. Revista *The Journal of Social Policy Studies*. Moscou, Rússia, nº 3, vol. 13, 2015, p. 497.

²⁵¹ Uma das principais argumentações do Diretor da Fundação foi a de que os novos conceitos preconizados em *Sachsenhausen* permitiam que uma descentralização pudesse ser feita, separando as diferentes fases dos espaços que formavam os museus e memoriais, mas não estimulando comparações acerca de cada representação histórica. As explicações foram consideradas satisfatórias pelo Parlamento estadual de Brandemburgo, mas a polêmica gerada por todos os desdobramentos do caso acabaram por enfraquecer as relações existentes entre as Associações de vítimas do nazismo e a administração dos

No início de 2009, a cidade de Berlim sediou um encontro que envolveu a participação de diversos comitês e associações de sobreviventes do Holocausto: a intenção era elaborar uma série de pareceres que, segundo seus objetivos, serviriam como base para uma espécie de legado relativo à memória dos crimes cometidos contra os judeus durante o Terceiro Reich. Uma das principais motivações para essa reunião se dava pela opinião de que muitos daqueles que haviam sobrevivido às provações dos Campos de Concentração e Extermínio já se encontravam em idade avançadas, e seus status de autênticas testemunhas dos crimes perpetrados pelos nazistas poderiam se perder após suas mortes. Após uma sucessão de debates, esse “legado passou a ter um formato mais definido e, dentre outros fatores, ficou estipulado pelos presentes desse encontro que não seria aceito pelas associações e comitês e sobreviventes quaisquer tipos de equiparações entre as vítimas do Holocausto com as dos “Campos Especiais”.

As declarações resultantes do encontro seguiram pelo caminho de rejeitar quaisquer tipos de homogeneizações com relação às memórias das vítimas relativas ao cárcere, sendo também categoricamente contrários à iniciativa da criação pela União Europeia de uma data comemorativa, o “Dia Europeu da Memória das Vítimas do Comunismo e Nazismo (que acabou sendo aprovada e celebrada no dia 23 de agosto, data em que o *Pacto Ribbentrop-Molotov* havia sido firmado em 1939, contribuindo sobremaneira para a deflagração da Segunda Guerra Mundial), sob o argumento de que haveria uma relativização da história, já que os fatos históricos seriam removidos de seus contextos: uma data como essa não levaria a nenhum tipo de memória positiva ou abertura de possíveis diálogos na sociedade, mas sim, traria lembranças que somente contribuiriam para a perpetuação do sofrimento das vítimas.²⁵² As controvérsias relativas ao *Memorial e Museu Sachsenhausen*, com o passar dos anos, foram oscilando entre momentos de calma e outros de embates ferrenhos entre diversos atores sociais que se vêem no direito de expor suas opiniões acerca do complexo museal, incluindo-se aí sobreviventes, familiares das vítimas e associações daqueles indivíduos que haviam sofrido as provações naqueles locais.

Museus em *Sachsenhausen* (MORSCH, Gunter; REICH, Ines. *Soviet Special Camp n.º 7 in Sachsenhausen, 1945–1950*. Berlim, Alemanha. Editora Metropol, 2005).

²⁵² INTERNATIONAL HOLOCAUST REMEMBRANCE ALLIANCE (IHRA). *Open Letter from the International Sachsenhausen Committee to the President and Members of the European Parliament*, Declaração de 11 de Novembro de 2011. Disponível em: <<https://clck.ru/9X8Me>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

A partir da década de 1990, a estruturação física das instalações que compreendem *Sachsenhausen* foi sendo gradativamente modificada, tendo em vista não somente uma modernização das mostras, mas também uma constante preocupação em adequar o espaço museal e as exposições às novas necessidades e anseios da população alemã com relação aos processos de rememoração de seus lugares de memória referentes ao Holocausto. O primeiro contato dos visitantes com o complexo museal em Oranienburg é feito através de um grande portão cinza logo na entrada do espaço: na recepção há uma vitrine com uma série de objetos que haviam pertencido a prisioneiros que pereceram no período do Campo de Concentração. A visitação pode ser feita seguindo a numeração das alas indicadas nos mapas distribuídos, ou adentrarem *Sachsenhausen* e irem explorando os espaços em quaisquer ordens. Muitas construções não foram reformadas, dando uma noção ainda mais realista das cores, formatos e padrões das construções dentro do Campo: alguns locais têm a entrada proibida, principalmente no que se refere a quartos onde os prisioneiros ficavam em beliches e espaços bem diminutos. Ao passar pela cozinha e banheiros, se tem o acesso à sala de experimentos médicos, largamente realizados principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, e que ocasionaram a morte de muitas pessoas, que depois tinham seus corpos simplesmente depositados em fossas coletivas ao redor do Campo, sem o menor cuidado com relação aos seus sepultamentos.

Uma das alas do museu que recebe mais visitantes se refere ao local onde ocorriam os fuzilamentos de prisioneiros. Nele, há um desnível tendo uma porta de madeira com muitas marcas de tiros, e que se abre dando acesso a uma pequena sala onde as vítimas aguardavam seu fim; nesse espaço, estão distribuídas rosas vermelhas que fazem referência aos mortos, além de diversas fotos de encarcerados que haviam ali sucumbido.²⁵³ Outra ala da exposição faz referência, através de módulos, à ascensão do regime nazista, através de imagens e depoimentos, e que tinha a contraposição constante de objetos que pertenceram a prisioneiros do Campo: a cada referência ao Terceiro Reich há, por exemplo, pijamas listrados ou trapos que faziam as vezes de calçados, demonstrando que as “glórias” do regime eram seguidas de perto por atrocidades cometidas em espaços de confinamento de judeus e outras minorias pelos nazistas.

²⁵³ A utilização de imagens de prisioneiros em todo o complexo museal do Campo de Concentração foi uma das principais modificações realizadas pela nova administração de *Sachsenhausen* tendo, dentre outros objetivos, a função de humanizar aquelas pessoas, transformando-as de simples numerações em histórias reais que auxiliassem os visitantes a entender mesmo que minimamente a dimensão do que havia ocorrido ali e durante o Holocausto.

O alojamento dos oficiais que comandavam *Sachsenhausen* tem espaços que podem ser visitados, ilustrando um pouco do que acontecia no cotidiano desses militares: registros dão conta, inclusive, que o Campo possuía um bar e até mesmo um prostíbulo para uso restrito de alemães durante seus períodos de folgas das atividades.²⁵⁴ Não muito distante desse alojamento está delimitado o espaço em que se localizava o crematório do Campo, onde milhares de corpos foram incinerados dia após dia e que, segundo depoimentos de sobreviventes, fazia com que *Sachsenhausen* tivesse constantemente um odor de difícil descrição.²⁵⁵ Além desses locais, o espaço referente ao Campo de Concentração tem uma sequência de mostras que fazem referência a diversos aspectos da vida dos prisioneiros como, por exemplo, as cozinhas onde eram preparadas suas parcas refeições, as barracas onde se abrigavam quando havia períodos de superlotação, torres de vigia, dentre outras. Por motivos de readequação do espaço museal, muitos desses locais não estão mais em seus terrenos de origem, mas tal situação é compensada através de uma farta oferta aos visitantes de imagens, vídeos, depoimentos e simulações digitais que auxiliam nos processos de compreensão da realidade do período.²⁵⁶

Além das instalações referentes à época do Campo de Concentração, há também o mais recente espaço museal criado, referente ao “Campo Especial”: nele, há um memorial às vítimas (expediente este utilizado também com relação aos que pereceram no Holocausto), e são oferecidas aos visitantes as possibilidades de visitarem as barracas que serviam de alojamentos aos presos, além de reproduções dos documentos que auxiliam a explicação da mostra relativa à cronologia do cárcere soviético no local. O *Memorial e Museu Sachsenhausen* possui espaços de preservação e disseminação da memória relativa ao local e, além disso, uma biblioteca e um arquivo²⁵⁷ onde são realizadas pesquisas com relação àquele lugar de memória, com a possibilidade dos visitantes também poderem acessar os documentos ali existentes através de um pedido prévio à administração: muito do que ali é pesquisado acaba sendo incorporado às

²⁵⁴ KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013.

²⁵⁵ BEEVOR, Antony. *Berlim 1945: A Queda*. São Paulo. Editora Record, 2004.

²⁵⁶ Disponível em: <<http://www.stiftung-bg.de/gums/en/>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

²⁵⁷ Mesmo que de maneira incipiente, o arquivo existente em Sachsenhausen hoje foi inaugurado ainda na época da RDA, em 1976, mas não era aberto ao público, o que somente veio a ocorrer alguns anos após a reunificação da Alemanha; somente a partir dos anos 2000, após a entrada em vigor de uma lei de Brandemburgo, o arquivo e seu teor passaram a Sr totalmente de domínio público. Disponível em: <<http://www.stiftung-bg.de/gums/en/>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

atualizações das mostras e exposições, fazendo com que o espaço museal possa ser constantemente atualizado, dinamizando assim suas informações.

A trajetória dos lugares de memória abrigados nos locais onde estavam sediados os Campos de Concentração de *Sachsenhausen* e, posteriormente, o “Campo Especial” soviético, nos serve como exemplo das mudanças pelas quais a sociedade alemã passou durante boa parte do século XX, além de ilustrar toda a diversidade de pensamentos referentes à memória sobre a Segunda Guerra Mundial que permearam o país até os dias atuais. As múltiplas interpretações pelas quais as instituições museais sediadas em Oranienburg tiveram através das décadas nos demonstram como os próprios alemães tinham dificuldades em definir, mesmo que de maneira básica, o que seria razoável relembrar sobre o conflito bélico que arrasou boa parte do país, e aquilo que deveria ser relegado ao esquecimento, sob as mais diversificadas explicações.

Uma situação expressiva com relação a essas nuances nos foi dada por Sarah Farmer: em seu estudo acadêmico realizado em meados da década de 1990, comparando as representações comemorativas das vítimas do stalinismo e do nazismo nos lugares de memória de *Buchenwald* e *Sachsenhausen*, ela afirma com relação ao último que, após a reunificação da Alemanha, a nova direção do museu enfrentou sérias dificuldades com relação a que temáticas oferecer ao público através das exposições, fato esse ainda mais salutar devido a queda expressiva no número de visitantes durante a primeira metade dos anos 1990. Até mesmo um questionário foi estimulado a ser respondido após as visitas ao museu, tendo em vista entender um pouco das motivações daqueles que lá estavam no local; ao contrário de tentar colocar perante o público determinadas interpretações da História, a administração do espaço museal o consultava diretamente, buscando orientações sobre como atender aos anseios dos visitantes.²⁵⁸

A própria comunidade que vive nas adjacências do complexo museal de *Sachsenhausen* é um microcosmo que demonstra a pluralidade de visões sobre aquilo que ocorreu nos Campos: Farmer aponta que a descoberta, no início da década de 1990, de uma série de covas daqueles que haviam morrido no “Campo Especial”, localizadas fora do perímetro do museu, geraram grande celeuma, pois moradores das proximidades colocaram uma série de cruzes de madeira como uma forma de homenagem aos mortos.

²⁵⁸ FARMER, Sarah. *Symbols that Face Two Ways: Commemorating the Victims of Nazism and Stalinism at Buchenwald and Sachsenhausen*. Revista *Representations*, nº 49. San Francisco, EUA. Editora University California Press, 1995, p. 109.

O que gerou a ira das Associações de sobreviventes do Holocausto foi o fato de que as cruzes tinham inscrições que faziam referência àqueles corpos como sendo de vítimas de Campos de Concentração: implicitamente, significava que os indivíduos sepultados estavam sendo equiparados às vítimas do Holocausto, mesmo não se sabendo os motivos e origens de suas estadas no Campo próximo.²⁵⁹

A pluralidade de representações da memória acerca da Segunda Guerra Mundial em *Sachsenhausen* é extremamente representativa do estudo a que nos estamos propondo. Após períodos em que as dependências prisionais localizadas na cidade de Oranienburg foram utilizadas por nazistas e, posteriormente, soviéticos e alemães orientais para seus fins, uma nova finalidade foi definida pelas autoridades da RDA: utilizar *Sachsenhausen* como um lugar de memória, obviamente coadunado com aquilo que o regime socialista acreditava ser importante para sua população. Locais como esse serviram como verdadeiros “santuários”, onde ocorria uma sacralização que denotava a intensa reafirmação do socialismo com único caminho possível para o desenvolvimento da humanidade: cada cerimônia realizada reafirmava o papel da Alemanha Oriental como Estado defensor dos valores que derrotaram o fascismo, tornando as lembranças do que havia ocorrido em *Sachsenhausen* meras instrumentalizações que tornavam, seguindo a lógica das autoridades, a Alemanha Oriental um país ciente de seus antecedentes, coeso no apoio ao regime político, e unido para enfrentar as provocações da Guerra Fria. Apesar das demonstrações de respeito às vítimas (dos nazistas, obviamente) e verdadeiras elegias à paz em cada cerimônia realizada no *Memorial* existente na RDA, o militarismo do Estado era latente, inclusive pelo caráter marcial das homenagens; quaisquer tipos de manifestações referentes ao período de *Sachsenhausen* entre 1945 a 1950 não eram sequer imaginadas, pois fatos que pudessem colocar o regime em situações delicadas estavam fora de cogitação no cotidiano da Alemanha Oriental. Somente com o gradual enfraquecimento do monopólio estatal sobre a memória coletiva do país, a partir da década de 1980, alguns espasmos de lembranças individuais ou até mesmo com certa expressividade coletiva passaram a ser vistos com um pouco mais de repercussão, mas nada que se assemelhasse a uma

²⁵⁹ Nesse caso, até mesmo ex-nazistas poderiam estar sendo erroneamente comparados aos vitimados pelos nazistas no período do Campo de Concentração (FARMER, Sarah. *Symbols that Face Two Ways: Commemorating the Victims of Nazism and Stalinism at Buchenwald and Sachsenhausen*. Revista Representations, nº 49. San Francisco, EUA. Editora University California Press, 1995, p. 111).

cultura memorial pluralista que somente após a reunificação passou a ser estimulada de maneira mais enfática.

A articulação da memória dos alemães através de locais como museus e memoriais foi se modificando com o passar do tempo, mas as exposições e mostras são importantes instrumentos para compreendermos com um pouco mais de profundidade as nuances que a Segunda Guerra Mundial representa na memória coletiva e individual de cada indivíduo na Alemanha. O *site* do *Memorial e Museu Sachsenhausen* tem subdivisões em sessões, com diversas informações sobre a história dos espaços, descrições sucintas sobre algumas das alas expositivas, além de fazer um balanço sobre sua própria trajetória, explicitando também um pouco do trabalho realizado em suas sessões de arquivos, documentações, e projetos pedagógicos. As explicações na maioria das vezes são resumidas, e nos dão uma boa noção dos fatos que foram desencadeando as mudanças na configuração de seu espaço museal, fazendo inclusive alguns balanços sobre a própria atuação da instituição no decorrer dos anos.²⁶⁰

Podemos perceber, entretanto, algumas limitações inclusive no próprio discurso oficial do *Memorial e Museu Sachsenhausen* através de seu *site*; coincidentemente ou não, novamente os assuntos relacionados ao “Campo Especial” são tratados de maneira no mínimo conflitantes com a realidade de relatos, documentações e pesquisas referentes ao cotidiano daquele período. Um exemplo desse fato se dá na própria descrição dos lugares de memória referentes ao “Campo Especial” feita pelo *site*: nela, é apontado que estiveram abrigados em suas instalações cerca de sessenta mil pessoas durante seu período de funcionamento, além de explicitar que as mostras e exposições perpassam inclusive as temáticas envolvendo a morte de cerca de doze mil indivíduos.

Todavia, ao destacar esse ponto, o *site* afirma categoricamente que tais infortúnios ocorreram por fome ou doenças, abstraindo totalmente o perecimento das vítimas que sucumbiram perante sessões de tortura, assassinatos, ou quaisquer outros tipos de crimes que atentaram contra a integridade humana. Os estudos de autores como, por exemplo, Anne Kaminsky, põem em xeque exatamente este tipo de visão distorcida e monolítica da realidade, contrabalançando o discurso oficial até mesmo da

²⁶⁰ Apesar da preocupação da administração de *Sachsenhausen* em explicar o maior número possível de informações a seus visitantes, um dos poucos campos do *site* da instituição onde não há nenhum tipo de descrição, mesmo uma frase sequer, é o que se refere às instalações do museu referentes ao “Campo Especial” da época soviética.

própria instituição museal que se apresenta como uma das principais representantes da salvaguarda e disseminação da memória relativa ao “Campo Especial”.²⁶¹

Os debates e discussões relativos à *Sachsenhausen*, tanto na sociedade alemã quanto nos meios acadêmicos fazem parte de um amplo quadro de diversificação dos discursos de rememoração acerca da Segunda Guerra Mundial na Alemanha pós-reunificação. As análises sobre outros lugares de memória relativos às temáticas correlatas ao conflito bélico, cada vez mais, tornam os lugares de memória ícones para que os alemães tenham contato com seu passado nem tão distante, e que ainda se reflete de maneira indelével no cotidiano do país. A continuidade dessas abordagens possibilitará não somente uma oxigenação dos mecanismos e processos de rememoração do período da guerra, mas também auxiliará em possíveis definições acerca dos meandros e articulações pelas quais os discursos individuais, coletivos e oficiais dentro da Alemanha se desenvolveram com o passar das décadas, emergindo de maneira multifacetada atualmente, com uma riqueza de abordagens e profundas renovações até então inéditas dentro do tecido social alemão.

Devido à sua grande importância dentro desse diversificado contexto, *Sachsenhausen* emerge como um espaço museal rico em informações e interpretações, gerando não somente debates como também polêmicas; contudo, uma de suas principais funções vem sendo exercida desde o início de seu processo de reformulação, no início da década de 1990: a de lugar de memória reconhecidamente instituído e legitimado como um dos símbolos de um período que muitos alemães gostariam de esquecer, mas que cada vez mais indivíduos se esforçam pra lembrar e, principalmente, legar às futuras gerações como um exemplo de bestialidade humana que deve ser evitada de ocorrer novamente.

²⁶¹ Disponível em: <<http://www.stiftung-bg.de/gums/en/>>. Sessão “*Exhibitions*”. Acesso em: 24 mar. 2017.

CONCLUSÃO

A Segunda Guerra Mundial, durante seus mais de cinco anos de duração, causou milhões de mortes entre civis e militares, isso sem contarmos feridos, mutilados, ou aqueles com danos de ordem psicológica permanente. Além da quantidade exorbitante de vítimas, a destruição material ocorrida a diversos países, principalmente na Europa e na Ásia, fez com que a geopolítica mundial após o conflito tivesse uma modificação abrupta, com a emergência de duas grandes potências, EUA e URSS, e o ocaso de impérios seculares.

No caso da Alemanha, o conflito tem influências até os dias atuais. O país foi dividido em duas partes, adversárias no contexto da Guerra Fria, e somente a partir de 1989 os germânicos puderam novamente transitar pelo leste e oeste do território alemão sem nenhum tipo de muro ou barreira dificultando e impedindo sua locomoção. A participação do país na Segunda Guerra Mundial pode ser analisada através de diversos pontos de vista, mas dificilmente algum deles estará isento de ações que causaram sofrimentos, privações, destruições ou mortes; tais atividades contaram com o apoio de grande parte da população durante todo o período de governo nazista e, mesmo com a aproximação da derrota total perante os inimigos, muito pouco foi feito para modificar a situação ou depor Hitler.

Além das consequências práticas acerca do conflito bélico, os alemães tiveram de enfrentar no imediato Pós-Guerra algumas questões que até hoje tem repercussões, sejam no campo social, ou até mesmo na estruturação das instituições do país; uma das mais salutares diz respeito aos processos de rememoração da Segunda Guerra Mundial na Alemanha. As memórias coletivas e individuais foram profundamente influenciadas por fatores que transitavam desde a participação de cada pessoa na guerra, até os traumas causados nas vítimas de crimes perpetrados pelos nazistas durante o conflito que, dentre outros resultados, acarretou a morte de milhões de pessoas dentro dos mecanismos utilizados para o extermínio de judeus, por exemplo. O simples ato de relembrar os acontecimentos do período da guerra acabou sendo acompanhado de perto por ações de esquecimento e silêncio por grande parte dos alemães: tais atitudes, dentre outros resultados, contribuíram sobremaneira para a criação, consolidação e

disseminação de um sentimento de culpa generalizada pelo que havia ocorrido no conflito, marcando definitivamente as lembranças e opiniões de milhões de pessoas no Pós-Guerra.

A divisão da Alemanha em porções ocidental e oriental acabou por auxiliar o enfraquecimento e a divisão dos mecanismos de rememoração acerca da Segunda Guerra Mundial. Aqueles alemães, tanto da RDA quanto da RFA, que preferiram esquecer o que havia ocorrido pelas mais diversas motivações, acabaram por encontrar estofos em tecidos sociais esgarçados pela guerra, e que buscavam se remodelar tendo em vista sua inserção nas novas relações sociais após o conflito. Como demonstramos em todo nosso estudo, milhões de alemães passaram a se omitir com relação às memórias do que haviam passado, encontrando no esquecimento e no silêncio estratégias que permitiram enfrentar as provações do Pós-Guerra, e prosseguiram com suas vidas. Após as medidas de desnazificação, efetuadas nas zonas ocupadas pelos Aliados, e que tiveram influência na formação da mentalidade dos cidadãos nos dois novos Estados, alguns dos resultados acabaram por ter efeitos colaterais na formação das memórias coletivas e individuais da população. O advento da Guerra Fria veio a consolidar esse quadro, com as autoridades das “duas Alemanhas” estimulando, com vistas à pacificação social certo esquecimento do que havia ocorrido na guerra, para que os novos Estados pudessem se consolidar sem dissensões que pudessem colocar em risco o equilíbrio interno de cada um. Esse fato foi tolerado supostamente por parte dos alemães e, aqueles que tentaram relembrar o que ocorrera e expor suas opiniões sobre isso, acabaram na maioria das vezes sendo desencorajados de prosseguir. Entretanto, esse esquecimento tão disseminado nos dois novos países, acabou também gerando resultados incômodos como, por exemplo, a reinserção de antigos nazistas em órgãos da administração pública, privada, e nas relações sociais cotidianas.

O passar dos anos para os alemães acabou por aprofundar os mecanismos de silêncio e culpa tanto individuais quanto coletivos, com relação aos crimes cometidos pelos nazistas durante o Terceiro Reich e, principalmente, durante a Segunda Guerra Mundial. A análise feita por esse estudo nos demonstra que as manifestações de rememoração defendidas como legítimas nas “duas Alemanhas”, eram acompanhadas de interesses muitas das vezes puramente políticos e ideológicos, principalmente no caso da RDA, que não se furtou em explorar as reminiscências de cidadãos que haviam sofrido barbáries sob o jugo nazista, para fins de propaganda do regime. No caso da

Alemanha Oriental, um dos instrumentos mais persuasivos utilizados para que houvesse um resgate do passado, mas que ao mesmo tempo servisse aos propósitos socialistas do país foi a criação de memoriais e museus. A conceituação de Pierre Nora com relação aos lugares de memória coaduna-se com a ideia de que quanto menos se tem uma rememoração individual ou coletiva solidificada, mais se necessita da existência de suportes externos, que teoricamente supririam essa ausência.

Ainda sobre a existência dos lugares de memória, Nora defende que estes são “sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos idênticos”,²⁶² algo buscado incessantemente pelas autoridades da RDA, visando uma homogeneização social que reforçasse as bases de apoio ao regime. Tendo em vista tais objetivos, diversos lugares de memória foram criados na Alemanha Oriental, baseando suas existências em uma identificação com valores antifascistas, tão em voga dentro das concepções de memória da RDA em relação à Segunda Guerra Mundial. Rudy Koshar inclusive aponta que tamanha era a preocupação das autoridades da Alemanha Oriental em realizar esse trabalho, que no ano de 1955 um órgão governamental²⁶³ foi criado especialmente para que memoriais em antigos Campos de Concentração como *Ravensbrück*, *Buchenwald* e *Sachsenhausen* fossem erigidos, sendo que esses três locais se tornaram angulares no esforço para que a construção de uma memória coletiva na RDA pudesse ser realizada a contento.²⁶⁴

Alguns pontos basilares das principais exposições e mostras referentes ao Holocausto, por exemplo, em *Sachsenhausen*, foram analisadas em nosso estudo, demonstrando que as visões sobre o conflito disseminadas dentro da RDA correspondiam diretamente aos anseios do governo, através de propagandas do regime, exaltação ao socialismo, ojeriza ao capitalismo, e estímulos à construção de uma memória coletiva e individual que deveria não somente corroborar a ideia de culpa

²⁶² NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, nº 10, 1993, p.13.

²⁶³ Esse setor era formado por funcionários do governo, membros de organizações juvenis e representantes de setores culturais da sociedade que se reuniam para definir onde e o que deveria ser disseminado para a população como exemplo de memória da guerra. Segundo Koshar, três diretrizes em quaisquer tipos de museus e memoriais dentro da RDA deveriam ser respeitadas: o combate ao fascismo e ao “capitalismo monopolizador”, resistências contra a perseguição ao socialismo e, por fim, a libertação e educação através do conhecimento histórico, obviamente sob as vertentes do socialismo (KOSHAR, Rudy. *From Monuments to Traces: Artifacts of Germany Memory (1870-1990)*. Los Angeles, EUA. Editora University California Press, 2000, pp. 207-208.

²⁶⁴ KOSHAR, Rudy. *From Monuments to Traces: Artifacts of Germany Memory (1870-1990)*. Los Angeles, EUA. Editora University California Press, 2000, pp. 207-208.

generalizada na sociedade alemã pelo que havia ocorrido na guerra, como também identificar e enaltecer a resistência daqueles quem em muitas oportunidades se sacrificaram na luta contra o nazismo, e que se tornaram baluartes para a Alemanha Oriental.

Um dos principais conceitos que nortearam toda nossa análise foi discutido, sob o prisma de acadêmicos e intelectuais: a culpa disseminada através de gerações sobre os crimes cometidos durante a Segunda Guerra Mundial pela Alemanha. O fato de grande parte da população, já no imediato Pós-Guerra, ter utilizado os mecanismos do silêncio e do esquecimento como formas de se eximir das atrocidades cometidas pelos nazistas, não modifica o fato de que os crimes foram cometidos, e que tiveram consequências funestas. Karl Jaspers, ao trabalhar as noções da culpa alemã²⁶⁵ afirma que, ao se analisar mais profundamente essa temática, não se pode ter dúvida alguma acerca do fato de que cada alemão é culpado, de alguma forma, sobre os crimes cometidos pelo Terceiro Reich.²⁶⁶ Baseado nessa teoria, Jaspers defende que as noções de culpa de toda a população alemã se adequariam dentro de uma das quatro categorizações a que ele se propõe: em relação à culpa moral, o autor defende que a maioria, mesmo em seu entorno ocorrendo crimes terríveis, manteve seu cotidiano praticamente inalterado, ou seja, como as motivações para tal eram individuais, somente perante sua própria consciência moral deveria haver uma prestação de contas sobre o que ocorrera.²⁶⁷

Outro tipo de culpa definida por Jaspers, a criminal, deveria recair sobre uma parcela diminuta de indivíduos já que, diante do total da população, o número daqueles que realmente estavam inseridos no grupo daqueles que cometeram crimes das mais diversas espécies, era ínfimo. Entretanto, a culpa política recairia sobre todos os cidadãos, pois o regime nazista perdurou por doze anos no poder, sem que houvesse um efetivo movimento de oposição ao governo: o consentimento de milhões de alemães ao regime teria permitido que as perseguições a minorias fossem políticas de Estado, e que a guerra fosse deflagrada, com as consequências que ocorreram depois. Diante de tal quadro, para Jaspers, cada alemão deveria sofrer após o término do conflito perante o

²⁶⁵ O autor alemão defende que existem quatro diferentes tipos de culpa, aos quais os alemães se inserem, com relação aos crimes perpetrados pelo nazismo: política, moral, criminal e metafísica (JASPERS, Karl. *El problema de la culpa: sobre la responsabilidad política de Alemania*. Barcelona, Espanha. Ediciones Paidós, 1998.

²⁶⁶ JASPERS, Karl. *El problema de la culpa: sobre la responsabilidad política de Alemania*. Barcelona, Espanha. Ediciones Paidós, 1998, p.89.

²⁶⁷ JASPERS, Karl. *El problema de la culpa: sobre la responsabilidad política de Alemania*. Barcelona, Espanha. Ediciones Paidós, 1998, p.89.

efeito dos atos que eles mesmos teriam no mínimo apoiado, expressa ou tacitamente.²⁶⁸ Por fim, Karl Jaspers define que haveria também uma culpa metafísica, onde o indivíduo analisaria o que havia ocorrido, reconheceria os erros cometidos, e poderia alcançar uma transformação que haveria, dentre outros resultados, evitar que no futuro as mesmas ações fossem repetidas.²⁶⁹

Diante da explanação de idéias de Jaspers, procuramos apontar que há uma noção de culpa coletiva entranhada na população da Alemanha com relação à Segunda Guerra Mundial: o autor alemão defende que, além da identificação de cada indivíduo sobre sua participação nos eventos relativos ao Terceiro Reich, somente a expiação dessa culpa levaria o país ao reerguimento de suas instituições e à recuperação de seu tecido social. Jaspers também defende que seria um erro imputar somente no ente coletivo as responsabilidades sobre os crimes cometidos pelos nazistas: a autoconsciência seria primordial para que os espectros referentes aquele período da história alemã pudessem ser finalmente ultrapassados. Contudo, como demonstramos em todo este trabalho, os mecanismos de rememoração, esquecimento e silêncio com relação à Segunda Guerra Mundial na Alemanha foram influenciados por diversos fatores, sejam eles de ordem pessoal, coletiva e até mesmo governamental, tendo em vista dentre outros objetivos a restauração da ordem social, a reestruturação das instituições no período de formação da RFA e RDA, além das tentativas de aglutinar em um mesmo tecido social aqueles que haviam cometido crimes durante o Terceiro Reich, aqueles que no mínimo tinham sido passivos durante a ocorrência das infrações (ou seja, grande parte da população), e as vítimas e suas famílias.

Durante nosso estudo, abordamos as temáticas correlatas do antissemitismo na Alemanha durante o Terceiro Reich, e o período do Holocausto. Diante da análise de uma ampla gama de autores e estudiosos que trabalham com esses assuntos, procuramos salientar que as ideias antissemitas não surgiram no país germânico com a ascensão do nazismo: Hitler e seu aparelho partidário se aproveitaram de sua existência na sociedade, algo que remontava ao século XIX, para expandir seu alcance como uma política de Estado, e aprimorar os mecanismos de repressão e perseguição para algo que acabou redundando na Solução Final, durante a Segunda Guerra Mundial.

²⁶⁸ JASPERS, Karl. *El problema de la culpa: sobre la responsabilidad política de Alemania*. Barcelona, Espanha. Ediciones Paidós, 1998, p.89.

²⁶⁹ JASPERS, Karl. *El problema de la culpa: sobre la responsabilidad política de Alemania*. Barcelona, Espanha. Ediciones Paidós, 1998, pp.89--90.

Autores como Hermann Lübbe, Ralph Giordano e Francisco de Toro Muñoz defendem que os alemães se calaram diante da prática das atrocidades cometidas pelos nazistas e, além disso, também preferiram silenciar-se até mesmo sobre a memória das mesmas. Tal situação não somente trouxe certo esquecimento sobre as lembranças sobre o Holocausto, como também permitiu, mesmo que de maneira indireta, o retorno de antigos nazistas ao convívio social no período do Pós-Guerra, nas “duas Alemanhas”, devido às necessidades dos dois países principalmente de mão de obra especializada para a administração de algumas de suas instituições. Este fato, dentre outras consequências, trouxe uma noção de certa impunidade com relação àqueles que cometeram crimes muitas vezes hediondos, antes e após a guerra; para as vítimas, principalmente judeus, a disseminação na sociedade alemã de certa ignorância sobre a existência e finalidade dos Campos de Concentração e Extermínio, trouxe ainda mais sofrimento, pois o retorno ao tecido social, tomado por partidários do esquecimento e silenciamento sobre o que havia se passado, não auxiliou em nenhum momento os processos de lembrança do Holocausto, o que somente viria a se modificar a partir da década de 1960. Como afirma Michael Pollak, os judeus continuaram a se calar após voltarem dos Campos, para que sua inserção novamente na sociedade alemã pudesse ser minimamente facilitada.²⁷⁰

Abordamos durante este estudo também as visões que os alemães tiveram do conflito bélico, mas no papel de vítimas. Autores como Winfried Sebald²⁷¹ apontam que algumas temáticas enfrentadas pelos alemães durante e após a guerra, acabaram sendo incluídas nas noções de esquecimento e silêncio sobre o que havia ocorrido. Esses tabus sociais, que incluíam desde indivíduos que haviam sofrido com toda sorte de bombardeios realizados pelos Aliados sobre a Alemanha, até vítimas de estupro e prisioneiros de guerra, acabaram por ter seus processos de lembrança afetados diretamente pelas noções de culpa coletiva sobre o conflito, além de não encontrarem estímulo nem mesmo em seu seio familiar para descrever suas impressões.

²⁷⁰ POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n.º 3, vol. 2, 1989.

²⁷¹ SEBALD, Winfried Georg. *Guerra Aérea e Literatura*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2011.

Algumas noções são basilares em nosso trabalho, sendo uma das mais importantes as referentes aos lugares de memória, defendidas por Pierre Nora²⁷². Ao trabalharmos com a temática das memórias e representações da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto em museus e memoriais alemães, a conceituação do autor francês se torna crucial, ao entendermos que esses espaços museais têm como um de seus objetivos precípuos serem locais onde as pessoas podem ter contato com seu passado, fazendo uma ligação direta entre a História e a Memória. No escopo de nossa análise, os lugares de memória são fontes inesgotáveis para entendermos os mecanismos de rememoração de uma sociedade, não somente com relação aos fatos já ocorridos, mas também ao modo como eles são tratados e abordados nas mostras e exposições: estas, dentre outras situações, nos demonstram como uma temática é apresentada ao público, mas, tão importante quanto podemos apreender também de suas informações aquilo que foi preterido, nos levando a conjecturar as razões para isso. O silêncio, em diversas oportunidades, explica aquilo que muitas palavras não definem.

Os lugares de memória também dialogam com outras conceituações norteadoras deste trabalho: as ideias de pertencimento, memória individual e memória coletiva são imprescindíveis para que nossa análise possa atingir seus fins. Os lugares de memória são poderosos instrumentos para que as noções de pertencimento de pessoas e comunidades inteiras possam ser constantemente reforçadas: as memórias coletivas e individuais são solidificadas também através das visitas a essas instituições. A disseminação de informações, através dos museus e memoriais reforça as noções de patrimônio definidas por Jacques Le Goff²⁷³, auxiliando os processos de rememoração da sociedade, além de evitar aquilo que o autor Paul Ricoeur²⁷⁴ define como o esquecimento de fuga, que levaria o indivíduo a se evadir em relação a seu próprio passado, causando possivelmente danos aos seus processos de rememoração, além de aumentar o risco dos mesmos atos serem praticados no futuro. As bases teóricas dos conceitos de memórias individuais e coletivas, defendidas por Maurice Halbwachs, são utilizadas neste trabalho para demonstrarem como a mentalidade dos alemães foi influenciada pelos processos de rememoração, esquecimento, silêncio e culpa com

²⁷² NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, nº 10, 1993.

²⁷³ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 2003.

²⁷⁴ RICOEUR, Paul. *A história, a memória, o esquecimento*. Campinas. Editora Unicamp, 2007.

relação à Segunda Guerra Mundial e ao Holocausto. Para Halbwachs²⁷⁵, a construção da memória individual passa pela memória coletiva, além das noções de pertencimento serem reforçadas por tal. Os processos de rememoração são evocados pelo presente, e nada melhor que museus e memoriais para fazerem com que as informações possam ser disseminadas de diversas formas, transmitindo aos visitantes não somente os dados puros e simples, mas também as visões e interpretações que os mesmos podem ter.

Para compreendermos as nuances das temáticas envolvidas neste trabalho, é importante salientarmos que os lugares de memória criados na Alemanha após a Segunda Guerra Mundial tiveram diversos objetivos. Devido às complexas questões por nós analisadas, envolvendo os processos de rememoração do conflito, podemos apontar que os museus e memoriais alemães acabaram por ser um reflexo fidedigno de todas as tendências que permearam os segmentos sociais tanto da RDA quanto da RFA e, posteriormente, da Alemanha unificada. Todavia, ao nos aprofundarmos no estudo de tais instituições, percebemos que tão importante quanto observarmos suas trajetórias, se faz necessário também uma visão mais apurada de suas mostras e exposições. Autores como Elizabeth Duclos-Orsello, Georges Didi-Huberman e Martine Joly salientam que as imagens dentro dos espaços expositivos devem ser foco de amplas análises: dentre outros pontos a serem abordados, a importância de suas contextualizações se reflete diretamente nos tipos de informações que serão disseminadas aos visitantes. As imagens são importantes meios de instrumentalização para a historicidade onde elas se incluem; no caso das representações imagéticas no que se refere à guerra e ao Holocausto para a Alemanha, as opções de cada instituição museal nos demonstram como cada lugar de memória enveredou para uma interpretação das temáticas a ela relacionadas, mostrando ao público suas visões sobre o que ocorrera.

Devido à grande capacidade dos museus e memoriais em se comunicarem com o público, transmitindo valores e idéias que são disseminadas com grande velocidade e penetração em diversas camadas sociais, as autoridades alemãs no Pós-Guerra se utilizaram dos mecanismos de rememoração de tais instituições para a transmissão de informações que demonstravam como gostariam que as temáticas relativas à guerra fossem rememoradas. Como demonstramos em nosso trabalho, tal situação tomou contornos ideológicos na RDA, dentro do contexto da Guerra Fria: ao salientarmos os

²⁷⁵ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo. Editora Vértice, 1990.

processos de criação e a trajetória do *Memorial and Museum Sachsenhausen*, através de uma profunda análise das informações contidas em seu *site* oficial, podemos perceber que a existência desse lugar de memória ficou intimamente atrelada ao regime político socialista do país, sendo que suas exposições e mostras, até 1989, serviram como um instrumento de propaganda ideológica que até mesmo distorceu episódios que ocorreram na época do Campo nazista, além de omitirem categoricamente a existência ali do “Campo Especial” soviético. A manutenção dos tabus sociais através das mostras e exposições na época da Alemanha Oriental foi demonstrada em nosso estudo, além das mudanças que ocorreram neste lugar de memória na década de 1990 em diante, com os debates sobre os rumos que a instituição deveria tomar dali em diante sendo um importante objeto para compreendermos melhor como os assuntos relativos às temáticas do Holocausto na Alemanha ainda são um assunto delicado e atual no cotidiano do país.

Uma parte salutar de nosso estudo sobre a memória e as representações da Segunda Guerra Mundial e da Solução Final na Alemanha do Pós-Guerra aos dias atuais está contida na análise que foi feita acerca do *Memorial aos Judeus Mortos na Europa*. A trajetória desse lugar de memória nos demonstra como as nuances relativas aos assuntos relativos ao genocídio dos judeus na Alemanha tiveram constantes modificações no decorrer das décadas, principalmente quando tratamos da Alemanha Ocidental. Os processos de elaboração, debate e construção do espaço museal nos demonstram como as questões relativas ao binômio “Guerra-Holocausto” se transmutam em representações diversificadas que alcançam diversos segmentos sociais. A própria expansão do lugar de memória para alcançar outras minorias que também sofreram com a perseguição nazista nos demonstra que a discussão sobre o papel da população na guerra vem se expandindo com o passar dos anos, apesar da resistência daqueles que ainda acreditam no silêncio e no esquecimento como forma segura do passado não render consequências no presente. Ao analisarmos o *site* do espaço, podemos perceber uma grande preocupação em demonstrar que a trajetória do lugar acabou sendo um importante ponto de inflexão das políticas governamentais de estruturação da memória do Holocausto na Alemanha: mesmo assim, podemos depreender das informações contidas acerca de exposições e mostras que ainda muito dos tabus sociais relativos ao conflito não estão totalmente resolvidos.

Tratar de temáticas tão delicadas para a memória da Alemanha torna-se um exercício de constantes recuos e avanços. Os processos de rememoração, esquecimento

e silêncio acerca da Segunda Guerra Mundial e da Solução Final no país tangenciam diversas temáticas que permeiam opiniões e sentimentos de grande parte da população. Seria uma tarefa hercúlea e praticamente impossível abordar cada nuance desses processos; procuramos então analisar e concluir que a mentalidade sobre a guerra e o Holocausto, para o povo alemão, foi continuamente construída e reconstruída, muito por conta das constantes mudanças de ordem política e social nas quais a Alemanha teve de enfrentar durante a segunda metade do século XX. A constituição de lugares de memória na RDA e RFA acabou por ser influenciada diretamente pelas condições políticas dos dois Estados dentro do contexto da Guerra Fria: os processos de rememoração do conflito e de temáticas a ele relacionadas como, por exemplo, o Holocausto acabaram por criar e reforçar tabus sociais que ainda atualmente tem grande repercussão na sociedade alemã. A reunificação do país, acompanhada de uma renovação no campo das ideias, fez com que a Segunda Guerra Mundial e o genocídio dos judeus viessem novamente a serem debatidos de maneira ampla na sociedade; contudo, apesar de avanços e da oxigenação das temáticas a ela relacionadas, notamos que os processos de rememoração ainda não são debatidos de maneira irrestrita, levando a uma superação do que ocorrera, segundo a ótica defendida por Jaspers.²⁷⁶

Os lugares de memória se inserem exatamente nessa lacuna, onde o esquecimento e o silêncio se confrontam com os processos de rememoração. Os museus e memoriais alemães, que tratam de temáticas relativas ao Holocausto no país, preenchem uma importante função na abordagem dos fatos históricos ocorridos: apesar das mudanças que ocorreram em muitas instituições antes e após a reunificação, a salvaguarda de informações e patrimônios relativos ao que acontecera é de importância inestimável para a continuidade da história e memória alemãs. Os museus e memoriais foram e ainda são instrumentos que contribuem sobremaneira para a construção da mentalidade da população sobre a Solução Final, mesmo que as abordagens sobre a mesma tenham se modificado com o passar dos anos. Suas atuações nos auxiliam para que haja um entendimento, mesmo que mínimo diante da complexidade do assunto, acerca do tratamento da memória sobre o Holocausto na Alemanha: os processos de rememoração persistem acontecendo no cotidiano do país, e os lugares de memória tem uma participação crucial para que os mesmos continuem a ocorrer ainda por gerações de

²⁷⁶ JASPERS, Karl. *El problema de la culpa: sobre la responsabilidad política de Alemania*. Barcelona, Espanha. Ediciones Paidós, 1998.

alemães. Os tabus sociais, mesmo que de forma mais branda, ainda são perceptíveis em alguns segmentos populacionais, mas, ao que tudo indica, serão cada vez mais diluídos com o passar dos anos.

Os lugares de memória que utilizamos como exemplos em nossa análise são um reflexo bastante ilustrativo das modificações nos contextos de rememoração do Holocausto. O *Memorial aos Judeus Mortos na Europa* sobreveio em um período de maior contestação social com relação ao silêncio e ao esquecimento do que havia ocorrido no período da guerra, e nos anos subsequentes. A própria trajetória de criação do *Memorial* nos demonstra que os debates na sociedade alemã foram consistentes, e passaram a abarcar não somente a construção ou não do lugar de memória, mas sim o que ele representava, e a visão de silenciamento que ele se propunha a romper. Os debates e discussões que o espaço abriga se coadunam com os objetivos governamentais e de parcela expressiva do tecido social em fazer com que assuntos referentes à guerra como, por exemplo, o Holocausto e a perseguição a homossexuais e ciganos, não fiquem mais relegados a segundo plano na história da Alemanha. O ambiente de contestação que sobreveio ainda na época da Alemanha Ocidental acabou por influenciar diretamente a elaboração do *Memorial* na década de 1990: devido aos diferentes caminhos que o espaço percorreu até sua inauguração já nos anos 2000, podemos perceber o quanto a temática do Holocausto ainda é sensível na sociedade alemã, mesmo décadas depois de seu fim.

O caso do *Memorial and Museum Sachsenhausen* é mais sintomático, ao demonstrar diversas das nuances nas quais a Alemanha teve no que se refere à rememoração da Solução Final. Durante o período da RDA, o espaço foi criado, para atender principalmente as demandas propagandísticas do regime ditatorial socialista do país, relegando os debates acerca do próprio “Campo Especial” soviético ao esquecimento. O final da Alemanha Oriental e a inserção do lugar de memória no país reunificado trouxeram uma oxigenação ao espaço, mas, ao mesmo tempo, celeumas que se originaram ainda na RDA foram novamente reavivadas, agora com liberdade de expressão maior dos envolvidos, trazendo impasses que se fizeram sentir nas exposições e mostras a partir da década de 1990, até o século XXI. O *Memorial* é um exemplo bastante interessante da trajetória da memória de boa parte da população com relação à guerra e ao Holocausto: desde sua criação, as representações do genocídio sofrido pelos judeus se coadunaram com o governo que os dava suporte, tornando a memória oficial

como a única representante dos acontecimentos que haviam ocorrido. A situação permaneceu praticamente imutável em boa parte da segunda metade do século XX, somente com alguns espasmos tendo ocorrido devido a alguns acontecimentos externos como, por exemplo, o Julgamento de Adolf Eichmann em Israel; somente com a queda da Alemanha Oriental um esforço realmente significativo para que o silêncio e o esquecimento do que ocorrera fosse suplantado, mesmo que de maneira gradativa, algo que passou a ocorrer em todo o país. O *Memorial* hoje está nessa fase de transição, onde as lembranças do espaço se confundem com a própria história da Alemanha no Pós-Guerra.

Martin Kitchen, no final de sua análise sobre a história alemã no século XX, afirma que:

“nenhuma das antigas desculpas será aceita, e os consolos oferecidos por uma má consciência por causa de um passado criminoso não mais oferecerão proteção contra a necessidade de enfrentar os ônus e as aflições da normalidade”²⁷⁷

Um dos maiores desafios da Alemanha no século XXI se refere a algo de grande importância, mas de difícil solução: acertar contas com seu próprio passado.

²⁷⁷ KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013, p.576.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Regina. *Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados*. Revista Estudos Históricos, nº 14, vol.7. Rio de Janeiro, 1994, pp.205-230.

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. São Paulo. Editora Boitempo, 2008.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 1999.

_____. *Le système totalitaire*. Paris, França. Editora Seuil, 1972.

_____. *Origens do totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BARTOV, Omer. *The Holocaust: Origins, Implementation, Aftermath*. Nova York, EUA. Editora Routledge, 2001.

BEATTIE Andrew. *Playing Politics with History: The Bundestag Inquiries into East Germany*. Nova York, EUA. Editora Berghahn Books, 2008.

BORDAGE, Roger. *Sachsenhausen, un museo mal concebido*. Revista Museum International UNESCO, nº 177, vol. 15. Paris, França, 1993, pp. 26-31.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 1998.

BEEVOR, Antony. *Berlim 1945: A Queda*. São Paulo. Editora Record, 2004.

BESSEL, Richard. *Alemanha, 1945: da guerra à paz*. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.

BRENDA-BECKMAN, Bas Von. *A German Catastrophe? German historians and the Allied bombings, 1945-2010*. Amsterdã, Holanda. Editora Vossiuspers UvA – Amsterdam University Press, 2010.

- BROWNING, Christopher. *Ordinary Men: Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution in Poland*. Nova York, EUA. Editora Harper Collins, 1998.
- BURUMA, Ian. *Ano Zero: Uma história de 1945*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2015.
- CARTER, Jennifer. *L'éthique dans les musées, créateurs de sens: nouvelles frontières, nouveaux enjeux*. In: *Musées, Société des Musées Québécois (SMQ)*, vol. 31, 2013. pp. 46-55.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. *Lembrar ou Repetir: práticas discursivas da imprensa na construção da memória do Holocausto*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação em Memória Social. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.
- CUDIPP, Edythe. *Adenauer*. Coleção Grandes Líderes. São Paulo. Editora Nova Cultural, 1989.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. “Quando as imagens tocam o real”. Belo Horizonte. *Revista Pós*, n°. 04, vol. 02, pp. 204-219.
- DE TORO MUÑOZ, Francisco Miguel. *La Memoria del Holocausto en Alemania: la memoria dividida*. *Revista Historia Social*. Espanha. Editora Fundacion Instituto de Historia Social, n°. 65, 2009, pp. 87-104.
- DUCLOS-ORSELLO, Elizabeth. *Shared Authority: The Key to Museum Education as Social Change*. Amsterdã, Holanda. *Journal of Museum Education*, n°. 02, vol. 38, Julho de 2013, pp.121–128.
- DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1993.
- EDKINS, Jenny. *Trauma and Memory of Politics*. Cambridge, Reino Unido. Editora University Press Cambridge, 2003.

EISENMAN, Peter. *Memorial aos Judeus Assassinados da Europa*. Lisboa, Portugal. Revista Arqa: Memórias Difusas, nº45, 2007, pp. 45-59.

ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 1997.

ESCHEBACH, Insa. *Soil, Ashes, Commemoration: Processes of Sacralization at the Ravensbrück Former Concentration Camp*. Revista History and Memory, nº 01, vol 23. Indianápolis, EUA. Editora Indiana University Press, 2011, pp 131-156.

FARMER, Sarah. *Symbols that Face Two Ways: Commemorating the Victims of Nazism and Stalinism at Buchenwald and Sachsenhausen*. Revista Representations, nº 49. San Francisco, EUA. Editora University California Press, 1995, pp. 97-119.

FINKELSTEIN, Norman. *A Indústria do Holocausto*. São Paulo. Editora Record, 2001.

FRIEDLÄNDER, Saul. *Nazi Germany and the Jews: The Years of Persecution (1933-1939)*. Nova York, EUA. Editora Harper Collins, 1998.

FRIEDRICH, Jorg. *O Incêndio – Como os Aliados destruíram as cidades alemãs (1940-1945)*. Rio de Janeiro. Editora Record, 2008.

GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler: consentimento e coerção na Alemanha nazista*. Rio de Janeiro. Editora Record, 2011.

GIORDANO, Ralph. *Die zweite Schuld Oder Von der Last Deutscherzusein*. Colônia, Alemanha. Editora Kiepenheuerund Witsch, 2000.

GOLDHAGEN, Daniel. *Os Carrascos Voluntários de Hitler*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 1997.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Direitos e cidadania: memória, política e cultura*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2007.

GRAYLING, Anthony Clifford. *Among the Dead Cities The History and Moral Legacy of the WWII Bombing of Civilians in Germany and Japan*. Londres, Inglaterra. Editora Walker & Company, 2007.

GRIN, Mônica. *Reflexões sobre o direito ao ressentimento*. In: GRIN, Mônica, ARAUJO, Maria Paula, FICO, Carlos. (Org.). *Violência na História: Memória, Trauma e Reparação*. Rio de Janeiro. Editora Ponteio, 2012, pp. 127-141.

HALBWACHS. Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo. Editora Vértice, 1990.

HASTINGS, Max. *Inferno: O Mundo em Guerra - 1939-1945*. Rio de Janeiro. Editora Intrínseca, 2011.

HEITZER, Enrico. *Dealing with multiple pasts: Conflicts and Memory Politics in the Sachsenhausen Memorial since 1989*. Revista The Journal of Social Policy Studies, nº 3, vol. 13. Moscou, Rússia, 2015, pp. 489-500.

HERF, Jeffrey. *Divided Memory: Nazi Past in the Two Germanys*. Cambridge, EUA. Editora Harvard University Press, 1999.

HERNÁNDEZ, Diego Íñiguez. *El gran momento de la RDA*. Revista Política Exterior, Espanha, nº 132, vol.23, pp. 55-68.

HEUSER, Beatrice. *Museums, Identity and Warring Historians-Observations on History in Germany*. The Historical Journal 33, nº. 2, 1990, pp. 417-440.

HILBERG, Raul. *The Destruction of the European Jews*. Chicago, EUA. Editora Quadrangle Books, 1961.

_____. *The Politics of memory: The Journey of a Holocaust Historian*. Chicago, EUA. Editora Ivan R. Dee, 1996.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o Breve Século XX, 1914-1989*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 1995.

HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro. Editora Contraponto, 2014.

_____. *Present Pasts: Urban Palimpsests and the politics of Memory*. Palo Alto, EUA. Editora Stanford University Press, 2003.

_____. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro. Editora da Universidade Cândido Mendes, 2000.

IRVING, David. *A Destruição de Dresden: A Anatomia de uma Tragédia*. São Paulo. Editora Nova Fronteira, 1963.

INGRAO, Christian. *Crer e Destruir: Os intelectuais na máquina de guerra da SS nazista*. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 2015.

JASPERS, Karl. *El problema de la culpa: sobre la responsabilidad política de Alemania*. Barcelona, Espanha. Editora Ediciones Paidós, 1998.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas. Editora Papirus, 2003.

JUDT, Tony. *Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2008.

KAMINSKY, Anne. *Campos soviéticos em Alemanha, 1945-1950: Museos Memoriales*. Revista História, Antropologia y Fuentes Orales. Barcelona, Espanha, nº 20, 1998, pp. 105-113.

KEMPE, Frederick. *Berlim, 1961: Kennedy, Khrushchov e o lugar mais perigoso do mundo*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2013.

KITCHEN, Martin. *História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias atuais*. São Paulo. Editora Cultrix, 2013.

KOSHAR, Rudy. *From Monuments to Traces: Artifacts of Germany Memory (1870-1990)*. Los Angeles, EUA. Editora University California Press, 2000.

KRUSE, Irène. *Le Mémorial de L'Holocaust de Berlin*. Revista Vingtième Siècle, nº 67. Paris, França, 2000, pp. 21-32.

LACAPRA, Dominick. *Representar el Holocausto: historia, teoria y trauma*. Buenos Aires, Argentina. Editora Promete Libros, 2008.

LEVI, Primo. *É isto um homem*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1988.

_____. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1990.

LIMA, João Gabriel; BAPTISTA, Luis Antônio. *Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin*. In: Revista Princípios, vol. 20, 2013, pp. 449-484.

- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas. Editora UNICAMP, 2003.
- LOWE, Keith. *Continente selvagem: O caos na Europa depois da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 2017.
- LÜBBE, Hermann. *Der Nationalsozialismus im politischen Bewusstsein der Gegenwart*, in BROSZAT, Martin (org.). *Deutschlands Weg in die Diktatur: Internationale Konferenz zur nationalsozialistischen Machtübernahme im Reichstagsgebäude zu Berlin*. Berlim, Alemanha Ocidental, 1983, pp. 329–349.
- MANDELBAUM, Enrique. *Algumas considerações sobre judeus, judaísmo e antissemitismo*. São Paulo. Revista USP, nº 93, pp. 225-237.
- MARGALIT, Gilad. *Guilt, Suffering, and Memory: Germany Remembers Its Dead of World War II*. Bloomington, EUA. Editora Indiana University Press, 2010.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *Do teatro da memória ao laboratório da história: A exposição museológica e o conhecimento histórico*. Anais do Museu Paulista, nº. 1, vol. 3, 1995, pp. 01-27.
- MOELLER, Robert. *War Stories: The Search for a Usable Past in the Federal Republic of Germany*. Berkeley, EUA. Editora University of California Press, 2001.
- MORSCH, Gunter; REICH, Ines. *Soviet Special Camp nº. 7 in Sachsenhausen (1945–1950)*. Berlim, Alemanha. Editora Metropol, 2005.
- MUCHITSCH, Wolfgang. *Does war really belong in museums? The Representation of Violence in Exhibitions*. Bielefeld, Alemanha. Editora Transcript Verlag, 2013.
- NIVEN, Bill. *Facing the Nazi Past: United Germany and the Legacy of the Third Reich*. Londres, Inglaterra. Editora Routledge, 2002.
- NIVEN, Bill; PAVER, Chloe. *Memorialization in Germany Since 1945*. Londres, Inglaterra. Editora Palgrave Macmillan, 2010.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, nº 10, 1993, pp.07-28.

OVERY, Richard. *The Bombing War: Europe 1939-1945*. Londres, Inglaterra. Editora Allen Lane, 2013.

PFLEIDERER, Georg. *Gewissen und Öffentlichkeit: Ein Deutungsvorschlag zur Walser-Bubis-Kontroverse*. In: *Revista Zeitschrift für evangelische Ethik*. Munique, Alemanha, nº 43, 1999, pp. 247-261.

PLATO, Alexander von. *La reunificación de Alemania: Polémicas e Interpretaciones*. Espanha, nº 29. *Revista Historia, Antropologia e Fontes Orales*, 2003, pp. 31-46.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº 03, vol. 2, 1989, pp. 03-15.

READING, Anna. *Digital interactivity in public memory institutions: the uses of new technologies in Holocaust museums*. Londres, Reino Unido. *Journal Media, Culture and Society*, nº 01, vol. 25, pp. 67-85.

REICHEL, Peter. *L'Allemagne et sa mémoire*. Paris, França. Editora Éditions Odile Jacob, 1998.

RICOUER, Paul. *A história, a memória, o esquecimento*. Campinas. Editora Unicamp, 2007.

ROBERTS, Andrew. *A Tempestade da Guerra. Uma Nova História da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo. Editora Record, 2012.

ROBERTS, Mary Louise. *What Soldiers Do: Sex and the American G.I. In World War Two France, 1944-1946*. Chicago, EUA. Editora University of Chicago Press, 2013.

ROLLAND, Denis. *Internet e história do tempo presente: estratégia de memória e mitologias políticas*. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, nº. 16, 2004, pp. 59-92.

SEBALD, Winfried Georg. *Guerra Aérea e Literatura*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2011.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. *Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento*. In: SELIGMANN-SILVA, Marcio (Org.). *História, Memória,*

Literatura. O testemunho na era das Catástrofes. Campinas. Editora da UNICAMP, pp. 59-89, 2003.

SERENY, Gitta. *O trauma alemão: experiências e reflexões (1938-2000)*. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 2007.

STUHLPFARRER, Karl. *The Strangl Case: Perceptions and Memories of Nazi-Perpetrators and Jewish Survivor of the Holocaust*. Revista Acta Historiae. Koper, Eslovênia, vol. 12, 2004, pp. 321-330.

TAYLOR, Frederick. *Dresden: Terça Feira, 13 de Fevereiro de 1945*. Rio de Janeiro. Editora Record, 2011.

_____. *Exorcising Hitler: the occupation and desnazification of Germany*. Londres, Inglaterra. Editora Bloomsbury Publishing, 2011.

TILL, Karen. *The New Berlin. Memory, Politics, Place*. Minneapolis, EUA. Editora University of Minnesota Press, 2005.

TODOROV, Tzvetan. *Em face dos Extremos*. Campinas. Editora Papyrus, 1995.

_____. *Los abusos de la memoria*. Barcelona, Espanha. Editora Paidós, 2000.

VALIUNAS, Algis, MUÑOZ, Gustau. *Fuego desde el cielo*. Revista Pasajes nº 26. Valencia, Espanha. Editora PublicationsUniversitat de Valencia, 2008, pp. 62-71.

VOEGELIN, Eric. *Hitler e os alemães*. São Paulo. Editora É Realizações, 2008.

YAMAMOTO, João. *Entre Eisenman, Berlim e o Memorial*. Dissertação de Mestrado. Área de Concentração: Design e Arquitetura. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

YATES, Dame Frances. *Art of Memory*. Chicago, EUA. Editora University of Chicago Press, 1974.

ZEHFUSS, Maja. *Wounds of Memory: The Politics of War in Germany*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

FONTES

Auschwitz-Birkenau Memorial and State Museum. Disponível em: <<http://auschwitz.org/en/museum/news/>>. Acesso em 07 fev. 2017.

DEUTSCHER BUNDESTAG. *Stenographischer Bericht zur 48. Sitzung* de 25 de junho de 1999. Bonn, Alemanha, 1999.

Deutsches Historisches Museum. Disponível em: <<http://www.mhm-gatow.de/>>. Acesso em 19 jan. 2017.

Deutsches Panzermuseum Munster. Disponível em: <<http://www.panzermuseum-munster.de/index.php?id=home>>. Acesso em 22 jan. 2017.

Dokumentation Obersalzberg - Institut für Zeitgeschichte Munich - Berlin. Disponível em: <<http://www.obersalzberg.de/obersalzberg-home.html?&L=0>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Dokumentationszentrum Reichsparteitagsgelände – Museen der Stadt Nürnberg. Disponível em: <<http://www.museen.nuernberg.de/dokuzentrum/>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

Gedenkstätte Bergen-Belsen. Disponível em: <<http://bergen-belsen.stiftung-ng.de/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

German-Russian Museum Berlin-Karlshorst. Disponível em: <<http://www.museum-karlshorst.de/en.html>>. Acesso em: 29 jan. 2017.

International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA). *Open Letter from the International Sachsenhausen Committee to the President and Members of the European Parliament*, Declaração de 11 de Novembro de 2011. Disponível em: <<https://clck.ru/9X8Me>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

KZ-Gedenkstätte Dachau. Disponível em: <<http://www.kz-gedenkstaette-dachau.de/angebote.html>>. Acesso em: 08 fev. 2017.

Institut für Zeitgeschichte, Munich – Berlin. Disponível em: <<http://www.ifz-muenchen.de/das-institut/>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

MilitärHistorischesMuseum. Disponível em: <<http://www.mhm-gatow.de/>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

Memorial andMuseumSachsenhausen. Disponível em: <<http://www.stiftung-bg.de/gums/en/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

Nationale Mahn und Gedenkstätte Buchenwald. Disponível em: <<http://www.buchenwald.de/de/74/>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

NS-Dokumentationszentrum der StadtKöln. Disponível em: <<http://www.museenkoeln.de/ns-dokumentationszentrum/pages/314.aspx?s=314>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

Portal Crimes Nazistas. Disponível em: <<https://crimesnazistas.com.br/o-portal/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

StiftungDenkmalfür die ermordetenJuden Europas. Disponível em: <<http://www.stiftung-denkmal.de/de/startseite.html>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

Yad Vashem – The World Holocaust Remembrance Center. Disponível em: <<http://www.yadvashem.org/>>. Acesso em: 12 fev. 2017.